Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23224 — DIRECTOR MÁRIO MESQUITA DIRECTORA ADJUNTA DIANA ANDRINGA — QUINTA-FEIRA 19 ABRIL 90 — 60$00

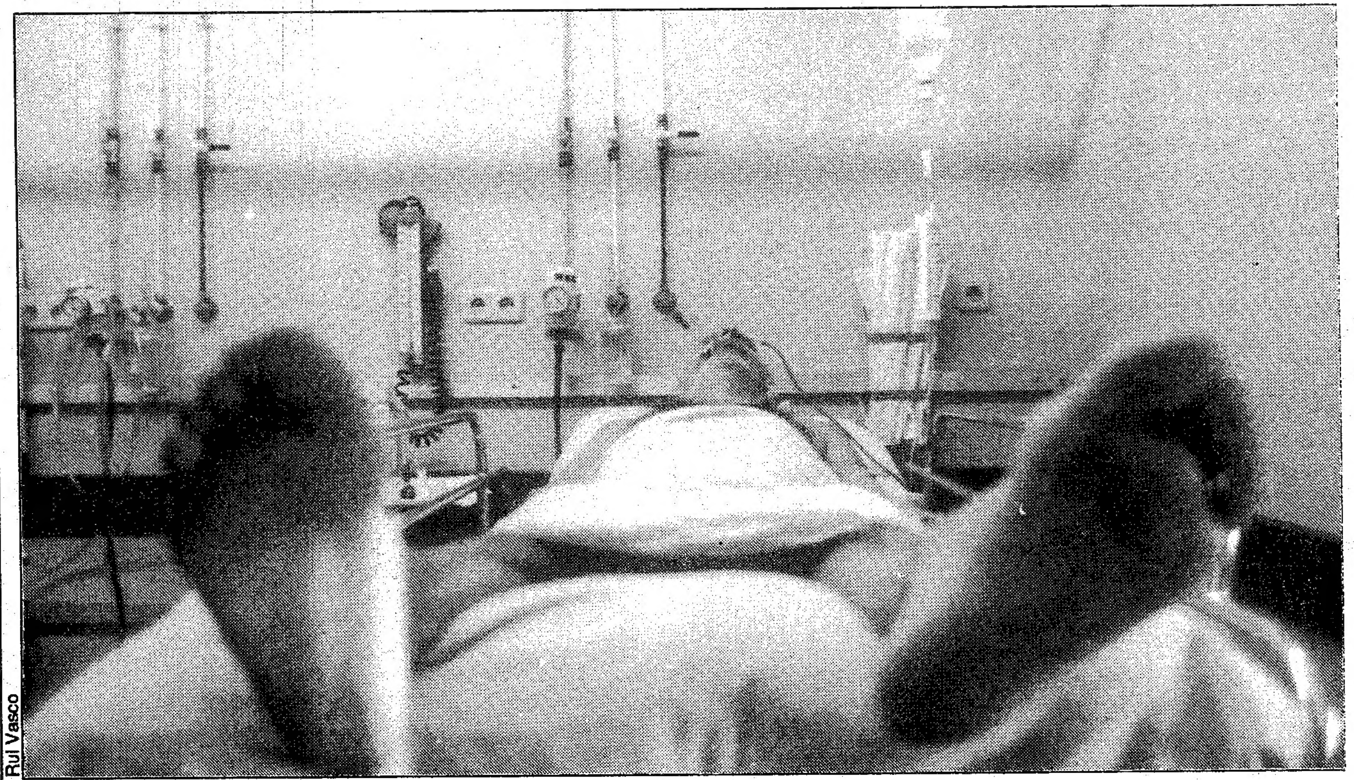
Um dia na Urgência de S. José

A doença de um grande hospital

«Até nem é dos dias piores. Às vezes chegam a alinhar-se aqui filas de três macas, e hoje só vê duas!» Mais palavras para quê? É a urgência de um hospital central português, o corredor da urgência de um grande hospital português, e quem fala é o chefe da equipa de serviço, quando o DL o visitou. E acrescenta: «Quando as filas são três, temos de fazer ginástica para assistirmos aos doentes.»

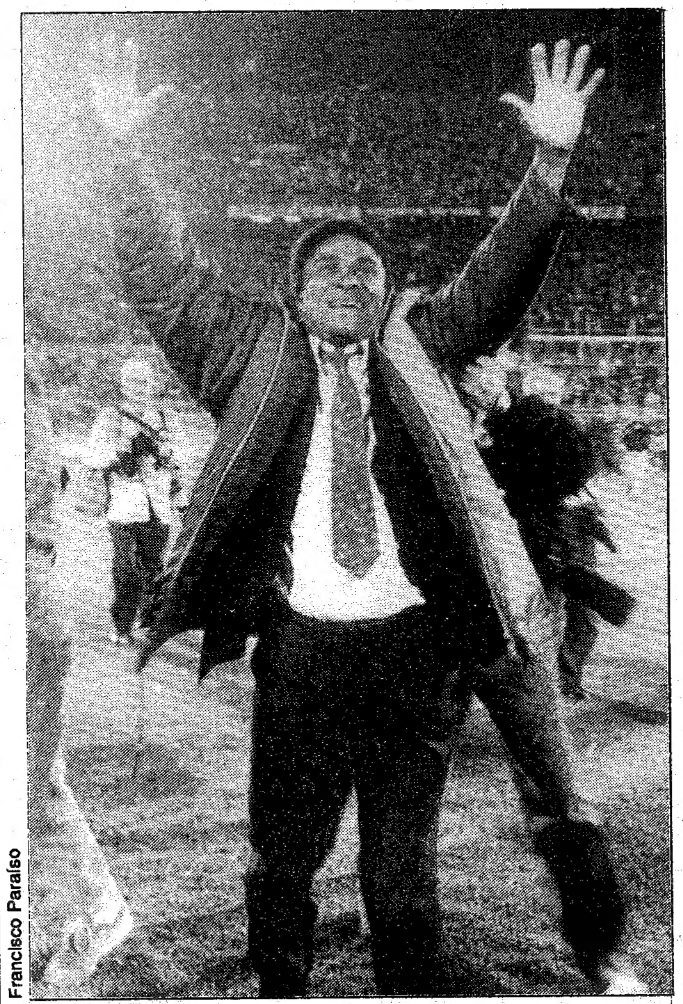
Neste «hospital de campanha» em tempo de paz falta um pouco de tudo: espaço, macas, camas. Tudo menos doentes, muitos dos quais, dizem os médicos, deveriam ter sido observados em outros locais: «Setenta e cinco por cento deveriam ser atendidos nos Cuidados de Saúde Primários, Serviços de Atendimento Permanente ou Centros de Saúde», afirma um jovem interno. Mas por qualquer motivo essas instâncias falham, e as pessoas acorrem a S. José. Por uma dor, um desmaio, um acidente. Tanto pior se isso complica a vida de médicos e enfermeiras, impossibilita um melhor atendimento, provoca o desespero de doentes e familiares. O que não pode é ningém ficar por observar - e por isso se faz ginástica, não só de espaço, mas também de tempo - com todas as consequências negativas que essa ginástica tem.

Um jornalista do DL passou um dia na urgência de S. José. Ouviu as queixas de doentes, de médicos e de enfermeiras, e conta-lhe a experiência. Págs. 2, 3 e 4



Rui Vasco

Há falta de tudo, excepto doentes



Francisco Paraíso

Eusébio na explosão da vitória

Benfica em Viena

A sorte deu uma mãozinha

Foi apenas a sete minutos do fim que a bola, impelida por Vata, tocou o fundo das redes de Castañeda, no solitário golo que chegou e sobrou para o Benfica estar pela sétima vez numa final europeia, ganhando passaporte para o Prater vienense, onde o FC do Porto já conquistou uma coroa do futebol uefeiro. O tento do angolano levou ao rubro os apaniguados do Olympique de Marselha, em polvorosa contra o árbitro belga que não viu que o braço do benfiquista tocou o esférico no momento do impulso para as malhas. Reportagem nas págs. 23, 24 e 25 com o patrocínio de

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES SOS CTC OS PROFISSIONAIS DO SOM, TELEVISÃO E DO VÍDEO

Anabela Loureiro

Dominique Pouchin no Colóquio/DL

Portugal 75: o último palco leninista

Mário Soares preside esta tarde à sessão de encerramento do Colóquio «O 25 de Abril revisitado pelos *media* internacionais», promovido pelo «Diário de Lisboa». Durante três dias reuniram-se no Forum Picoas diversas personalidades que foram testemunhas directas da « revolução dos cravos». Entre elas, os correspondentes estrangeiros que deram a imagem da evolução da democracia portuguesa. Foi o caso de Dominique Pouchin, actual chefe de Redacção do «Libération», que reexaminou a sua análise da revolução de Abril, enquanto enviado especial do «Le Monde», considerando o período de 1974/75 como «o último teatro revivalista do leninismo na Europa». Págs. 16, 17 e 18

Hoje: Suplemento Literário

DL

De Klerk rejeita sistema um homem/um voto — *Pág. 11*

URSS corta fornecimento de petróleo à Lituânia — *Pág. 11*

Angola retirou credenciais ao correspondente da RTP — *Pág. 9*

Futebol e miniférias deixaram PSD com 10 deputados — *Pág. 6*

GRANDE ANGULAR

Médicos, enfermeiros e auxiliares fazem das tripas coração neste hospital central em que o corredor da sala de observações é, quase diariamente, a sua maior enfermaria

Banco de S. José sem camas nem macas

Paula Tocha é uma jovem bombeira dos Voluntários Lisbonenses que, diariamente, vai quatro vezes, e mais, ao Hospital de S. José, com doentes e sinistrados. Não se lembra de, alguma vez, ali chegada, ter encontrado uma maca à mão para completar um serviço e apressar-se para acorrer a outro. Já sabe o que a espera: depois de fazer a ficha de inscrição para a «urgência» terá de aguardar, na ponta de um enorme corredor que dá acesso à sala de observações (SO), até que vague uma maca do hospital. A chamada Sala de Observações tem 24 camas, seis em cada sala. Na «urgência» de S. José entram por dia entre 600 a 700 doentes, dos quais 75 por cento desnecessariamente.

Com os Cuidados de Saúde Primários a funcionarem, esse número poderia baixar substancialmente. Se isso fosse verdade, a assistência seria outra: muito melhor. As condições de recepção e acolhimento diferentes: sem razões para queixa. Um sonho, uma quimera no Hospital de S. José, onde a aventura é um teste diário. Onde desaguam ambulâncias de vários pontos do País, do Ribatejo ao Algarve. Desde a Chamusca, Benfica do Ribatejo (da junta de freguesia) e Santarém, a Setúbal, Cacilhas, Évora e Faro.

É à volta de macas e de camas que se ergue uma boa parte das carências do Hospital de S. José. Muda-se a ordem das sílabas e vai dar tudo ao mesmo: macas, camas, camas e macas. As letras são as mesmas, é só trocar as sílabas. É nelas que assenta o drama de S. José, que, há dias, acompanhámos, durante quase 24 horas.

Não há «balcões» - onde se faz a triagem dos doentes -, não há SO, não há macas que resistam. Os sinistrados entram, são observados, ficam internados ou passam para a lista de transferências, mas a rectaguarda não tem capacidade de resposta imediata nos Hospitais Civis de Lisboa (HCL). É a espera. Que por vezes demora horas, dias.

É - di-lo quem sabe - o caos a que médicos, enfermeiros e demais pessoal se acostumaram e sem o qual, tão familiarizados como estão, já nem se saberiam movimentar se o quadro fosse alterado.

Paula Tocha sabe disso, mas não perdoa o facto de nunca haver uma maca livre para si, para libertar a dos Voluntários Lisbonenses. Por isso se impacienta. Aguarda que a maca da sua corporação fique livre, regressando à ambulância para nova viagem, nova chamada, mais um socorro. Esperar também faz parte da sua profissão.

Dois e três dias no corredor

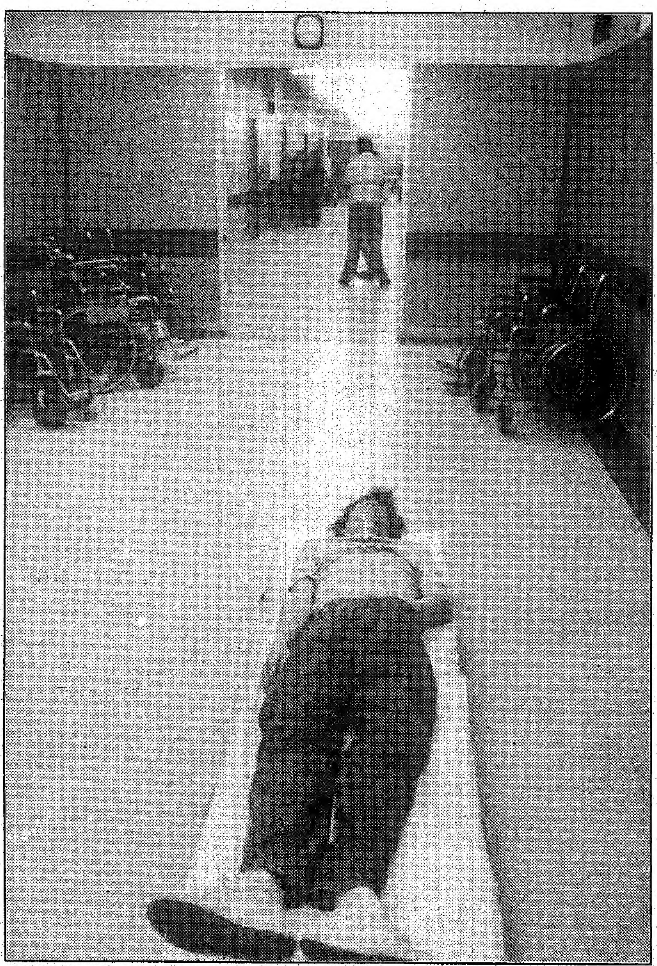
No dia em que o «DL» esteve em S. José, Paula Tocha voltou a ter de esperar, das três vezes que ali teve de ir. «Já não tenho paciência para isto», desabafou, da segunda vez que com ela falámos. É conhecida de todo, ou quase todo, o pessoal da «urgência» do rés-do-chão de S. José. De todas as vezes barafustou, protestou pelo atraso.

Conhece os cantos à casa, sabe que há falta de macas (não há espaço para mais no corredor que serve de enfermaria na Sala de Observações para mais), mas não compreende a razão por que há sempre uma maca à espera do pessoal da Cruz Vermelha Portuguesa e raramente se manifesta a mesma disponibilidade para com os Voluntários Lisbonenses.

Estava furibunda quando a abordámos. Estava enervada não por passar da sua hora de saída, mas por não poder libertar, com tanta prontidão quanto a desejada, a maca da sua corporação. «Agora vou buscar uma transferência inter-hospitalar ao Miguel Bombarda. Quero ver, quando aqui chegar, se também não haverá maca», palpitou.

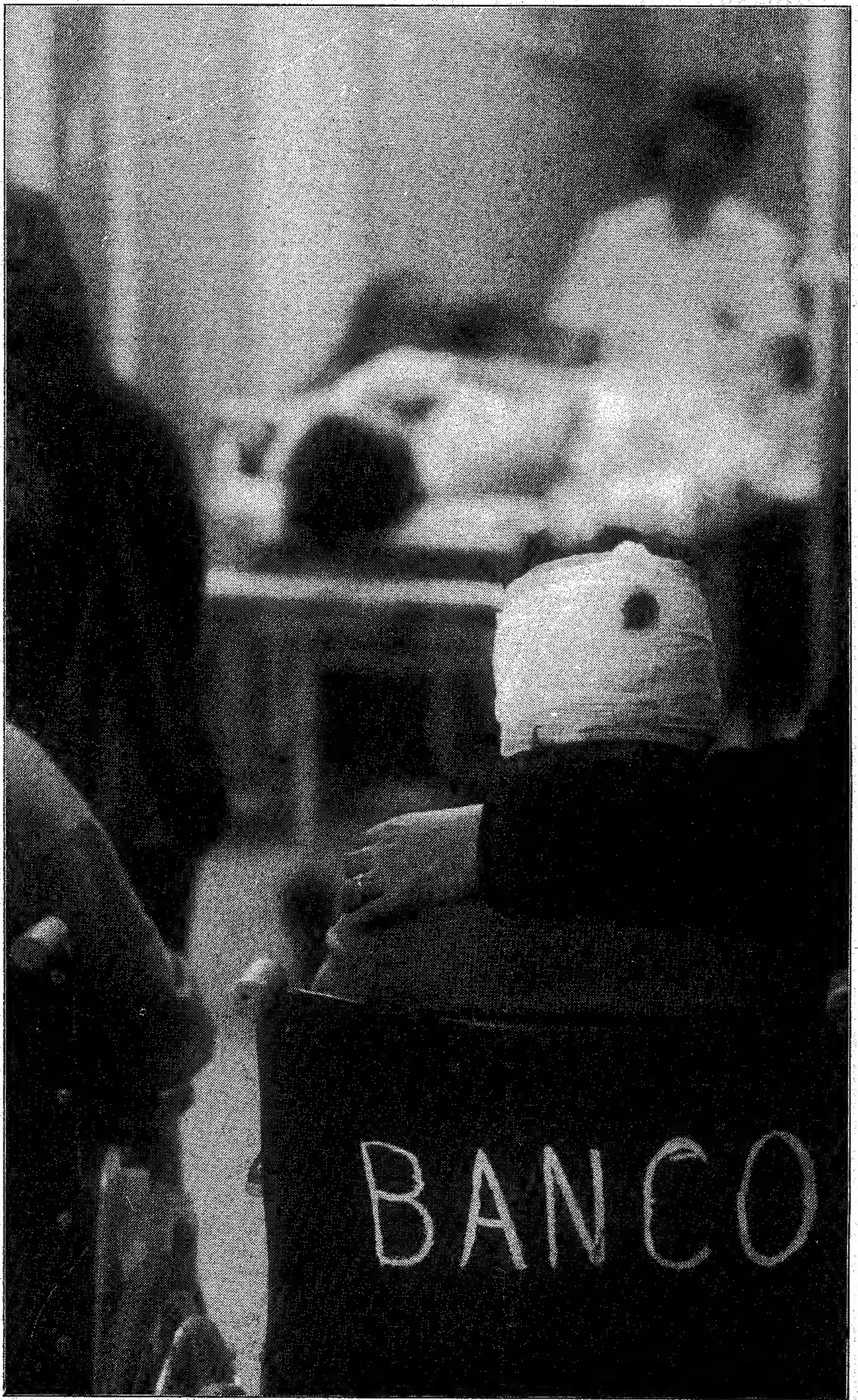
Doentes aguardavam nessa enfermaria improvisada a vez de serem assistidos, alguns há dois e três dias; outros ansiavam pela transferência para o Desterro, Curry Cabral, Arroios, São Lázaro, conforme os casos. O quadro em S. José é invariavelmente este: ambulâncias que chegam, macas que escasseiam, doentes que por camas vagas em outros serviços e hospitais, azáfama no rés-do-chão.

A juntar a isso, ventiladores (aparelhos de respiração assistida) que não chegam para as encomendas (a Unidade de Urgência Cirúrgica tem apenas cinco ao seu dispor, havendo apenas outro na Sala de Observações); e o elevador número oito, que é crucial que funcione, que não esteja desnecessariamente ocupado, porque é através dele que muitas vidas em perigo são transportadas da



Rui Vasco

Um toxicodependente à espera de vez no corredor que funciona como enfermaria



Rui Vasco

Há quem não tenha maca e vá para o SO num carro como este, transportado por um familiar, um amigo ou um bombeiro

Saúde apenas recebe 3,5 por cento do PIB

O que se passa no Hospital de S. José é, para alguns dos médicos que a nossa reportagem contactou, uma «opção política no domínio da saúde» que se traduz em 3,5 por cento do Produto Interno Bruto (PIB).

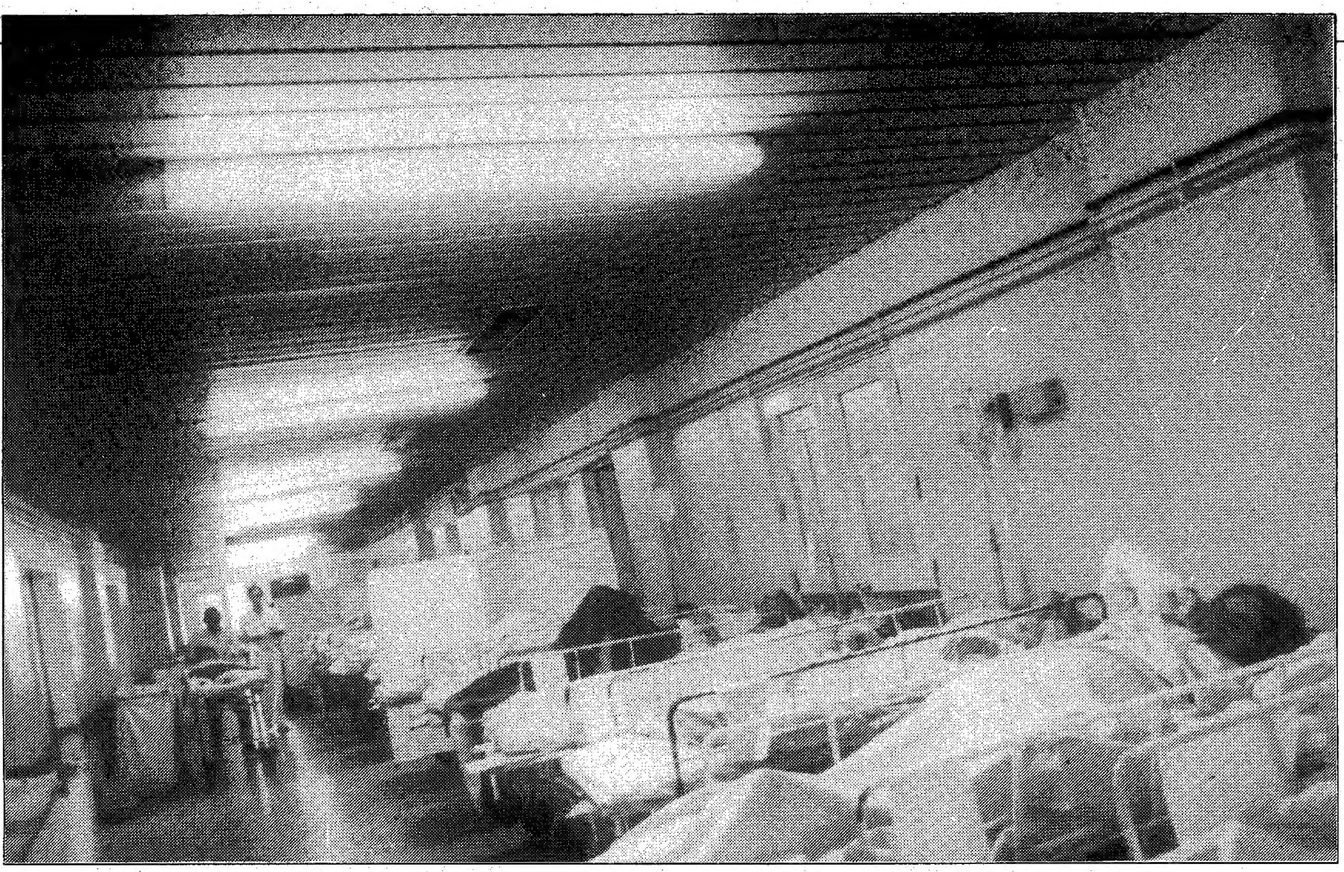
É uma opção que não é deste partido nem deste Governo: é de todos os que o antecederam. «Mas erros assim pagam-se caros», alertou um deles, insatisfeito com a reportagem que a RTP apresentou na «Hora da Verdade», porque «pouco do que dissemos foi aproveitado», acrescentou.

No Hospital de S. José não há uma hierarquia funcional, o que «leva ao desperdício de excelentes profissinais que aqui trabalham», disse o mesmo médico, segundo o qual é «sempre imprevisível o que poderá acontecer nas urgências».

Segundo ele, Portugal tem investir nos Cuidados de Saúde Primários e nos serviços hospitalares. «Não podenos cometer os erros que cometeram os ingleses, cujos serviços hospitalares estão praticamente falidos. Enquanto em Portugal se espera dois meses por um internamento, na Inglaterra espera-se dois anos», assegurou.

«Temos aqui a maior urgência do Mundo. Apesar das carências de meios, obtemos os melhores resultados. Isto é um milagre diário», concluiu o mesmo cirurgião, queixando-se da falta de ventiladores e outro equipamento, bem como do facto da Ordem não reconhecer a especialidade maxilo facial, «um dos serviços mais activos e interessantes deste hospital», garantiu.

J.R.



Rui Vasco

Corredor transformado em enfermaria: exemplo da imaginação nacional na área da saúde

«urgência» do rés-do-chão para a «urgência» do 2º piso. Situação rara: uma «urgência» desconcentrada, mas sem proveito imediato, aparentemente. Até há bem pouco tempo a urgência centrava-se no rés-do-chão- Mudam-se os tempos...

Cuidados Primários não funcionam

À entrada do já célebre corredor da «urgência» do Hospital de S. José os problemas multiplicam-se como cogumelos. Cada doente é um caso, ele há doentes de tudo e por tudo. E também há os que, sem um Serviço de Atendimento Permanente, ou porque os Centros de Saúde preenchem cada vez menos o seu espaço (não existe neles uma relação humana firme entre médico e doente), confiam mais no S. José que em outro serviço qualquer.

É, por isso, sempre arriscado tentar adivinhar a hora da «grande invasão», que neste hospital se pode repetir várias vezes ao dia. Para os casos que deveriam ser tratados nos Cuidados de Saúde Primários há, em S. José, um espaço próprio, entre os «balcões» da «urgência» para homens e mulheres: uma sala de espera acanhada, onde se aguarda a chamada para a análise, o raios X e a consulta de otorrino, dermatologia, gastroenterologia fisioterapia, oftalmologia ou cardiologia, muito perto da pequena cirurgia.

Carências, necessidades e paciência prendem as pessoas, horas e horas, a cadeiras quase gastas. Na sala de descanso dos médicos do SO falta muito cabedal a uma das cadeiras onde se revesam no repouso. Os cirurgiões do 2º piso, da Unidade de Urgência, não têm onde pendurar a roupa, e despem-se ou mudam-se pedindo licença à médica ou às médicas que com ele ou eles entram ou saem de turno.

A vida continua, a luta contra a morte também, a espera por uma maca , idem, aspas. É a «urgência» do S. José com toda a crueza, a dor e a revolta instaladas no corredor. Corredor que muitos doentes chegam a ocupar (numa maca) vários dias, até serem devidamente assistidos. Gesso num membro, cabeças partidas, hematomas no corpo : cada doente tem a sua história.

Rui Vasco

Sinistrado aguarda numa das quatro unidades do SO o momento de ser radiografado

Rui Vasco

A espera de vez na sala de observações mostra-nos diariamente cenas como esta

E esperam dias a fio, vendo outros que para terem também ali lugar passaram pelo «balcão», pela triagem - e vão aguardando que na rectaguarda haja vagas nos estabelecimentos dos Hospitais Civis de Lisboa que funcionam articuladamente com o S. José. Isto é: naquilo a que chamam a rectaguarda.

Macas e camas dominam as carências em S. José. A luta por macas e a espera de camas para transferir doentes internados tornam três dos seus pisos receio e atracção de toda a gente. Mas em nenhum dos outros, a não ser no rés-do-chão, o espectáculo se compara a esse.

O corredor é outra enfermaria. Já célebre, por sinal. Por isso lhe chamam, em S. José, «hospital de campanha». Acolhe e recolhe por vezes mais de sessenta doentes aguardando transferência, que ficam no SO até que vague uma cama no serviço a que se destinam. Enquanto ali permanecem, são alimentados por enfermeiras e pessoal auxiliar, mas quase não pregam olho dias a fio.

Edite Barradas, uma jovem médica do internato geral que estava (no dia da visita que o «DL» aí fez) de serviço ao «balcão» dos homens - por onde, aliás, todos têm de entrar para serem internados-, disse ao «DL» que se sentia «como num hospital de campanha». O chefe de equipa da Sala de Obervações, nesse dia (Ramiro Carvalho), confiou-nos que «até nem é dos dias piores. Às vezes chegam a alinhar-se aqui filas de três macas, e hoje só vê duas. Quando são três,

Continua na página 4

COMENTÁRIO

Feios porcos e maus

Os números são assustadores: um hospital recebe 600 a 700 doentes por dia e, como apenas dispõe de 24 camas na sala de observações, empilha sinistrados nos corredores, instala outros em macas, funciona como se estivesse em tempo de guerra. A tudo isto há a somar a escassez de ventiladores para respiração assistida, o mau dimensionamento de uma unidade de saúde onde os elevadores «entopem» carregados de feridos, o cansaço das equipas médicas e de enfermagem, insuficientes para a assistência que se lhes pede.

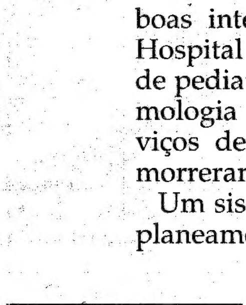
O Hospital de S. José é em si um pesadelo, agravado nos serviços de urgência. E, como se fosse um sonho mau, toda a gente evita falar nisso. Há anos que as condições de funcionamento são conhecidas; sabe-se há muito que parte dos doentes que recorrem ao banco do principal hospital civil de Lisboa, lá chegam por não terem assistência nos centros de saúde, e também porque faltam, em hospitais concelhios, especialistas e material para tratar um ferido grave, uma criança intoxicada, um acidentado de trabalho. Mas os corredores da urgência de S. José representam mais do que isso: são a casa daqueles que outro lugar não têm onde dormir e o «asilo» onde, no Verão, famílias deixam parentes velhos e acamados antes de partirem de férias. O hospital representa, afinal, a medida exacta de um terceiro-mundismo incómodo, que se ignora ou denega.

Leonor Beleza tentou enfrentá-lo quando, em Abril de 1987, em vésperas das eleições que deram maioria absoluta a Cavaco Silva, inaugurou à pressa o Hospital de S. Francisco Xavier. Anunciado como a «terceira urgência» de Lisboa, capaz de, em conjunto com Santa Maria, dar apoio à população da zona Ocidental de Lisboa, o hospital situado no Restelo revelou-se incapaz de cumprir as funções para que tinha sido criado e - ironia do destino - acabou por ser a principal causa de seu afastamento do Ministério da Saúde, envolta em acusações de corrupção e nos escuros métodos de trabalho de Costa Freire.

Há pouco mais de três semanas, Arlindo de Carvalho, titular da pasta da Saúde, fez saber que tencionava redimensionar as urgências, transformando S. José num centro de acidentados, e distribuindo os restantes doentes pelos hospitais de Lisboa, consoante as especialidades prevalentes em cada um.

Resta saber se alguém acreditou nessas boas intenções, quando se sabe que no Hospital de D. Estefânia, a unidade-chave de pediatria, faltam especialistas em oftalmologia infantil, funcionam mal os serviços de hemodiálise e, o ano passado, morreram crianças com sarampo.

Um sistema de saúde eficaz depende de planeamento global e verbas desafogadas, enquanto por cá reina o improviso, feito de preferência com verbas mínimas. Este ano o «budget» da saúde volta a ser restrito, não ultrapassa 3.5 por cento do Protudo Interno Bruto. É esse o índice da nossa vergonha e enquanto assim for os corredores de S. José, como os dos restantes hospitais do País, hão-de continuar feios, porcos e maus - atulhados de doentes.



Maria Guiomar Lima

Um dia na maior «urgência» do Mundo

Continuação na página 3

todos temos que fazer ginástica para assistirmos os doentes», disse-nos.

Jorge Narciso, um jovem médico do internato complementar do turno de Ramiro Carvalho - há sempre um médico diferenciado nos «balcões» - corroborou o que o seu chefe de serviço nos assegurou (e que ouviríamos em todos os serviços da urgência): mais de 75 por cento dos 600 a 700 doentes que ali entram «deveriam ser atendidos nos Cuidados de Saúde Primários, Serviços de Atendimento Permanentes (SAP) ou Centros de Saúde».

Quem é o culpado pelo caos ?

«Assim, é impossível evitar esta avalanche, este caos de que não somos culpados», disse um médico que assistia à conversa. Os enfermeiros são da mesma opinião: a enfermeira-chefe Ester Alves reforçou essa ideia, na curta troca de impressões que connosco manteve.

GRANDE ANGULAR

É uma aventura adoecer subitamente, ter um acidente, necessitar de recorrer a S. José. Como no caso de Joaquim Robalo, que de quinta para sexta-feira ali deu entrada no mais profundo sono, a mulher atrás, o «115» à frente. Deu-lhe na Rua da Galé, a Alfama. Chegou depressa a ambulância, depois veio a companheira, que tem de zelar por ele e os dois filhos. Corpo jovem escondendo anseios e sonhos no desalinho dos cabelos. E ele ali, numa quietude que facilitou o «diagnóstico» dos porteiros, mas não impressionou ninguém. Casos desses são pão-nosso-de-cada-dia no S. José. «Ele precisa é de dormir», disse alguém a nosso lado.

A poucos metros, um indivíduo de ascendência africana, botas de borracha ainda calçadas, gritava pela mãe que terá ficado na Guiné ou em Cabo Verde. Ou em Angola, ou em Moçambique, quem sabe. Não dava para perguntar. «Ai minha mãe!», clamava.

Ouvimo-lo assim, espaçadamente, mais de três horas. Por volta das 23 e 30 apareceu uma maca do hospital. Finalmente. Mais um a engrosssar o corredor transformado em enfermaria. Mais um para a espera, antes de ser assistido, e das duas uma: ou ter alta ou ser internado. E, neste caso, esperar por vaga para ser transferido, de acordo com a sua lesão ou padecimento.

Isto tudo assim dito, sem esquecer o caso de João Vicente Barreiro, morador nos Olivais, que cortou os dedos de uma das mãos no trabalho, em Casal de Cambra. Foi assistido no Hospital de Santa Maria e despachado para o S. José, porque não pertence à área do HSM. Esperou várias horas até dar entrada na Sala de Observações, onde passou a Páscoa sem ser operado. A mulher chorou quando o

Rui Vasco

Ambulância que chega, ambulância que parte: o caos começa antes da «urgência»

levaram para o SO, ao fim da noite, antes de sexta-feira, 13.

Transferências o grande mal

Em vias de serem transferidas encontravam-se, há dias, Maria Emília Cunha e Maria Batista e Costa, a primeira moradora na Rua do Sol ao Rato (com problemas de coração), a segunda em S. Sebastião da Pedreira (com gesso num dos braços). Aguardavam transferência para hospitais diferentes, queixando-se qualquer delas de atraso na assistência. Guiomar Ramiro Santos, que vira durante o dia os jornalistas numa roda-viva, não se conteve enquanto não nos chamou para nos segredar isto: «Tenho uma mancha no pulmão e só me deram duas injecções.» Todas elas estavam ali havia três dias.

Ali comiam, mas não dormiam. Não é possível descansar naquele corredor com o movimento de macas, a passagem de doentes e o afã de médicos e enfermeiras tentando assistir a tudo e todos. Não é nada recomendável tal situação. Por vezes, os doentes nessas condições pasam por fases de descompensação, com algum perigo: entram em delírio, não dormem, pouco comem ou recusam, até, as refeições.

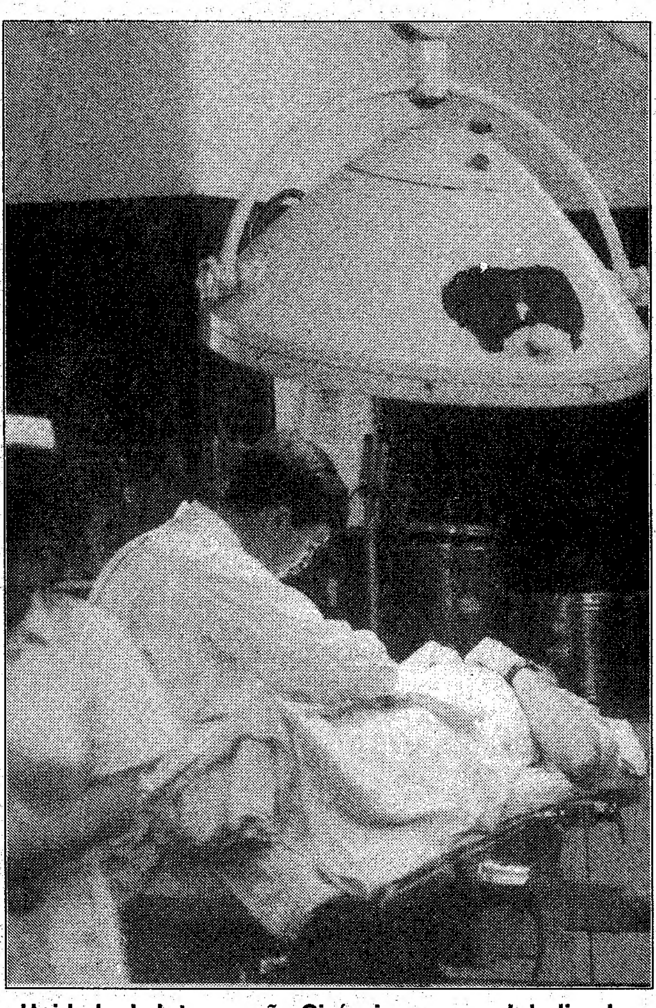
A urgência do Hospital de S. José distribui-se por três pisos, desde os balcões para homens e mulheres - acesso à sala de observações ou à emergência-, no rés-do-chão, ao 2º, onde fica a Unidade de Urgência Cirúrgica que médicos deste serviço asseguraram ao «DL» ser o maior da Europa e até do Mundo. Em abono desta sua garantia citaram encontros internacionais e as conclusões a que neles se chegou. São diários os milagres que ali se fazem, por entre ventiladores que escasseiam, condições que reclamam e equipamento que tanta falta faz.

«Foi uma pena que a RTP não tenha mostrado em 'A Hora da Verdade' aquilo que lhe dá o nome e hoje (quinta-feira à noite) lhe faltou: o que alguns de nós disseram à reportagem que aqui veio», confidenciou-nos um dos médicos.

Para a maioria foi um desilusão. «Falaram de ventiladores que faltam e do elevador por onde doentes em estado grave são transportados. Mas há problemas mais importantes que foram por nós focados, e esses nem sequer foram referidos», disse-nos um dos médicos da UUC, como sintéticamente é conhecida a Unidade de Urgência Cirúrgica, entre os quais a falta de camas e de macas, bem como a utilização dum corredor como enfermaria.

António Fradique, um dos cirurgiões daquele serviço, afirmou-nos que muitos portugueses desconhecem que a «urgência» de S. José é a maior do Mundo, mas que na Europa o facto é glosado nos meios médicos e cirúrgicos com apreço pela classe e ironia em relação ao Governo. A juntar à SO (Sala de Observações) e à UUC, e completando a mais procurada de todas as «urgências» portuguesas, fica a de medicina, no 1º piso.

Júlio Rodrigues



Rui Vasco

Unidade de Intervenção Cirúrgica: pessoal dedicado, médicos sem roupeiro

Médico vigia doente dia e noite

São mais de três centenas os médicos de serviço na «urgência» do Hospital de S. José, repartidos pelas suas dezasseis equipas, à média de vinte por cada. O director dos serviços de urgência, Jorge Bandeira, cirurgião da Unidade de Urgência, considera que esse número deveria ser de vinte e cinco,

Muito bem: são vinte por cada equipa que todas as semanas, em turnos de quatro, asseguram a urgência nos três pisos em que é exercida, desde a Sala de Observações à Unidade Cirúrgica. Parte deles faz, uma vez por semana, doze horas de serviço (entram às 9 horas a saem às 21), mas os da UUC (Unidade de Urgência Cirúrgica) fazem, no mesmo período, 24 horas seguidas, e de seis em seis um fim-de-semana por turno, segundo uma escala acordada entre todos.

Por essa ou outra qualquer razão, Francisco Murinelo trata, há dois meses, Silvério Martins com um cuidado exemplar. Sacrifica as suas folgas para o atender. Se algo, de súbito, lhe acontecer, todas as pessoas, enfermeiras e médicos, sabem que o devem chamar pelo telefone.

Não saiu de Lisboa, no período pascal, embora os filhos o esperassem, por causa do «seu» doente. Silvério Martins, encontra-se em estado grave no 2º piso do Hospital de S. José, seccionado em sete partes do abdómen, em consequência de um acidente de viação. Se se salvar, porque é jovem, será um milagre. Estava lúcido, os olhos a saltarem-lhem das órbitas, fixando tudo à sua volta, quando há dias nos relataram este caso.

Foi nesse dia, quinta-feira, que Marques Afonso, funcionário da secção de pessoal do «Diário de Notícias», teve um acidente também grave. Atropelado quando se dirigia para o jornal, deu entrada em S. José antes da reportagem do «DL» lá chegar. Teve lugar numa das quatro unidades da sala de observações, foi acompanhado na medida do possível, mas não tão bem como seria de esperar.

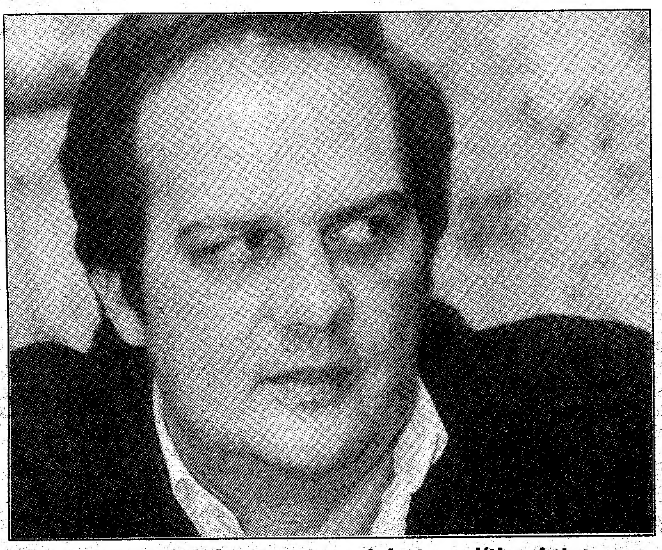
Havia mais doentes à frente e o caso não era, aparentemente, tão grave quanto admitia a enfermeira que, a meio da manhã de quinta-feira, aí se dirigiu.

Nem sempre é possível, nestas circunstâncias, a visita de um amigo ou familiar. Há um controlo rígido à entrada do corredor que dá acesso à Sala de Observações e as restrições impostas ficam a dever-se a situações de conflito que por vezes se geram quando as pessoas querem internar, à viva força, um familiar. A medida visa também evitar que os acompanhantes dos doentes provoquem confusões.

J.R.

João Soares utiliza vídeo na campanha do PS

Ainda no «segredo dos deuses», até ontem, o vídeo de campanha da minoria liderada por João Soares será inovação de tomo: a utilização do audiovisual na propaganda dentro de uma formação política, tendo em vista um Congresso Nacional. Ontem, durante um almoço ao ar livre, perto da Praça das Flores, a única minoria pronta a defrontar o consenso partidário em torno de Jorge Sampaio conseguiu, em ambiente cordato e primaveril, transmitir a mensagem da oposição interna, sem contestar a figura do líder.



João Soares: «Assegurar o debate político interno que alarga o espaço político externo»

Resmungou-se contra alguma *entourage* de Sampaio, é certo e tornou-se moda. Mas a necessidade de afirmação de linhas programáticas um tudo-nada diferentes estava no centro da conversa. E, sobretudo, o objectivo de «estimular e manter viva a discussão no interior do partido, num ambiente de pluralidade que tem constituído desde sempre a identidade específica do PS».

«Falso unanimismo» na berlinda

Uma mensagem aos militantes subscrita pelo próprio João Soares afirma que, «como sempre, recusamos o falso unanimismo».

Porque «estamos empenhados em garantir a tradição de pluralismo do PS. Porque queremos assegurar o debate político interno que alarga o espaço interno do partido», escreve João Soares.

Nos termos de um desdobrável que sintetiza o essencial da moção alternativa à de Sampaio, a minoria apela ao empenho militante «na batalha das presidenciais e autárquicas». Explica que «o PS é a grande referência democrática e de estabilidade do nosso sistema político» e conclui que o «empenhamento sem reservas» dos minoritários auxiliou a construção das vitórias mais recentes, entre as quais, recorde-se, a da coligação «Por Lisboa», antes bastante criticada pela minoria afecta a Jaime Gama, entretanto em fase de desagregação.

«PS, Vencer de Novo»

Daí que esta minoria, única até ao momento em campanha, venha de novo a terreiro com a palavra de ordem «PS, Vencer de Novo». A participação nos bons dias auxiliados pelos sucessivos desaires de Cavaco Silva serve para marcar uma posição e bater o pé, em termos que o próprio Sampaio aprova, porque detesta triunfalismos com más provas dadas com Vítor Constâncio.

No decurso do almoço de ontem, responsáveis da minoria sublinhavam o serviço prestado ao PS pela existência de uma minoria activa, uma vez que o partido pode apresentar-se ao eleitorado com uma componente capaz de tranquilizar o eleitorado central, desconfiado da moderação recente da actual maioria.

Este trunfo é, como sustentaram, de peso não menosprezável, uma vez que, à volta de Jorge Sampaio, se aglutina um grupo de «fundamentalistas» detestados, em maior ou menor grau.

Por eles, como se notou, e pela opinião pública, como cogitam.

Direito de tendência

A reafirmação da necessidade de consagrar nos estatutos do partido do direito de tendência faz parte do ideário da minoria, que alguns «fundamentalistas» consideram uma carta de alforria «à tendência de direita no PS».

Para além das maldades já conhecidas e a inventar antes e durante o próximo Congresso Nacional do PS, a minoria lançou já um sério aviso aos vencedores das Legislativas de 91. Foi assim: «Temos de manter o PS vivo. As nossas cores simbólicas são o vermelho e o rosa e não o cinzento. Não queremos que o acesso a cargos de direcção, nacionais ou federativos, se promova de acordo com critérios idênticos aos que são utilizados para nomear directores-gerais ou directores de serviços. O unanimismo interno e o espírito acomodatício são a antecâmara do carreirismo e do governamentalismo». E, a concluir: «Olhemos o que aconteceu ao PSD nos últimos anos e escolhamos decididamente o caminho inverso das *nomenklaturas* (mesmo democráticas)».

«Decididamente», a minoria socialista extraiu todas as lições da estabilidade cavaquista e também de pretéritas experiências governativas, que faz ponto de honra em assumir, como a do Bloco Central.

João Isidro

Judas apresenta alternativas às teses do Comité Central

As medidas que o PCP deve tomar para manter «uma política activa e interveniente na sociedade» são esta tarde apresentadas em Lisboa pelo militante comunista José Luís Judas. Este sindicalista assume, publicamente, um aparente distanciamento em relação a outros críticos activos do aparelho e do posicionamento do Partido Comunista face ao que se passa no Leste da Europa. Aliás, não é por acaso que nega ter passado o documento a outros críticos, recusando até que ele seja subscrito, por entender que isso só serviria para «dramatizar as questões» no seio do partido.

O documento que Judas divulgará ao fim da tarde, no Hotel Berna, foi antes entregue na sede do PCP. Aborda as alterações naqueles o países, inclusivamente na URSS, e as consequências e medidas que o PCP deve tomar para que o partido «mantenha uma política activa e interveniente». Não constitui, apurou entretanto o DL, uma alternativa ao projecto do Comité Central do partido, a discutir no Congresso Extraordinário de 18, 19 e 20 de Maio próximo.

O PCP «deve tirar lições do que aconteceu no Leste» e «extirpar definitivamente» da sua mentalidade certos «pressupostos ideológicos», acentua José Luís Judas, segundo o qual o seu documento constitui uma «bandeira» da ala crítica do PCP. Defende ainda que os comunistas, cumprindo a própria vocação do movimento operário, devem tomar uma atitude mais radical no sentido da «derrota do militarismo».

Judas salientou ainda «um certo desfasamento entre as linhas de orientação e actuação do partido e o contexto internacional», quando ontem deixava a Assembleia da República, onde se deslocou como dirigente da CGTP/IN para discutir a integração europeia e a sua coesão económica e social.

Ângelo Correia preconiza extinção do ICEP

A adopção de medidas mais drásticas de dinamização da iniciativa privada foi ontem defendida em Lisboa pelo vice-presidente do PSD, Ângelo Correia.

O dirigente social-democrata, que falava num almoço promovido pelo American Club, assumiu, na sua alocução, subordinada ao tema «Perspectivas de Desenvolvimento em Portugal», posições marcadamente radicais. Preconizou, por exemplo, a criação de grupos empresariais fortes, designadamente nos sectores da banca e dos seguros, susceptíveis de funcionar como «núcleos duros».

Ângelo Correia, interpretando a tendência para a economia aberta que a integração comunitária proporciona, considerou que «o planeamento estratégico da nossa economia não deve ser feito pelo Estado. Chegou mesmo a defender a extinção do Instituto do Comércio Externo Português, ICEP, («o Estado não sabe nada de exportações», disse) e o afastamento do sector público da gestão directa do sector produtivo, embora, em seu entender, deva ser preservada a propriedade estatal.

Para o dirigente do PSD, trata-se de «devolver o País à sociedade civil», adoptando uma linha económica assumidamente capitalista, na qual o papel do Estado - mesmo na sua vertente de previdência - seja progressivamente reduzido.

Correia admitiu, por outro lado, que a imperiosa reconversão do tecido industrial português, resultante do embate da CEE, possa conduzir à falência de algumas empresas, sobretudo as tecnologicamente menos apretrechadas. A «criatividade» foi a única «receita» apresentada para escapar a tal destino.

P.M.

BREVES

Presidente da Jugoslávia com Soares e Cavaco

O Presidente da República da Jugoslávia encontrar-se-á com Mário Soares e Cavaco Silva durante a visita oficial que fará a Portugal entre 22 e 24 do corrente. Janez Dronvsek desembarcará em Lisboa a 22, e no dia seguinte deslocar-se-á ao Mosteiro dos Jerónimos antes de ser recebido por Soares. À tarde, visitará a Câmara Municipal de Lisboa e, à noite, será obsequiado com um banquete oferecido pelo PR português.

No dia seguinte encontrar-se-á com o primeiro-ministro, com o qual almoçará, a convite deste. À tarde será recebido na Assembleia da República pelo presidente Vítor Crespo.

Laborinho Lúcio anuncia novo parque judiciário

O ministro da Justiça apresentou esta tarde, no Cartaxo, o projecto das equipas móveis de manutenção e formação que visa, no essencial, «objectivar a imagem do tribunal modelo», anunciado há três meses. Laborinho Lúcio proferiu um discuro sobre as «medidas estruturais relativas ao parque judiciário», durante uma sessão a que assistiram, entre outros, o presidente do Supremo Tribunal de Justiça, o Procurador-Geral da República, a bastonária da Ordem dos Advogados e os directores do Centro de Estudos Judiciários e dos Serviços Prisionais, além do governador civil de Santarém e o presidente da Câmara Municipal do Cartaxo.

Manifesto anti-racista divulgado em Lisboa

Um manifesto anti-racista foi hoje divulgado em Lisboa por núcleos de estudos e grupos anarquistas, que convocaram para 1 de Maio, na Praça da Figueira, em Lisboa, um Encontro Internacionalista, Anti-Nacionalista, Anti-Racista e Anti-Militarista. O manifesto sublinha que os treze milhões de imigrantes nos países da CEE «têm vindo a ser alvos de uma campanha terrorista» e propõe o fim dos «skins nazis e seus tutores».

Comício encerrará «25 de Abril»

Piteira Santos, Luís Sá, Elisa Damião e Vasco Lourenço são alguns dos oradores no comício que encerrará as comemorações do «25 de Abril», depois de um desfile popular que, como é costume, descerá a Avenida da Liberdade entre o Marquês do Pombal e o Rossio. Outras curtas intervenções assinalarão essa data histórica, a cargo de Eduardo Pires (PCR), Mário Avelar (MDP), Alfredo Frade (PSR), Mário Tomé (UDP), Blasco Hugo Fernandes (ID), Feliciano David (PRD) e um orador dos «Verdes».

PCP abre polémica acerca do Alentejo

A Convenção para o Desenvolvimento do Alentejo está a suscitar polémica entre o PCP e a Comissão de Coordenação Regional. A distrital comunista acusa aquela estrutura de desenvolvimento regional do Ministério do Plano de «servir clientelas e lobbies do PSD». Marcada para os dias 27 e 28 do corrente, a Convenção está a ser criticada pelos sindicatos e uniões sindicais, a Comissão Organizadora do Congresso do Alentejo, a Associação de Defesa do Alqueva e a Federação dos Sindicatos do Sul.

Jornadas parlamentares socialistas em Setúbal

Os deputados socialistas estão desde o fim da manhã reunidos em Setúbal para iniciar «a preparação do Governo do PS em 1991», segundo expressa afirmação do líder do grupo, António Guterres. Estas segundas jornadas parlamentares marcam a viragem estratégica do partido: nas primeiras, em Setembro, programaram uma série de iniciativas políticas e legislativas tendentes à defesa e garantia dos direitos individuais dos cidadãos; as de hoje e amanhã em Setúbal, apontam já para a tradução em projectos de lei do programa com que o PS vai candidatar-se ao Governo. As jornadas são encerradas amanhã à tarde pelo secretário-geral Jorge Sampaio.

A tarde de ontem na Assembleia da República redundou em imenso escândalo: a bancada do PSD desertou quase toda e ouviram debater a proposta do Governo nunca mais de uma dezena de deputados da maioria, entre eles o destacado oficialmente para enfrentar a oposição

Um «herói» chamado José Puig

Ao fim da tarde, em S. Bento, à hora em que Alberto Martins verberava violentamente o Governo pelo atraso de seis meses na apresentação da proposta *sub judice*, nas bancadas registava-se a presença de 10 deputados do PSD e 27 da oposição (1 do CDS, 2 do PRD, 8 do PCP e 16 do PS). Se o conjunto já não abona nada a imagem do Parlamento, a relação de forças entre ausentes e presentes do grupo parlamentar eleito para apoiar o Governo dá ao caso foros de escândalo: a bancada da maioria é composta por 148 deputados (são 102 os da oposição) e dos 10 que principiaram por ouvir Alberto Martins, só sete ainda lá estavam quando o porta-voz do PSD no debate, o deputado portuense José Puig, subiu à tribuna para ler o seu discurso.

Admite-se que debate sobre a protecção dos cidadãos face à Informática não se resvestia de um interesse por aí além. Tratava-se de uma *reprise* (ou *«uma repetição, o dejá vu, uma segunda edição revista e condensada»*, como lhe chamou Alberto Martins), só explicável porque o Governo levou seis meses a apresentar a sua resposta ao projecto que o PS levara, em Outubro, a S. Bento, e até foi aprovado na generalidade. Desde então, o projecto socialista aguardou calmamente no congelador pelas novidades governamentais: ontem verificou-se que essas novidades não justificavam uma tão longa espera.

Alberto Martins adversário de peso

A proposta do Governo contém, como elemento mais relevante, a alternativa de Comissão que vai controlar o processamento de dados pessoais nos computadores dos organismos públicos, tais como os tribunais, as polícias, as finanças e os arquivos de identificação. Enquanto o Partido Socialista pretendia uma Comissão de base parlamentar, o Governo vai criá-la com os mesmos sete elementos mas três eleitos no Parlamento, por maioria qualificada, dois magistrados com mais de dez anos de carreira e dois cidadãos de reconhecido mérito, nomeados pelo Governo.

O especialista parlamentar desta matéria da protecção dos direitos individuais no mundo dos computadores, é reconhecidamente o deputado Alberto Martins. Ainda ontem isso foi dito pelo secretários de estado Carlos Encarnação e Borges Soeiro, que representaram o Governo e sublinharam os méritos do relator da proposta, exactamente aquele deputado socialista. Defrontá-lo neste terreno, é tarefa complicada para qualquer, como teria de ser para quem o PSD encarregasse de falar e responder ao PS e aos outros subscritores de textos alternativos

Alberto Martins

(ID e PRD). Só por isso, Puig já merecia um aceno de saudação.

Mas a incómoda situação em que o colocou a substância da proposta governamental e o atraso com que ela chegou ao Parlamento mais lhe

José Puig

complicou a tarefa. Depois, ele foi o último a falar: já se entrava pelas sete horas da tarde, quando muitos deputados iam a caminho do futebol no estádio do Benfica ou a caminho de casa porque hoje e amanhã não há sessão e o fim de semana parlamentar é mais dilatado.

José Puig, embora nortenho e deputado eleito pelo Porto, bem desejaria estar, a essa hora, lado a lado com muitos dos seus pares, de cachecol e bandeirinha, no meio da multidão rumorejante da Luz. Mas havia uma tarefa a cumprir e ele cumpriu-a, honradamente, embora quem lhe deu as ordens também já lá não estivesse para o aplaudir: nem um só dos membros da direcção da bancada da maioria lá estava em apoio ao seu porta-vos do dia.

Um verdadeiro herói, portanto, este José Puig de 28 anos de idade, natural de Paranhos, advogado de profissão e que apresenta como curriculum político referenciado nos documentos parlamentares o de «membro da Assembleia de Freguesia de Ermesinde».

O ministro João de Deus Pinheiro, que José Puig substitui como deputado, bem pode enviar-lhe uma palavra de saudação, mesmo que não propriamente idêntica à que lhe dirigiu o único deputado do CDS no debate.

Como Napoleão diante das pirâmides

«Do alto dessa tribuna, 148 deputados vos contemplam» dizia, solene e grandiloquente, o deputado Narana Coissoró nessa saudação ao porta-voz do PSD que acabava de encerrar a sessão de ontem na Assembleia da República.

O gesto largo de Narana, à Napoleão diante das pirâmides, apontava para a bancada da maioria, onde era suposto alinharem-se as tropas de apoio à proposta governamental discutida como único ponto da agenda do dia. Mas o olhar de José Puig, lá do alto da tribuna, se seguiu o gesto largo do deputado centrista, encontrou na sua bancada, não o exército de deputados que deveria estar ali a aplaudi-lo, mas um imenso vazio.

A suposta maioria de 148 deputados do PSD reduzira-se a sete, sete bravos resistentes que aguentavam, a pé firme, esta batalha parlamentar enquanto a imensa vaga dos deputados laranja se espraiava nas bancadas da Luz ou se alongava, estrada fora, a caminho de um prolongadíssimo fim de semana. Cavaco Silva não poderá deixar de contemplar Puig e os seus sete bravos com a recandidatura automática Parlamento, mesmo que não marquem mais pontos políticos até às eleições. Os outros, salvo os poucos à altura ocupados em reuniões da comissões parlamentares ou em serviço partidário, preparem-se para reservar um lugar na imensa bicha que o presidente do PSD usa mandar formar, em circunstâncias idênticas, para o clássico puxão de orelhas aos seus deputados relapsos e abstentistas.

Daniel Reis

Cavaco e Vranitzky: convergência quanto à «nova arquitectura europeia»

Visita termina hoje

Cavaco confirma apoio à entrada austríaca na CEE

O apoio de Portugal à entrada da Áustria na CEE e a construção do chamado Espaço Económico Europeu constituiram as questões centrais da visita oficial de Cavaco Silva àquele país, que hoje termina.

Ontem, em Salzburgo, o primeiro-ministro avaliou como positivos os esforços efectuados pela Áustria no sentido de consolidar o Espaço Económico Europeu, que consiste na convergência de esforços entre a CEE e a EFTA, entidade a cuja fundação Portugal e Áustria estiveram ligados, há 25 anos. Cavaco Silva considerou que deve ser tomado em consideração, no processo de adesão, «o ritmo que marca a indispensável concretização do Mercado Interno e o aprofundamento da integração europeia».

O chefe do Executivo defendeu, por outro lado, que «a rápida evolução política no Centro e Leste da Europa, a unificação da Alemanha, a necessidade de adequar a novos horizontes os actuais conceitos de segurança e de prosseguir as diversas negociações sobre desarmamento são hoje em dia questões essenciais que marcarão a futura geografia política da Europa».

Em sentido idêntico se pronunciou o chanceler austríaco, que no ano passado visitou Portugal. Vranitzky considerou que a perspectiva da «Europa unida» ganha forma através de encontros como o do Conselho da Europa promovido recentemente em Lisboa pelo ministro Deus Pinheiro.

Redacção DL/Lusa

Comissão revela dificuldades

Fiscalidade entrava Mercado Único Europeu

A Comissão Europeia admitiu ontem que está a encontrar dificuldades na adopção de três directivas relativas à fiscalidade nas empresas devido ao bloqueio da RFA e dos Países Baixos. Para além do programa do TVA (IVA), ainda por resolver, a construção do Mercado Único depara agora com mais um obstáculo que, segundo a comissária do pelouro, poderá ser um assunto para o Conselho Europeu de Dublin.

Numa fase em que se iniciou a contagem decrescente para a entrada em vigor do Mercado Único Europeu, em 1993, e para o qual são essenciais cinco directivas relativas à fiscalidade, Christiane Scrivener não se manifestou muito satisfeita quando, publicamente, admitiu: «Temos de exercer pressão para desbloquear esta questão. Mas, na construção do mercado europeu nunca temos razões para ser optimistas.»

A comissária europeia disse que «a fiscalidade para as empresas que operam em diversos Estados-membros não pode penalizá-las quando em confronto com aquelas que operam simplesmente a nível nacional».

As três directivas que a Comissão pretende ver adoptadas referem-se à atitude fiscal perante fusões, cisões, trocas de acções e entrada de activos; pagamento dos dividendos entregues pelas filiais à sociedade-mãe estabelecida noutro Estado-membro; e a arbitragem em caso de correcção fiscal.

A Comissão Europeia pretende respostas para algumas questões, das quais salientou duas: as disparidades das cargas fiscais aplicadas às empresas de um país para outro provocam distorções no investimento que afectem o mercado interno? Essas distorções podem ser eliminadas simplesmente pelas forças do mercado e concorrência entre os sistemas fiscais nacionais ou exigem medidas comunitárias?

Para encontrar as respostas, foi criado um comité de peritos independentes. O estudo estará pronto dentro de um ano e, em função das conclusões, a Comissão estabelecerá as medidas a submeter à aprovação do Conselho.

José Rui Cunha

Centro Norte-Sul abre sede em Lisboa

O Centro Norte-Sul para a Interdependência e Solidariedade Globais, do Conselho da Europa, será inaugurado no próximo dia 24. A abertura deste novo órgão do Conselho da Europa, criado por iniciativa portuguesa, ocorrerá na mesma altura em que se realiza a reunião do comité executivo do Centro, nos dias 23 e 24 em Lisboa.

Embora provisoriamente instalado no Palácio das Necessidades, o Centro, que tem por objectivo dinamizar o relacionamento entre países dos dois hemisférios numa perspectiva de contribuição para o desenvolvimento dos países do Sul, ficará dentro em breve na sua sede definitiva, o Palácio Marquês de Tancos.

A cerimónia de inauguração será presidida pelo ministro dos Negócios Estrangeiros e actual presidente do Comité de Ministros do Conselho da Europa, João de Deus Pinheiro, e contará com a presença de convidados dos quais se destacam a secretária-geral da organização, Catherine Lalumière e Lord Kirkhill, em representação do Parlamento de Estrasburgo.

FORUM

público e privado

TRABALHO HUMILDE OFERECE-SE E PAGA-SE COM MÁ-FÉ...

O problema dos imigrantes extracomunitários, como muitos outros problemas italianos, está envolvido por uma experiência ambígua: a má-fé. Dizemos que alguém mente quando quer que um outro acredite naquilo que não é verdade. Em relação à má-fé, pelo contrário, mentimos a nós próprios. Tentamos mascarar perante nós uma verdade desagradável ou acolher como verdade um erro que nos dá jeito.

Para começar, não queremos saber quantos são estes imigrantes. Há quem diga que são um milhão, quem diga que são dois. Mas nunca ninguém se deu ao trabalho de os contar, de os registar. Pertencem ao sector submerso, ao trabalho clandestino, onde não há acertos, não se pagam taxas, não existem estatísticas. Para que ninguém saiba nem possa dizer como estão as coisas e não possa, assim, escolher entre alternativas definidas. Existe até ambiguidade e má-fé no que respeita aos motivos por que chegam. Sabêmo-los muito bem mas não queremos admiti-los abertamente. Até em Itália, já ninguém quer fazer os trabalhos mais humildes. Exactamente como nos outros países ricos, a França, a Suíça, a Alemanha. Para isso, chegam os imigrantes de todas as partes do mundo. A nossa economia tem absoluta necessidade deles.

Entre nós, para mais, muitas empresas tecnologicamente subdesenvolvidas só sobrevivem porque utilizam o trabalho clandestino e não pagam os impostos. Numa economia transparente seriam aniquiladas. Para que isto não aconteça, empresários, políticos, sindicatos, repartições fiscais estão de acordo em não verem nada, em serem cegos e surdos. É a má-fé assistencial. Passando ao tema dos alojamentos, deparamos com uma obra-prima da hipocrisia italiana: a renda limitada. Há gente que vive numa casa pagando um aluguer muito baixo. Daí não sai. Os outros não encontram nada e são obrigados a pagar quantias extremamente elevadas. Na prática, não existe um mercado de casas para alugar. Os extracomunitários não podem ter casas de renda limitada porque estas estão bloqueadas e eles não têm dinheiro para pagar as outras. Os italianos pobres que se encontram nesta mesma situação podem geralmente contar com a ajuda de conhecidos e parentes, eles não. Como resolver este problema? Liberalizando os alugueres e dando subsídios aos mais necessitados. Como no resto da Europa. Mas em Itália nega-se esta verdade desagradável. É a má-fé demagógica.

Durante muitos anos, foi permitido aos emigrantes extracomunitários exercer o mester de vendedores ambulantes, mesmo nos locais rigorosamente proibidos aos vendedores italianos. Fecharam-se os olhos para darem uma impressão de bondade, de tolerância, para não serem acusados de racismo. Até ao ponto de todos os nossos locais de arte se transformarem em pequenos mercados onde é preciso caminhar com um pé aqui, outro acolá. Se fossem italianos, já teriam sido multados e obrigados a partir. Mas, quem toca nestes privilégios, é acusado de racismo. É a má-fé ideológica. Com o passar do tempo, estas pessoas quererão trazer as suas famílias para Itália, ter filhos, mandá-los para a escola. Este facto incomoda muitas pessoas, por causa da cor da pele e da religião. Então, sustentam que eles não estão nem podem estar integrados. É a má-fé racista.

Francesco Alberoni

Mas estão de má-fé ainda os que propõem que não deve haver limites para se acolherem todos os irmãos necessitados da África e da Ásia. Não interessa quantos milhões venham a ser, pois têm o direito de quem tem fome. Não sabem estes que, se o fizéssemos, viraríamos de pantanas a nossa economia, o nosso equilíbrio social? Sabem-no muito bem. Mas calam-se e mentem porque, na realidade, desejam provocar toda esta confusão. Chegamos assim à má-fé legislativa. O pobre Marteli, que foi quem primeiramente tentou fazer qualquer coisa para lhes regularizar a situação, viu-se acusado de os ter feito entrar. Mas também ele deve saber que o problema do número não se decide controlando as fronteiras, mas no interior do próprio país, criando um sistema de registos, de vistos, de controlos minuciosos. Com extrema firmeza, para se poder fazer justiça.

Exclusivo «DL»
«Corriere della Sera»
(Trad. de Manuela Ferreira de Almeida)

Fiat Tipo.

Uma ideia cada vez mais forte.

Os quilómetros passam, e o Fiat Tipo reafirma a sua superioridade global.
A sua inteligente beleza destaca-o de todos os outros. Porque o Tipo possui mais conforto, mais espaço, mais segurança. Tudo isto em harmonia perfeita com o seu design inovador.
Inconfundível, nascido para o futuro, o Tipo é a sólida materialização de uma tecnologia líder. Robusto, 100% zincado nas áreas directamente expostas, com protecção anti-corrosão garantida por 6 anos.
Tipo 1100, 1400, 1400 DGT ou Charm.
Sinta o prazer de uma ideia cada vez mais forte.

Tipo.
A FORÇA DAS IDEIAS

FIAT

Encargos anuais: Consumo - 15 000 km - de 121.680$00 a 135.330$00 • Seg. Ob. Resp. Civil - 21.983$00 • Imp. S/ Veículos - de 2.840$00 a 4.630$00 • Base Jan./90.

FORUM

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Renascença Gráfica, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redactor-paginador
António Ribeiro Ferreira

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Alves Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alessandra Balsamo, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos, Pedro Pessoa, Óscar Figueiredo e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP - Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 60$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

PORTE PAGO

GENEALOGIAS DA ACTUALIDADE

ELOGIO DA EXPERIÊNCIA

Confundimos facilmente hoje, experiência com experimentação. Os cientistas falam de «experiências» de laboratório, mas o plural é um sintoma desta confusão. Se, de facto, podemos adquirir experiência com as experimentações que fazemos, a maioria das coisas de que temos experiência não parte da experimentação; recebemo-la, como herança cultural, dos outros, e aumentamo-la com o nosso engenho. É impossível destrinçar, por exemplo, na obra de um artista, o peso de cada um destes factores da experiência.

A experiência é um saber total, distinto, portanto, dos saberes analíticos e singulares que a escola transmite ou que no laboratório experimentamos. Só o homem experiente é, no entanto, capaz de retirar do ensino escolar e da experimentação inesgotáveis tesouros.

O saber da experiência é inseparável do sentido que damos às coisas, aos acontecimentos, aos outros e a nós próprios. É, por isso, ao mesmo tempo, uma herança e um destino. Como herança, partilhamo-lo com todos quantos reconhecem a mesma origem e situam a sua vida dentro de um mesmo horizonte de sentido. Como destino, é a capacidade que temos de livremente aumentarmos esta herança e de, assim, alargarmos as fronteiras que delimitam o seu horizonte.

A experiência mais pura que possuímos é a da língua materna. É a língua que delimita o horizonte de tudo aquilo que podemos dizer e compreender. Mas, quando falamos, não nos limitamos a obedecer servilmente às suas regras; deslocamos continuamente o seu horizonte e utilizamos com autonomia as suas excepções. É po isso que temos da língua materna uma experiência viva que exige não só familiaridade, mas também livre mestria.

A familiaridade consiste na correspondência entre os diversos mundos da nossa experiência. Mas esta relação não é servil, não é pura reprodução exacta da herança comum; predispõe para uma permanente reelaboração e para um contínuo trabalho de deslocamento das suas fronteiras.

O reconhecimento é a marca da familiaridade. Um estrangeiro não compreende o que lhe dizemos por não reconhecer na nossa língua o horizonte do sentido do seu mundo, mesmo que tenha aprendido na escola as regras da gramática do português e tenha aprendido muitos termos do dicionário. Só a vivência da língua lhe poderá tornar familiar o mundo do sentido que nos é próprio. Quando ouvimos pela primeira vez um trecho musical ou uma canção, ou quando observamos pela primeira vez um quadro não compreendemos o que ouvimos ou vemos se não formos capazes de os reconhecer, de os situar dentro do horizonte de uma experiência que nos seja familiar e em relação à qual tenham sentido. Este reconhecimento vai-se progressivamente constituindo, à medida que os integramos na nossa experiência familiar.

Este gesto de reconhecimento não é, no entanto, um processo meramente passivo de simples identificação das fronteiras do sentido de uma obra. Só a conseguiremos inserir no nosso mundo familiar, se deixarmos retornar a este presente singular que nela se actualiza a totalidade da experiência que integra a nossa própria existência. Deste trabalho adquire a obra uma mais-valia de sentido que completa o seu destino.

O homem experiente sabe, de facto, tirar da memória ressonâncias que fazem vibrar cada um dos instantes do seu presente. Mas a experiência não se confunde com cada uma destas recordações singulares. Abarca a totalidade do sentido que emerge do mundo.

A memória que na experiência faz vibrar o presente não é uma mera recordação do passado nem um simples resultado do conhecimento da história. É, antes de mais, uma capacidade particular de esquecimento que nos torna disponíveis para viver inteiramente o presente. É desta disponibilidade que a actualidade se converte em reminiscência e o presente acorda, como evocava o belo título de uma obra colectiva organizada por René Girard, «Coisas escondidas desde a fundação do mundo».

A origem fundadora da memória que, na experiência, retorna à actualidade não é um determinado instante fixado na superfície ténue da história. Essa origem não é linear, não se encontra algures num ponto alfa, nem o destino que damos aos nossos projectos se configura num ponto ómega da cronologia. São uma origem e um destino intemporais, mítico-poiéticos, reactualizados permanentemente dentro do horizonte do nosso mundo.

A experiência não é o conjunto dos acontecimentos singulares nem cada um dos momentos de que é feito o nosso quotidiano. É um todo indivisível e ilimitado que abarca a totalidade da vida e que, por conseguinte, é ultrapassagem da finitude efémera e da mortalidade da nossa existência histórica.

É próprio da experiência saber mais do que aquilo que diz, situar-se sempre aquém das suas manifestações positivas. É o ponto de fuga a partir do qual a linguagem perspectiva o sentido. Só podemos apreciá-la e reconhecê-la na existência tanto dos indivíduos como dos povos de uma maneira oblíqua e indirecta. A nossa vida tanto revela como esconde a nossa experiência. A maneira como ela se dá a ver nas suas manifestações singulares e efémeras é, por isso, a da tra(d)ição. Dá-se a ver indirectamente, sem que nos demos conta, do mesmo modo que a emoção secreta se deixa trair pelo rubor repentino do rosto. É igualmente desta maneira oblíqua que a recebemos como herança que nos é transmitida.

O mundo moderno procede de um propósito sistemático de libertação da experiência, tornando-a positiva, objectivando-a e votando-a, deste modo, a um destino técnico de dispositivo da actualidade. A aventura mítico-poiética originária que a constitui como totalidade do sentido e do mundo comum ver-se-ia, assim, reduzida a relatos singulares destinados a um devir mediático. Mas é hoje, no termo deste processo de tecnicização da experiência, que se torna possível descortinar as mais arcaicas ressonâncias desta memória fundadora do sentido. Reduzida a um valor predominantemente informativo, a experiência apresenta-se sob uma forma fragmentária e aparentemente caótica. Mas não será precisamente esta modalidade flutuante da experiência que trai o retorno a um estádio nascente do sentido prestes a irromper na linha de horizonte do nosso mundo?

Adriano Duarte Rodrigues

Mea culpa

O artigo de Helena Roseta, publicado no Forum da edição de ontem, saiu, por lapso, assinado com a caricatura da escritora Hélia Correia. Do erro pedimos desculpa a Helena Roseta, Hélia Correia e, naturalmente, aos nossos leitores.

CARTAS NA MESA

Os herdeiros do fascismo

Confesso que foi com alguma dor que li as primeiras páginas da vossa edição, em que se publicavam os resultados de uma sondagem Euroteste sobre o racismo em Portugal. A consciência de que o racismo não mais se limita, ou se esconde, por detrás daqueles pequenos incidentes do quotidiano diário, mas que também serve como activa propaganda de grupos que se dizem «nacionalistas», «patriotas» ou de extrema-direita (um conceito de ideologia que não se parece desligar dos mais terríveis adjectivos — violenta, intolerante, racista, totalitária, desumana, etc.), é uma realidade à qual, por mais que nos custe, teremos de nos habituar. O que não quer dizer que nos devamos limitar a aceitar tal situação como um facto consumado, e que nos obrigue a assumir uma atitude de simples passividade.

O editorial de Diana Andringa reflecte, felizmente, a consciência de que algo (não pouco, mas muito) está mal. E de que é preciso ter isso em conta. É preciso que todos nos apercebamos do cancro que ameaça minar os alicerces de toda uma sociedade a muito curto prazo: os movimentos ditos de «direita», sejam eles a Força Nacional, o Movimento Acção Nacional, Associação Pátria e tantos outros que vão surgindo — quase que diariamente — perfilhadores de macabros ideais, nostalgias fascistas e salazaristas, orgulhosos adeptos do nazismo (por mais bizarro que isto pareça), expressão de uma mentalidade doentia, dignos incubadores de «skinheads». Movimentos que ambicionam o estatuto de «políticos» (se bem que a Constituição Portuguesa não permita organizações de índole fascista — mas é isso que são) e uma mais activa participação na sociedade portuguesa, declarando abertamente a sua vontade de formar partido.

Se alguma vez o permitirmos, é impossível imaginar as nefastas consequências de tal atitude, se bem que um quotidiano de permanente violência e conflitualidade, de instabilidade política e social sejam os mais prováveis resultados.

Imprensa

Um dos aspectos que a «Grande Angular» do «DL» não abordou foi o apoio que uma subimprensa, que também se diz «de direita», dá a estes grupos neo-fascistas. São «O Diabo» e «O Crime» que, incansavelmente prosseguem uma luta em prol de «ideais que nunca morrem» (como pomposamente referia a directora de «O Diabo» numa recente edição deste jornal em que, lado a lado com colaborações de Lucas Pires, Durão Barroso, José Miguel Júdice, Adriano Moreira entre outros, publicava no «Correio do Inferno» uma carta de apoio aos «skinheads»). (...)

Auferindo de uma total liberdade de expressão, proporcionada pela Revolução dos Cravos (que tanto parecem odiar), os pobres patetas são a mais pura e perigosa expressão da direita radical, e que, uma vez por semana, dão-nos uma triste visão do mundo segundo os seus olhos (os olhos da «direita»), conotando este posicionamento ideológico com os mesmos adjectivos que os «skinheads» (de extrema-direita, claro).

Há que não esquecer este menos conhecido aspecto do racismo e da intolerância em Portugal: esta «imprensa» tendenciosa, atenta aos novos grupos neofascistas, afinal, os sucessores há tanto tempo esperados.

Sérgio Barradas,
leitor da Costa de Caparica

«Boa vontade» de Bush parece dar resultados

Refém americano no Líbano poderá ser solto ainda hoje

Do nosso correspondente em Washington

A Administração Bush reagiu cautelosamente à informação segundo a qual um grupo libanês, actuando em nome do Irão, pretende libertar, nas próximas 24 horas, um dos reféns americanos que detém em seu poder.

A situação criada deixa Washington numa posição particularmente delicada, já que se trata de negociar a libertação isolada de um refém, quando a notícia já é do domínio público e os «mass media» já criaram em redor do acontecimento um clima emocional que exige do Presidente George Bush uma actuação firme, mas flexível, conforme o que já, no passado postulou sobre esta matéria: «Um gesto de boa vontade, será retribuído com boa vontade.» Falta, no entanto, o mais difícil: definir-lhe os limites, sabendo-se que os sequestradores condicionam a libertação pelo que descrevem «por acção recíproca positiva».

O próprio secretário de Estado, James Baker III, há poucas horas, aos jornalistas tipificava a cautela com que o seu Governo está a tratar esta questão ao sublinhar não desejar fazer qualquer declaração que, de alguma forma possa prejudicar o desenvolvimento dos acontecimentos.

Kelly não vai

Após terem tido conhecimento da oferta feita pelo grupo Jihad Islâmico, elementos da Administração Bush iniciaram, de imediato, reuniões à porta fechada. Não há, porém, até ao momento, qualquer indicação concreta acerca do seu teor. O único comentário oficial da Casa Branca entretanto feito foi no sentido de receber com agrado a notícia da libertação de qualquer refém.

Sabe-se, por outro lado, que o Jihad Islâmico pediu a Washington para que o secretário de Estado Assistente para o Médio Oriente, John Kelly fosse enviado a Damasco, a capital síria, a fim de coordenar os pormenores finais da libertação do refém norte-americano. Kelly encontrava-se, ontem à noite, em Bona a participar num encontro de diplomatas, e já foi anunciado que não irá a Damasco por «não ter nada a ver com o assunto».

Segundo se crê, o refém que o Jihad quer libertar será Jesse Turner, professor de matemática e ciências do computador, na Universidade de Beirute.

Turner foi feito refém em 1987, juntamente com outros dois professores universitários norte-americanos: Allan Steen e Robert Polhill. Para além destes homens estão reféns algures no Médio Oriente outros cinco cidadãos norte-americanos, entre os quais aquele que há mais tempo se encontra em cativeiro, o jornalista Terry Anderson, raptado faz hoje, precisamente, cinco anos e três dias.

Filipe Vieira

Os oito reféns americanos no Líbano, da esquerda para a direita: Joseph Cicippio, Terry Anderson, Robert Polhil, Alann Steen, Edwar Austin Traycy, Frank Reed, Thomas Sutherland e Jesse Turner, o que tem mais probabilidades de ser libertado hoje

Libertação será vitória para Rafsandjani

A confirmar-se a libertação de um dos três reféns americanos que a pró-iraniana Jihad Islâmica detém em Beirute, ficará mais uma vez provado que os problemas libaneses resolvem-se muitas vezes noutras capitais árabes, neste caso Teerão. Já há algum tempo que o actual presidente do Irão, Ali Rafsandjani, mantém uma luta aberta com os sectores duros do regime, liderados pelo ex-ministro do Interior de Khomeiny (afastado do Governo por Rafsandjani) e actual líder do Parlamento, Hojatoleslam Ali Mohtachemi, responsável pela «Conecção Iraniana» das organizações xitas libanesas.

Desde de que tomou posse em Julho passado como sucessor de Khomeiny, Rafsandjani tem manifestado o desejo de pôr fim ao caso dos reféns que, no seu ponto de vista, contribui decisivamente para o isolamento internacional do Irão, considerado quase um Estado-terrorista que usa a chantagem como arma diplomática e dispõe grupos sob as suas ordens em todo o mundo árabe.

No entanto, a luta do Presidente iraniano por posições mais moderadas tem sido difícil. Quando a 7 de Março passado, anunciou que o problema dos reféns estava «prestes a ser resolvido», imediatamente Mohtachemi apelou aos grupos xitas para prosseguirem «a guerra fria dos reféns». Rafsandjani reagiu e começou a quebrar as ligações do seu adversário com os as redes libanesas, contando com a ajuda da Síria. Se os reféns forem de facto libertados, fica demonstrado que o Presidente do Irão está a ter sucesso contra a linha dura afecta a Khomeiny e que poderá levar o seu país para posições mais moderadas.

Redacção «DL»/AFP

Com paridade do marco em um por um

Maiziére afirma que unificação económica se fará no Verão

Algumas das questões mais polémicas da unificação alemã começam a ser definidas. Hoje, numa comunicação de hora e meia ao parlamento, o primeiro-ministro da RDA, Lothar de Maiziére, disse que haverá uma paridade um por um para os marcos das duas Alemanhas. A unificação monetária, segundo Maiziére deverá ocorrer por volta de dia 1 de Julho, acrescentando que nas próximas oito ou dez semanas serão efectuadas negociações para a total integração económica, incluindo a questão do marco e dos sistemas de previdência social.

O chefe dos democratas-cristãos leste-alemães afirmou também no seu discurso que a taxa um por um deverá ser aplicada aos salários, reformas e poupanças, embora reconheça que este último item possa ter um «um câmbio diferenciado», o que deixa em aberto a possibilidade de a conversação em *deutschemarks* das poupanças dos cidadãos da RDA ser feita de forma escalonada. O primeiro-ministro reclamou também um «tratamento diferenciado» para a dívida interna das empresas estatais, cooperativas e empresas privadas, tendo em conta «a diferença de produtividade entre a RFA e a RDA».

Mesmo com estes detalhes, a posição de Maiziére, que chefia um Governo de ampla coligação, vai contra o projecto do Banco Central da RFA, o Bundesbank, que preconiza uma taxa de dois marcos leste-alemães por um dos ocidentais.

Sobre o outro ponto mais polémico do processo de unificação, a pertença ou não aos blocos militares, Maiziére não foi tão claro, embora o seu Governo tenha advogado já por diversas vezes que a Alemanha unida deverá ficar integrada na NATO. O primeiro-ministro limitou-se a dizer que vai promover «um processo de substituição das alianças militares por estruturas que as ultrapassem e que lancem as bases para um sistema global de segurança europeia».

Há cerca de uma semana, quando o programa de Governo foi divulgado, ficava estabelecido que «é preciso partir do princípio que uma Alemanha unida será membro da NATO a qual deverá evoluir nas suas funções militares, durante um período transitório, até à constituição de um sistema global de segurança europeia».

Ontem, o embaixador soviético na RDA entregou uma carta a Maiziére em que a URSS lembrava que tinha «uma palavra decisiva» sobre a unificação e onde se avisava que Moscovo não via com bom olhos «uma rápida integração da nova Alemanha na NATO».

No discurso de hoje, Maiziére fez várias referências elogiosas a Gorbachev e à URSS, pedindo aos seus cidadãos para não considerarem uma Alemanha unida como uma ameaça».

Redacção «DL»/AFP

Devido a entrevista em que embaixador em Londres acusava Mário Soares

Angola retira credenciais ao jornalista Ricardo de Melo

As autoridades angolanas retiraram as credenciais de trabalho ao jornalista Ricardo de Melo, colaborador da RTP, devido a uma entrevista ao embaixador angolano em Londres, Luís Neto Kembata, no decurso da qual o diplomata teceu graves acusações ao Presidente Mário Soares.

De acordo com o jornalista, o Ministério das Relações Exteriores de Angola acusa-o de ter criado tensões entre os dois países e atritos entre o embaixador angolano em Londres e o seu colega em Lisboa, Rui Mingas.

Na citada entrevista, Neto Kembata atribuiu a Mário Soares, segundo refere o semanário «O Jornal», diligências junto à África do Sul para um ataque a Mavinga, em defesa da UNITA.

A RTP omitiu o fragmento da entrevista que continha as controversas afirmações do diplomata, que imediatemente suscitaram um vigoroso desmentido por parte da Presidência da República portuguesa. Ricardo de Melo, de 33 anos, trabalha desde 1988 no país de onde é natural, após vários anos em Portugal, e colabora também com a TSF-Rádio Jornal, o semanário «O Jornal» e com o serviço em inglês da BBC.

Ontem, o Presidente José Eduardo dos Santos anunciou a interrupção do balanço das actividades ministeriais angolanas - iniciado em Novembro - devido aos objectivos visados não terem sido atingidos e invocou «a lentidão e indisciplina estatal» no decurso das primeiras reuniões de balanço.

Nas referidas reuniões, seguidas pela televisão com grande interesse e expectativa da população, foram feitas veementes críticas ao ministro da Constução, João Garcia «Cabelo Branco». Na ocasião, enquanto o chefe de Estado afirmava que as medidas preconizadas para o sector estavam quase «no ponto zero de cumprimento», elementos do Governo acusavam «Cabelo Branco» de incompetência, desperdício de meios e má gestão.

Ao justificar a suspensão destas reuniões, José Eduardo dos Santos considerou que «a indisciplina estatal continua a debilitar a capacidade executiva do Governo e a prejudicar a sua imagem interna e externa».

Redacção «DL»/Lusa

INTERNACIONAL

À MARGEM

Brasil: infância, afecto ou a força do abandono

Tem acontecido, em clima de conversa de salão, quererem as pessoas saber se o Brasil estará à beira de uma guerra civil. E ficarem duplamente «frustradas» porque a previsão de tal monstruosidade é negativa, sendo positiva a guerra civil que, de facto, nos últimos anos se tem vivido naquele país. Não se chega a discutir se o morro corre o risco de descer ao asfalto, ou se a favela vai trucidar os senhores de primeiro mundo que com os marginais do desemprego repartem a mesma geografia das cidades. Nem se pode, na Europa, dizer o justo ponto de equilíbrio que se encontra no convívio extremado dos pontos opostos da escala social. É que, aqui, temos bem definidos os conceitos de honra, de direito, de liberdade, de ordem civil preservada pelas instituições. Na África do Sul inteira, tudo está por aclarar, em termos de regras e prática comum de justiça.

Com o ordenamento da nova Constituição, e a proposta do recente Governo de Fernando Collor de Mello, decorrem os dias de pagamento colectivo da factura por cada cidadão, factura amarga e pesada, filtrada democraticamente pelo voto dos parlamentares no Congresso, uma vez que o Presidente da República perdeu o direito à imposição de leis que alterem a ordem económica ou social do Brasil. Entretanto, evolui o quotidiano do país, a enfrentar decisões que na prática passam pela preservação do direito à dignidade e à vida.

Tem-se dividido, por exemplo, a opinião pública no Rio de Janeiro, sobre o destino dos menores abandonados na cidade. São seis milhões em todo o país. Pudemos vê-los na imagem de Pixote, o herói do filme de Hector Babenco, que levou o seu nome.

Pixote chamava-se Fernando, nasceu no subúrbio de São Paulo, e morreu baleado pela polícia, há dois anos atrás, exemplarmente vítima da desgraça, da carência e da sub-humanidade.

No Rio, são milhares, a vender pastilha e doces nos semáforos da zona Sul, a guardar carros, a cheirar cola e assaltar as crianças da mesma idade, que tenham direito a roupa, cama e mesa.

A sua trajectória comum passa pela chamada Funabem, Fundação do Bem Estar do Menor, ou eufemismo para a criminalidade inscrita em ficha desde a primeira idade da razão. E começa pelo Juizado de Menores, como triagem inicial. De facto, os menores carentes e abandonados são um extracto expressivo da sociedade brasileira.

Acaba de surgir a determinação de que sejam retirados das ruas do Rio de Janeiro pela polícia, e se confinem na Fundação Leão XIII, abrigo geral para os mendigos na cidade.

Intervêm psicólogos, pedagogos, militantes de movimentos pela liberdade e pela vida, oferecendo à já tão dolorida classe média o problema de opção de consciência entre o afecto a repartir ou a defesa da força a exercer.

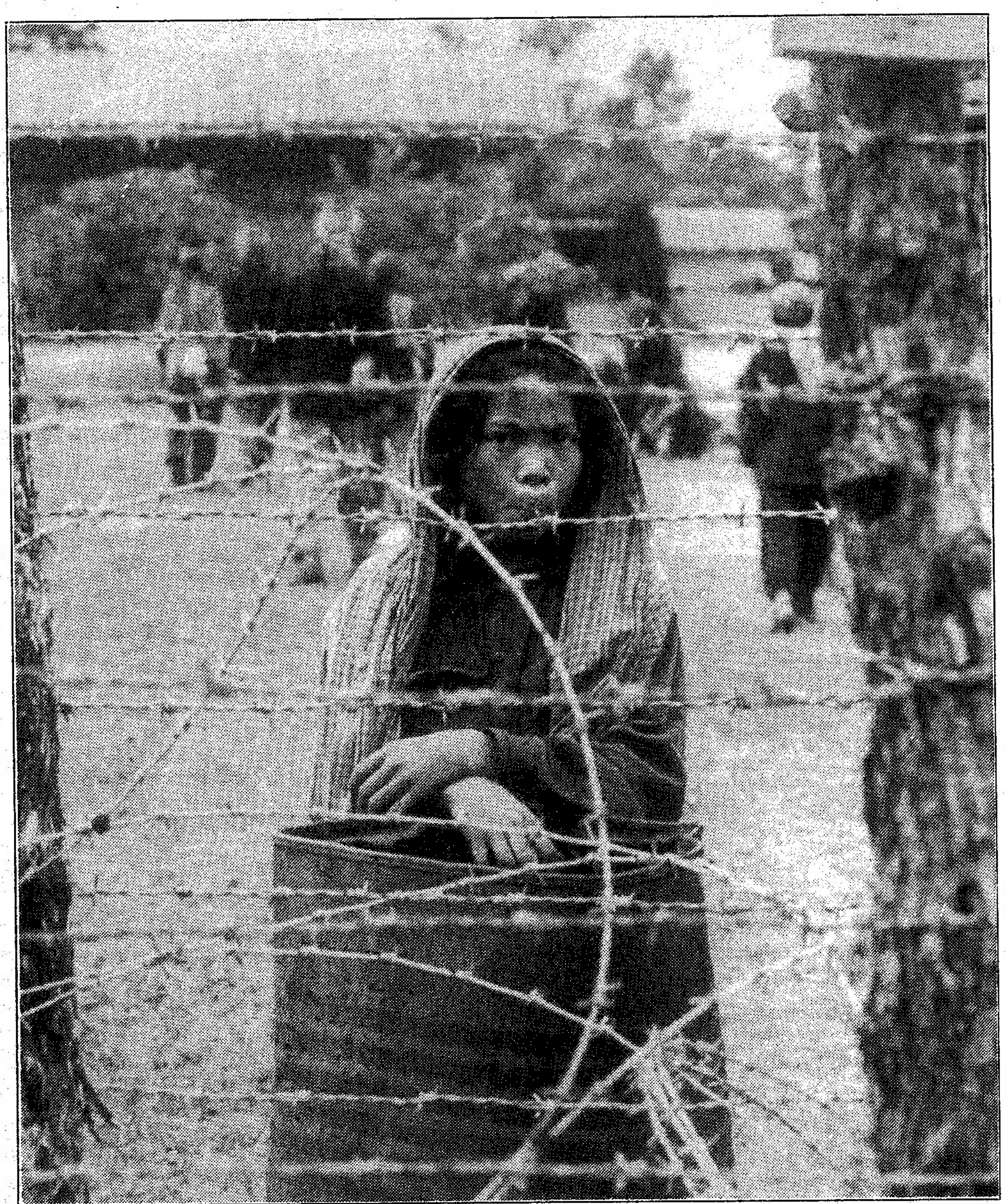
O afecto parece estar em falta, e a força corre o risco da grande arbitrariedade. Vale a pena perguntar se o problema é nacional ou se ultrapassa todas as fronteiras definidas pela identidade do país.

Talvez esse seja um dos lados obscuros daquela realidade, e um dos que mereça um pensamento, para além dos problemas a que todos temos direito, por informação.

Leonor Xavier

Tailândia quer encerrar campos de refugiados ao longo da fronteira

Guerrilha cambojana vai perder apoio civil



Os 270 mil cambojanos refugiados em campos fronteiriços com a Tailândia têm medo de regressar ao seu país. Mas, se os campos encerrarem, terão de considerar seriamente essa hipótese

O primeiro-ministro tailandês, Chatichai Choonhavan, quer encerrar os campos de refugiados cambojanos ao longo da fronteira e dar-lhes a escolher entre regressar ao Camboja ou partir para uma área neutra. Tal migração enfraqueceria seriamente os grupos da oposião não-comunista cambojana, fortalecendo os khmers vermelhos.

A «Área 2», campo de refugiados com cerca de 150 mil pessoas sob o controlo da Frente de Libertação Nacional Khmer (FLNK), é um caso exemplar da insegurança sentida por aqueles que não podem regressar ao Camboja. Um velho oficial da FLNK, Lai Kek, presidente da administração central da «Área 2» explica o drama do seu movimento: «Se o Governo tailandês estabelecer um campo neutral, a resistência não-comunista estaria acabada.»

A maioria dos 270 mil refugiados cambojanos na Tailândia vive em campos administrados por um dos três grupos resistentes: a FLNK, o grupo do príncipe Norodom Sihanouk e os comunistas khmers vermelhos.

Chatichai, cuja maior ambição na política externa é tornar o campo de batalha da Indochina num mercado rentável, está frustrado com a falta de progresso das negociações entre todas as partes.

Logo a seguir à última e infrutífera série de conversações na Indonésia, Chatichai manifestou o desejo de acabar com os campos administrados pela resistência. Os habitantes seriam mandados para o Camboja ou recolocados num campo neutral, na Tailândia, sem filiação a qualquer dos grupos resistentes.

População em cativeiro utilizada nas lutas

Até agora os refugiados sob o controlo de uma das facções resistentes têm emprestado a tais grupos um certo grau de legitimidade política e um fornecimento de recrutas para as suas tropas, em confronto com o regime vietnamita de Heng Samrin.

Durante os últimos meses os khmers vermelhos fizeram retroceder civis - provavelmente mais de 40 mil - para áreas controladas no território cambojano. A maioria dessas pessoas são familiares de soldados e formam a espinha dorsal do apoio civil aos khmers vermelhos. Este grupo não ficaria significatimente enfraquecido se perdesse o controlo sobre os civis que ainda permanecem nos campos tailandeses.

As duas outras facções não-comunistas, no entanto, controlando áreas bastante mais reduzidas no Camboja, não detêm uma população civil em número significativo no país. O plano de Chatichai desligaria esses grupos da sua base civil nos campos de refugiados da Tailândia.

Mas os que socorrem os habitantes da fronteira entre a Tailândia e o Camboja mostraram-se satisfeitos com o anúncio de Chatichai. Estes queixam-se há muito da falta de liberdade de escolha dos refugiados cambojanos que são, na verdade, uma população em cativeiro usada na luta contra o regime vietnamita em Phnom Penh.

Também para os refugiados na «Área 2», ou pelo menos para a maioria, se lhes dessem a escolher entre ir para um campo neutral na Tailânidia ou regressar ao Camboja para viver sob o regime de Heng Samrin, a opção seria indubitavelmente a primeira.

«Não posso voltar a viver sob o regime de Heng Samrin. Os seus apoiantes dizem que somos traidores. Também tenho medo de que os khmers vermelhos assumam o poder novamente», diz uma mulher de meia-idade, que pediu o anonimato. «Quero ir para um campo neutro e sei que muitos outros desejam o mesmo. Não queremos regressar ainda, apesar de, desta forma, corrermos o risco de perder o nosso país.»

Medo do regresso

Um homem, que igualmente pediu o anonimato, corrobora: «Apenas uns 20 por cento destas pessoas querem permanecer com a FLNK. Dessa parte, a maioria mantém com eles negócios de contrabando. Muitos dizem agora que os vietnamitas regressaram ao Camboja. É por isso que tenho medo de regressar.»

Bo Ra, um estudante de 23 anos, diz que seria óptimo que, tanto ele como os seus conterrâneos, pudessem escolher e pensa que a maior parte preferiria refugiar-se num campo neutro. «Porque é que eu vim para aqui? Para me sentir um pouco mais livre», explica Bo Ra. «Penso que ninguém na 'Área 2' regressaria apenas por ódio ao comunismo. Nós só voltaremos no dia em que haja liberdade no Camboja.»

Entretanto a data de implementação do novo campo não está ainda definida. Chatichai, por seu lado, tenta introduzir uma nova estratégia de mercado na sua política externa enquanto o Exército tailandês, preocupado com aspectos estratégicos mais tradicionais da situação, já afirmou duvidar de tal plano.

Fontes militares sugerem que esse novo campo seja erguido no Camboja e nunca na Tailândia. Por seu lado, os principais apoiantes da resistência, a China e a URSS, também já mostraram as suas reservas quanto à proposta de um campo neutral. No meio de tudo isto os refugiados atravessam mais um teste à sua capacidade de resistência.

Robert Birsel
Serviço Gemini/«DL»
Trad. MT

INTERNACIONAL

O secretário de Estado norte-americano, James Baker, na sequência de declarações do Presidente Bush, disse que a atitude de Moscovo para com a república lituana afectará as relações comerciais entre a URSS e os EUA. Mas ainda não são conhecidas medidas concretas de Washington

URSS cortou fornecimento de petróleo à Lituânia

A ameaça de embargo económico à Lituânia, feita por Mikhail Gorbachev, se a república não cumprisse as exigências de Moscovo, concretizou-se a noite passada com o anúncio em Vilna do corte do fornecimento de petróleo à refinaria de mazeikiai.

O corte, ocorrido às 21 e 30 locais (19 e 30 de Lisboa) seguiu-se à resposta, no mesmo dia, do Parlamento lituano ao ultimato de Moscovo, em que os independentistas propunham a abertura de conversações parlamentares preliminares até 1 de Maio, a troco de uma suspensão da actividade legislativa daquele órgão.

Comentando o corte, o Presidente lituano Vitautas Landsberguis, citado pela agência de Informação da república disse que «ninguém faria isto a si próprio. Isto é verdadeiramente o reconhecimento da independência da Lituânia.

No entanto, o Ministério da Indústria do Petróleo da URSS, declarava ainda ontem não terem qualquer fundamento as notícias surgidas na Imprensa Ocidental sobre redução ou suspensão do fornecimento de petróleo e gás à Lituânia.

Mas Vilna garante que o corte se efectivou. E Vitautas diz a propósito:

«A União Soviética, sendo incapaz de encontrar uma solução humana, está a recorrer à coerção e à guerra económica contra um país vizinho». E acrescenta: «O corte reflecte uma grande crise na URSS».

A suspensão do fornecimento de petróleo, através do oleoduto proveniente da cidade russa de Polotsk, foi comunicado ao director da refinaria por um telefonema. De manhã, veículos blindados com tropas soviéticas foram vistos perto da estação de bombagem da refinaria.No telefonema alegava-se uma resolução do Conselho de Ministros da URSS. Nada se sabe ainda de uma eventual suspensão dos fornecimentos de gás, que foi o primeiro produto de que se falou na segunda-feira, como passível de ser cortado.

O deputados lituanos apelaram entretanto aos seus condidadãos para manterem a calma e pouparem recursos, face ao bloqueio que agora começou.

Reacção norte-americana

O secretário de Estado norte-americano, James Baker, disse que as acções soviéticas na Lituânia podem afectar o apoio do seu país às reformas de Gorbachev e pôr em causa os contactos comerciais entre os dois Estados. Baker não especificou que laços económicos podem ser afectados, mas alguns líderes do Congresso têm sugerido a suspensão das conversações comerciais em curso e um possível adiamento da cimeira americano-soviética, prevista para o final de Maio.

As duas superpotências estão a negociar um novo acordo de comércio, que pode viar a abrir mais o mercado americano às exportações soviéticas, através da redução das barreiras comerciais dos EUA.

«A perestroika, a glasnost e a democratização não podem ser divididas», disse. «O processo de reformas não pode ir para a frente e ter êxito, se for aplicado numas repúblicas e negado noutras».

De referir que o Presidente Bush havia afirmado ontem que tomaria medidas adequadas caso o embargo económico à Lituânia se concretizasse.

No entanto, ainda não é conhecida nenhuma atitude concreta de Washington nesse sentido.

Em busca de petróleo na Noruega

Entretanto a primeira-ministra lituana, Kazimiera Prunskiene, e o ministro dos Negócios Estrangeiros Algirdas Saudargas, chegaram ontem a Oslo, para uma visita não oficial, com o objectivo de negociar a compra de petróleo e gás noruegueses. Este fim-de-semana, os dois membros do Governo lituano visitarão igualmente a Dinamarca.

«O Ocidente deverá ter um maior espírito de decisão em relação à Lituânia», disse Prunskiene, acrescentando que « ainda não é demaisado tarde» para contrariar a pressão soviética sobre a Lituânia.

Redacção DL/Lusa/AFP

A primeira-ministra da Lituânia, Kazimiera Prunskiene, durante uma conferência, momentos antes de se deslocar à Noruega, para negociar a compra de petróleo norueguês, para fazer face ao bloqueio soviético

Cimeira Bush-Mitterrand decorre hoje na Florida

O futuro da NATO em questão

George Bush e Francois Mitterrand vão debater hoje, na Florida, o futuro papel da NATO, após o colapso dos regimes comunistas na Europa de Leste, e procurar resolver as diferenças de opinião existentes entre os EUA e a França quanto a uma nova estratégia de Defesa, após a unificação dos dois estados alemães.

Seis dias depois de se ter reunido, nas Bermudas, com a primeiro-ministro britânica, Margaret Thatcher, Bush prossegue a sua série de contactos com os principais aliados da NATO, tendo em vista a próxima cimeira com o líder soviético, Mikhail Gorbachev, a decorrer de 30 de Maio a 3 de Junho.

Ao deixar o Pacto de Varsóvia em completa desordem, a convulsão política no Leste levantou novas questões relativamente à orientação e ao próprio sentido da existência da NATO.

Mitterrand tem opiniões sobre os novos problemas estratégicos que diferem grandemente das de Washington. A França optou em 1966 por uma via semi-independente na Aliança, retirando as suas forças armadas do comando integrado da NATO.

Tanto Mitterrand como o ministro francês dos Negócios Estrangeiros, Roland Dumas, que manterá conversações paralelas em Key Largo com o seu homólogo norte-americano, James Baker, tornaram claro que a França continua a manter sérias reservas quanto à supremacia norte-americana num novo modelo da Aliança do Ocidente.

Os dirigentes de Paris têm rejeitado sugestões britânicas para que a França regresse a uma nova NATO como membro de pleno direito. Altos funcionários franceses afirmaram esta semana que Mitterrand mantém sérias reservas quanto ao papel de relevo da NATO, que a França considera anacrónico.

Em contrapartida, Mitterrand insiste na sua ideia de uma «confederação europeia», que incluiria todos os países leste-europeus assim que estes enveredassem pela via da democracia à maneira ocidental. O horizonte de tal confederação continua por definir, mas os EUA não parecem muito receptivos a uma solução que os excluiria mas na qual a URSS seria incluída.

O Governo francês defende a continuação da permanência das forças armadas norte-americanas e canadianas na Europa, mas considera essa presença como uma necessidade temporária, até que a Europa esteja pronta a assumir a sua própria Defesa.

Redacção «DL»/Reuter

BREVES

De Klerk recusa «um homem um voto»

O presidente sul-africano rejeitou, numa intervenção no Parlamento, a exigência do ANC de introduzir no país o sistema eleitoral baseado no princípio «um homem, um voto».

De Klerk, apesar de considerar que o sistema de separação racial e de domínio da minoria branca não tem futuro e de acentuar que «a nova África do Sul pertencerá a todos os seus habitantes» rejeitou a ideia de um Governo de maioria negra, que resultaria da aplicação daquele princípio. Justificando a sua posição, o presidente da África do Sul disse que «o Governo daquele tipo não convém ao país, já que conduz ao domínio das minorias e, até, à sua opressão». De Klerk assegurou ainda à comunidade branca que esta continuará a desempenhar «um papel central no país».

Zimbabwe reúne mediadores da paz moçambicana

Os presidentes do Malawi, Quénia, Zimbabwe e Moçambique estão em Harare para assistir às comemorações do décimo aniversário da independência do país e fontes oficiais na capital zimbabweana referiram que aqueles dirigentes se devem reunir à margem das celebrações para analisar os esforços de paz lançados por Joaquim Chissano. Centenas de zimbabweanos morreram nos últimos anos em operações na fronteira contra a Renamo e, neste momento, o país assiste Moçambique com mais de 12 mil militares.

Presos políticos fazem greve da fome em São Tomé

O líder da Frente de Resistência Renovada de São Tomé e Príncipe, Afonso dos Santos, entrou em greve de fome acompanhado por 29 outros alegados golpistas presos desde 1988. Fonte da cadeia central de S. Tomé revelou à Lusa que, no total de 36 elementos condenados a penas que vão até 22 anos de prisão, só seis não aderiram à greve de fome. O advogado de Afonso Santos, o português Paulo Leitão, disse que esta forma de luta visa a obtenção do direito a recurso da sentença ditada pelo Tribunal superior de São Tomé e Príncipe.

120.º ANIVERSÁRIO DO NASCIMENTO DE LENINE

A Associação Portugal-URSS convida-o a assistir e participar na Sessão/debate que promove no próximo **dia 20 de Abril, no FORUM PICOAS às 21h00** sobre o tema

ACTUALIDADE DO PENSAMENTO DE LENINE

em que participam:

RUDOLFO IANOVSKI
Reitor da Academia de Ciências Sociais, do CC do PCUS
DR. ANTÓNIO REIS
da revista «FINISTERRA»
DR. ARSÉNIO NUNES
da revista «VÉRTICE»
PROF. PITEIRA SANTOS
PROF. AVELÃS NUNES
Presidente da Associação Portugal-URSS, que moderará

CONSELHO DIRECTIVO

ASSOCIAÇÃO PORTUGAL-URSS

BREVES

Combustíveis podem baixar

O secretário de Estado da Energia informou ontem que os preços de venda ao público dos combustíveis derivados do petróleo poderão baixar, dentro de três a quatro meses, tendo adiantado não ser de afastar a hipótese do Governo fazer um reajustamento nos preços devido à «quebra dramática do preço dos petróleo nos mercados mundiais», devido a um excesso de produção dos países exportadores.

Segundo Ribeiro da Silva, o reajustamento só poderá ter lugar dentro de três a quatro meses, dado que os «crudes» actualmente utilizados foram importados no final do ano passado, altura em que os preços não se encontravam em quebra.

O preço de venda ao público, fixado pelo Governo, é calculado em função do custo de produção e do imposto sobre os produtos petrolíferos (ISP). A diminuição de um dólar por barril significa uma poupança, para Portugal, de cerca de um milhão de contos.

Ouro de Jales para moedas

É assinado esta tarde um contrato entre a Imprensa Nacional-Casa da Moeda e as Minas de Jales, mediante o qual estas comprometem-se a fornecer o ouro necessário à cunhagem das moedas comemorativas realizadas pela IN-CM.

BNU tem 100 dias para avaliar Siderurgia

O Banco Nacional Ultramarino lidera o grupo bancário seleccionado para proceder à avaliação da Siderurgia Nacional, com vista à reestruturação e posterior privatização desta empresa. Compõem o grupo, para além do BNU, o *merchant bank* Samuel Montagu, integrado no grupo inglês Midland, e a empresa britânica de consultoria W. S. Atkins.

Neovox comemora 13º aniversário

A agência de publicidade Neovox comemorou o seu 13º aniversário no passado dia 14. Para a empresa, este aniversário é a data-marco do seu enquadramento internacional.

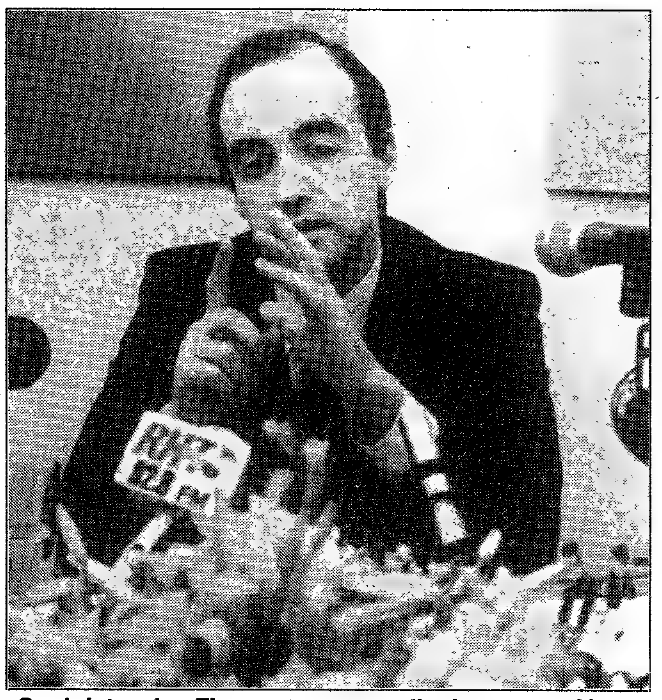
Privatizações e corte nas despesas explicados por Miguel Beleza

Ministro veio a público definir política governamental

O ministro das Finanças, Miguel Beleza, reuniu-se ontem à tarde com a Comunicação Social para divulgar, de viva voz, muitas das medidas já conhecidas para os próximos tempos. Assim, os temas fortes foram as privatizações e os cortes nas despesas. Conforme fez questão de salientar, é preocupação prioritária governamental que «desta vez o sector privado não seja penalizado».

Para tal, apontou dois pontos básicos da sua política orçamental, que são a restrição ao consumo a incidir sobre o sector público sem atingir os investimentos e a não existência de acomodação da execução orçamental, embora a taxa de inflação possa exceder a que foi considerada aquando da elaboração do Orçamento do Estado para este ano.

O ministro fez também questão de referir que o processo de privatizações passa, nesta primeira fase, tal como já era conhecido, pela alienação dos capitais detidos pelo Estado na Unicer, Centralcer, Transinsular e bancos Totta e Açores e Português do Atlântico.



Rui Pacheco

O ministro das Finanças surge a divulgar o que já era quase do domínio público

Palavras de Miguel Beleza: «A defesa dos legítimos interesses nacionais, a preservação dos interesses patrimoniais do Estado, o aumento da eficiência e da competitividade das empresas, a redução do peso do sector público na economia, a transparência, a isenção e o rigor são os princípios fundamentais que pautam a actuação do Governo nesta matéria e convém ter presentes».

Conforme foi referido na conferência de Imprensa, os mecanismos e processos de privatização do próximo grupo de empresas a privatizar estabelecem formas diferentes que visam o seu sucesso. Assim, há a possibilidade do Estado se reservar o direito de anular o processo da Transinsular se 95 por cento da oferta não forem subscritos, passando a privatização da totalidade dos 51 por cento a ser feita por concurso público.

Diga-se que este deverá ter sido o ponto que levantou mais questões, conhecidos que são os diversos interesses envolvidos na companhia de navegação. A posição oficial poderá retirar agora, a Ilídio Pinho, a possibilidade de passar a controlar a empresa com a aquisição, em OPV, de um número reduzido de acções.

Por outro lado, a privatização do Banco Português do Atlântico irá ser feita em três fases, a primeira a um terço, a do Totta e Açores a mais de 31 por cento e a da Centralcer a 100 por cento.

No que se refere ao BPA e ao BTA, se 95 por cento não forem colocados e, no caso da Unicer, com 90 por cento, o Estado reserva-se o direito de reduzir a oferta, por forma a continuar a deter um lote de acções representantivas de 30 por cento do total.

Assente ficou, igualmente, que o Governo quer garantir o acesso dos trabalhadores, actuais accionistas e pequenos investidores ao capital da empresa e, quanto a uma possível MBO (manegement buy-out) para os quadros do BPA, esta não estará prevista para o primeiro terço a privatizar.

COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	46$35	52$35
ALEMANHA FED. (marco)	87$65	88$85
ÁUSTRIA (xelim)	12$45	12$65
BÉLGICA (franco)	4$046	4$296
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	126$30	128$80
(notas de 5 a 1000)	126$80	129$30
DINAMARCA (coroa)	23$00	23$40
ESPANHA (peseta)	1$347	1$467
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	147$10	150$60
(notas de 5 a 1000)	147$60	151$10
FINLÂNDIA (marka)	36$95	37$55
FRANÇA (franco)	26$10	26$80
HOLANDA (florim)	77$85	78$95
IRLANDA (libra)	236$30	240$30
ITÁLIA (lira)	$108	$123
JAPÃO (iene)	$881	$936
NORUEGA (coroa)	22$50	23$00
REINO UNIDO (libra)	241$50	246$00
SUÉCIA (coroa)	24$10	24$60
SUÍÇA (franco)	98$75	100$25
VENEZUELA (bolívar)	2$629	3$429

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

Formação altamente qualificada para quadros portugueses

Em curso uma acção dirigida à indústria no âmbito do PEDIP, programa que em Fevereiro já tinha aprovado projectos que orçam pelos 234 milhões de contos

Está em curso uma acção que visa o desenvolvimento de estruturas de formação para a especialização de licenciados em domínios de relevância estratégica para a modernização da indústria portuguesa, onde sejam sentidas graves carências.

Este programa especial é desenvolvido em conjunto pelos Ministérios da Indústria e da Educação e conta com o apoio do PEDIP (Programa Específico de Desenvolvimento da Indústria Portuguesa) e do PRODEP (Programa de Desenvolvimento Educativo para Portugal).

Segundo Mira Amaral, ministro da Indústria, as referidas estruturas formativas destinam-se «ao desenvolvimento da especialização a frequentar por licenciados que sejam quadros de empresas industriais ou de infra-estruturas tecnológicas apoiáveis pelo PEDIP e sobre dominós pré-seleccionados».

As estruturas são escolhidas através de concursos anuais, onde são seleccionadas as propostas a apoiar, não só no aspecto da formação, mas também no das necessárias infra-estruturas.

Segundo revela Mira Amaral, as áreas industriais prioritárias e objecto dos cursos são as de gestão industrial, *marketing* internacional, concepção, desenvolvimento e *design* do produto industrial, bem como sistemas de informação para a indústria. Estas áreas, acrescentou, integram-se na política industrial portuguesa definida para a década de 90, a qual abrange a tecnologia, a qualidade, o *design*, o ambiente (com introdução de tecnologias limpas na indústria) e os recursos humanos (com formação de quadros altamente qualificados).

O ministro sublinha, a propósito, que «o Governo está, com o apoio do PEDIP e dos fundos estruturais da Comunidade, a implementar uma decidida política industrial, orientadora e reestruturante da indústria portuguesa», assente nos seguintes vectores: modernização e diversificação da estrutura industrial e reforço das políticas de qualidade e *design* industrial, inovação e desenvolvimento tecnológico, ambiental e energético.

No final de Fevereiro passado estavam aprovados 2182 projectos no âmbito dos programas operacionais do PEDIP.

O investimento global naqueles programas ascende a 234,8 milhões de contos, sendo 191,2 milhões por parte das empresas e 43,6 milhões de participação do PEDIP.

A pagamento encontram-se ainda 885 projectos, que representam um investimento na ordem dos 80,2 milhões de contos e incentivos do PEDIP de 21 milhões.

Capital de risco

Entretanto, ainda no âmbito do PEDIP, duas sociedades de capital de risco, a Norpedip e a Sulpedip, aprovaram, até Março passado, dez projectos.

Ao abrigo do Programa Específico de Desenvolvimento da Indústria Portuguesa deram entrada, nas duas sociedades, no primeiro trimestre, 115 projectos (65 na primeira e 50 na segunda), dos quais foram aprovados dez. No entanto, ainda estavam 64 projectos para ser analisados.

As duas sociedades foram criadas em meados do ano passado e possuem um capital de 5,5 milhões de contos cada uma. Visam actuar no sentido de melhorar a capacidade de negociação das pequenas e médias empresas junto do sistema bancário.

Na verdade, o referido programa do PEDIP destina-se a projectos de engenharia financeira e prevê duas modalidades: o financiamento do investimento e a reestruturação financeira e desenvolvimento de empresas.

QUOTIDIANO

O arranjo do primeiro grande passeio público da Baixa lisboeta foi concebido de forma a favorecer o convívio

Toldos amarelos alegram Rua Augusta

A Rua Augusta, no coração da Baixa pombalina, vai ter um novo plano urbanístico. Três esplanadas de toldos amarelos para cobrir cadeiras «brancas e transperentes» que não desfigurem a histórica artéria, para além de um local reservado aos «artesãos populares», como agora passaram a ser conhecidos os vendedores ambulantes que fazem o seu negócio na zona.

O aproveitamento do projecto do professor Caldeira Cabral, datado de 1987 - que fez daquela artéria o primeiro grande passeio público da Baixa - foi agora utilizado pela vereação do Ambiente e Turismo da CML.

Vítor Costa, o responsável por esse pelouro, reuniu esta manhã os jornalistas no Padrão dos Descobrimentos - por sinal em obras - para lhes dar a conhecer os detalhes do projecto.

Garante, o autarca, que não se vão repetir alí erros tão graves como os da Rua do Carmo, cuja urbanização prejudicou gravemente o combate ao incêndio do Chiado.

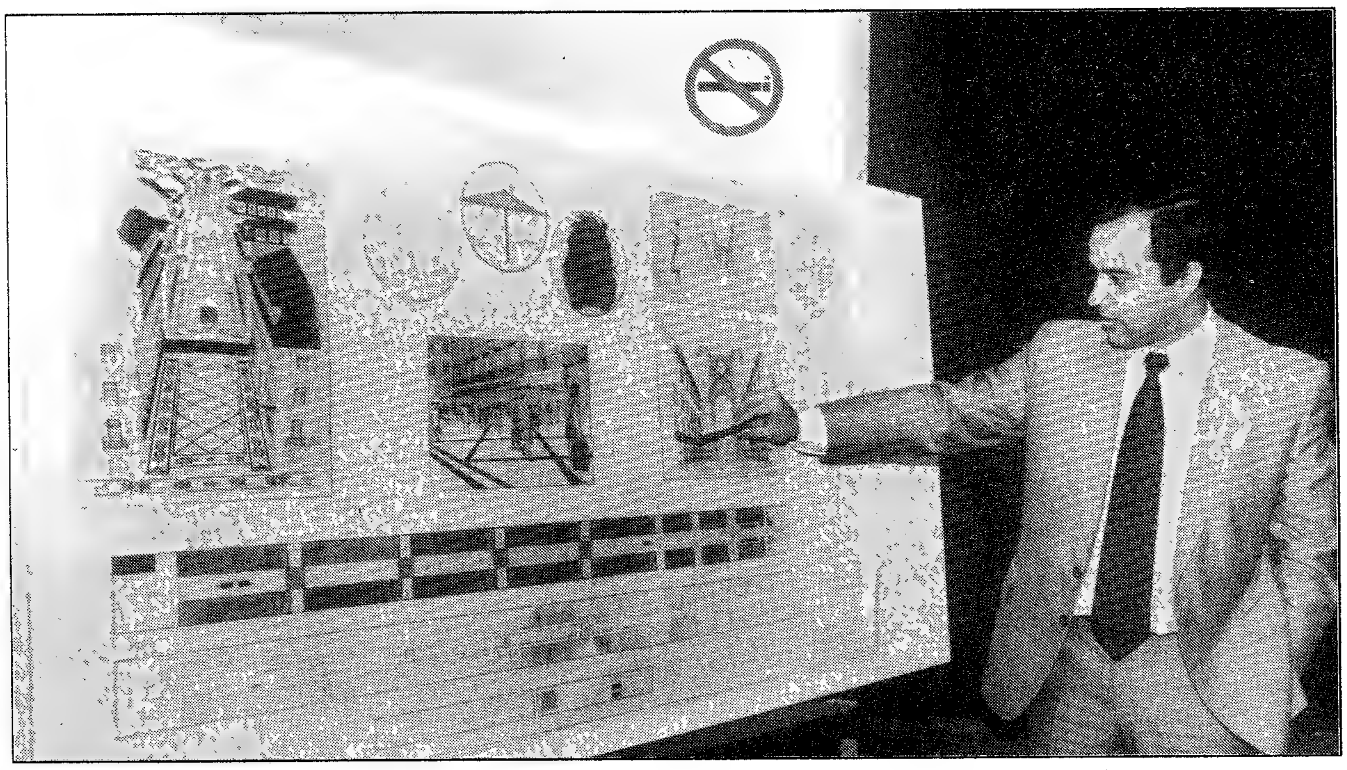
Por essa razão e como se explica num documento distribuído aos jornalistas, «os elementos de mobiliário urbano considerados no projecto são, na sua grande maioria, totalmente amovíveis, tanto por razões de segurança como de forma, de modo a permitir um máximo de dinâmica na utilização da rua, com a hipótese de variações frequentes sazonais ou ocasionais, mantendo-se sempre a possibilidade de introdução de novos elementos, ou a sua eliminação, em função da evolução das características do parque comercial existente».

A venda de artesanato, já *típica* naquela rua, vai ser protegida e organizada apesar de, no projecto, só haver lugar para 23 bancas. A Câmara procura, do melhor modo, apoiar a actividade daqueles vendedores ambulantes que, inclusivé, estavam representados esta manhã no encontro com a Imprensa.

O projectó de *reanimação* da Rua Augusta não deixa nada ao acaso. Até as flores são acarinhadas. Os arquitectos projectaram floreiras «em forma de ânfora, com acabamento em olaria» conscientes da «impossibilidade de produzir floreiras amovíveis». Garantem que a sua implantação «foi criteriosamente estudada de modo a não criar dificuldades ao tráfego pedonal e permitir o máximo de mobilidade para veículos ocasionais».

Se já era bonita, mais engraçada vai ficar a velha Rua Augusta. Imaginem que até o *típico* «homem estátua» que por ali costuma parar, terá um local reservado para ficar imobilizado.

P. A.



O vereador Vítor Costa apresentou, esta manhã, o projecto de animação da Rua Augusta

Ciclo de conferências Belmiro de Azevedo, presidente da SONAE Investimentos, procedeu à abertura do ciclo de conferências «Information Technology», em sessão realizada na tarde de ontem, no Porto. A iniciativa é promovida pela Associação Portuguesa de Gestão e Engenharia Industrial

B R E V E S

João Amaral preside sessão municipal sobre Plano

Presidida pela primeira vez por João Amaral, a Assembleia Municipal de Lisboa começou esta manhã a discussão do Plano e Orçamento do município para 1990. A apresentação do documento foi feita pelo presidente da Câmara, Jorge Sampaio, prevendo-se que os trabalhos se prolonguem pela tarde. As primeiras intervenções pertenceram a representantes do PSD e do CDS, o primeiro para criticar a redução de verbas para apoio à juventude e o segundo apoiando a política de descentralização empreendida pela actual elenco camarário.

Cortiça conquista prémio de ciência e tecnologia

O prémio Gulbenkian de Ciência e Tecnologia de 1989 foi atribuído ao trabalho «Cortiça: estrutura, propriedades e novos materiais» da autoria do professor Manuel Amaral Fortes e da engenheira Maria Emília da Encarnação Rosa. Uma nota de imprensa distribuída pelos serviços da fundação refere que «o júri reconheceu, deste modo, a contribuição dada para o estímulo da actividade de investigação no domínio dos novos materiais com base em produtos naturais, bem como o contributo original para o património científico e tecnológico nacional».

Traficante de droga presa em Espanha

Uma portuguesa foi detida no aeroporto de Madrid na posse de 7,1 quilogramas de heroína pura, avaliada pela polícia espanhola em cerca de um milhão e 700 mil contos, noticiou a Lusa. A detenção da mulher portuguesa possibilitou a prisão de outras duas pessoas, um iraniano e outra portuguesa.

Privatização do «Jornal de Notícias»

Cooperativa contesta resolução do Governo

Dirigentes da cooperativa Jota Ene pediram ontem ao Presidente da República que solicite ao Triunal Constitucional a declaração de inconstitucionalidade de um ponto da resolução do Conselho de Ministros que determina a privatização do «Jornal de Notícias».

A cooperativa, constituída por jornalistas e outros profissionais de informação do «JN», fundamenta o seu pedido no ponto 9º da resolução ministerial nº 11/90, que dispõe «exceptuarem-se do disposto no número 5 (oferta pública de venda de acções reservadas aos trabalhadores da empresa) os trabalhadores que sejam sócios das cooperativas que venham a apresentar-se às ofertas públicas».

A direcção da cooperativa sustenta que «tal norma viola o direito de igualdade entre os trabalhadores da empresa, designadamente o disposto no 13º artigo da Constituição da República Portuguesa e proibe o exercício de direitos pelo facto de se ser sócio de uma cooperativa». O pedido foi igualmente dirigido ao provedor de Justiça, procurador-geral da República e grupos parlamentares.

Fiança liberta autarca

Queixosos sequestram alegado autor de burla

Sete indivíduos, residentes em Faro, entre os quais um autarca e um casal de licenciados em Direito, foram detidos pela Polícia Judiciária, acusados de flagrante delito de extorsão e sequestro de um industrial que, segundo alegam, anteriormente os burlara.

Os detidos, já libertados sob fiança, são Célia Brito e seu marido Rui Costa, ambos licenciados em Direito, José Flaviano Miguel de Brito, presidente da Junta de Freguesia de Moncarapacho, no concelho de Olhão, Manuel Viegas, José Medeiros, José Martins e José Viegas. Todos os suspeitos são accionistas de um empresa que teria sido objecto de eventual burla agravada por parte de Júlio Valente, na oportunidade denunciada às autoridades judiciais e que corre termos no tribunal de Faro.

A morosidade da acção judicial intentada estaria na origem do sequestro intentado pelos sete ao industrial Júlio Valente, de Faro. Os acusados pretendiam assim reaver os 22 mil contos de que se consideram defraudados.

Outro caso de sequestro levou à prisão de dois suspeitos, pela Polícia Judiciária. As capturas foram realizadas no Sul de Espanha, depois de investigações iniciadas em Leiria.

Segundo a PJ, os dois indivíduos, de 25 e 29 anos, já com largo cadastro por assaltos à mão armada, terão entrado numa garagem particular de um prédio situado em Leiria e, sob ameaça de uma metralhadora Kalashnikov, forçaram o locatário a entrar numa das suas viaturas e dirigiram-se para o sul.

Em Rio Maior procederam ao levantamento de dinheiro numa caixa automática de pagamentos, utilizando o cartão do sequestrado.

A vítima foi posteriormente abandonada perto do aeroporto de Lisboa, depois de despojada dos valores que tinha consigo, nomeadamente um fio de ouro e o relógio de pulso. Os assaltantes seguiram viagem no veículo roubado.

Os delinquentes encontram-se já nas prisões daquela polícia, em Lisboa, a aguardar a conclusão das investigações para serem entregues à autoridade judicial de Leiria, em cujo tribunal vão responder.

QUOTIDIANO

O passado e o futuro juntos na FIL

Enquanto o brinquedo leva a criança ao mundo da fantasia, a arte trás ao adulto a recordação do passado

O 9º Salão Internacional do Brinquedo e Material Didáctico, inaugurado ontem na FIL, privilegia a exposição e apresentação dos brinquedos de madeira. Um regresso às origens vivido pelas crianças de hoje.

A maioria dos 280 expositores apresenta brinquedos e jogos de madeira, na previsão de que este é o material do futuro. «Podem ser mais caros que os brinquedos de plástico, mas são mais resistentes e duram mais tempo nas mãos das crianças», explicou o responsável por um dos expositores.

Aberta diariamente até ao dia 22, das 10 às 20 horas, esta exposição conta com sete sectores: brinquedos, material didáctico e artigos de papelaria, instrumentos musicais, artigos de desporto e recreio, artigos diversos para crianças e bebés, publicações juvenis e infantis, associações, outros serviços e produtos.

Brincar, dar largas à imaginação e à criatividade, satisfazer a curiosidade, são características inerentes à criança e, por vezes, até ao adulto. A criança que visite a FIL nos próximos dias terá oportunidade de desfrutar de um universo de fantasia, ao confrontar-se com centenas de brinquedos, desde os mais sofisticados aos mais simples.

E por falar em tipos de brinquedos, há que registar a inovação tecnológica: um *sidecar* em miniatura, com uma pequena bateria, que permite à criança conduzir e levá-la ao mundo da realidade, através da fantasia. Neste aspecto, a intervenção directa da criança no brinquedo fica relegada para segundo plano. Ela não tem que criar nada, não tem que imaginar um mundo diferente do que presencia. Tem simplesmente que observá-lo e adaptar-se a ele através de um brinquedo concebido para o seu tamanho. Na circunstância, o brinquedo custa 90 mil escudos.

Menos elevados são os preços de muitos outros brinquedos, em que a tecnologia está ausente, simples nas formas mas elaborados nas aplicações. Com eles a criança cria, inventa, sonha e aprende. Aprende a descobrir, porque nada se lhe apresenta feito. Há que encaixar as peças, há que mover, com as suas próprias mãos, os carrinhos feitos em madeira.

Um regresso ao mundo infantil dos seus pais ou avós, em que as latas, os paus, as rolhas de cortiça, ou um pedaço de madeira serviam para passar o tempo.

Entre o ontem e o hoje houve, certamente, uma evolução: as bonecas que choram, que riem e que fazem chichi, os carros que apitam, abrem as portas e andam sozinhos, as pistas de automóveis de corrida, em que basta carregar num botão para vê-los andar. Tudo era oferecido à criança sofisticadamente, roubando-lhe o tão necessário espaço criativo.

Quanto à proveniência dos brinquedos expostos, ela continua a ser maioritariamente estrangeira, sendo apenas um terço fabricado em Portugal. A indústria nacional dedica-se mais aos jogos didácticos.

Há quem diga que antes as crianças eram mais felizes, principalmente as mais pobres, aquelas que tinham de construir o seu próprio brinquedo. Como quem dá razão a esses tempos, a Brinca/90 apostou na simplicidade, na pedagogia e, fundamentalmente, não esqueceu a criança.

Para outro público, apresenta-se o 9º Salão de Antiguidades, inaugurado, também ontem, no pavilhão da Junqueira. Conta com 70 expositores que reúnem um conjunto de peças valiosíssimas, muitas delas com séculos de existência, nomeadamente mobiliário, faiança, pintura, ourivesaria antiga, livros e gravuras.

Após um interregno de 14 anos, o Salão de Antiguidades regressou à FIL em 1988, com carácter bienal, tendo como objectivo o desenvolvimento e valorização deste mercado. Os interessados poderão aí deslocar-se até ao dia 24, das 16 às 24 horas e apreciar verdadeiras obras de arte.

Portugal foi um dos primeiros países da Europa, desde o reinado de D. Manuel, a encomendar porcelana da China, iniciando assim, uma vasta rede comercial. Mais tarde apareceram as várias Companhias das Índias. Como testemunho desta época, está presente nesta exposição um conjunto pertencente à família Rosas, no valor de 12 mil contos.

O mobiliário português marca também presença neste certame, com peças que vão do século XVI ao XVIII.

No período que engloba o final do século XVI, até quase à Restauração, fabricavam-se sólidos tamboretes, cadeiras rasas ou de braços, com assento e costas de sola gravada, arcas lisas ou almofadadas. Entre o século XVIII e princípios de XIX, o móvel português tinha acabado por adoptar o estilo neoclássico.

A pintura marca a sua presença principalmente através das duas maiores obras de Malhoa, no valor global de 40 mil contos. A responsável pelo expositor mostrou-se confiante que «até ao fim do certame surja algum comprador.

O problema é o tamanho destes dois quadros. Ainda há pessoas com dinheiro para comprar peças de antiguidades, mas, neste caso, a questão prende-se com o espaço disponível para colocar as obras».

Investir em arte foi uma descoberta recente feita por muitas pessoas que costumavam dar outro destino ao seu dinheiro. Comprar uma secretária de campanha Luis XVI, em nogueira, dos finais do século XVIII, por 1700 contos, não é a mesma coisa que investir num imóvel.

Os objectos de arte valorizam-se muito mais, para além de constituirem reminiscências dos tempos que já lá vão.

Gisela Oliveira

Eurico Vasconcelos

As duas maiores obras de Malhoa valem 40 mil contos

Eurico Vasconcelos

Bonecas: um brinquedo que nunca passa à História

Carrinhos de madeira: o regresso às origens

Eurico Vasconcelos

Automóveis à medida da criança, para que a brincadeira imite a realidade

Stand MONTE CARLO
CARAVANAS
TODAS AS MARCAS E MODELOS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS
ABERTO AOS SÁBADOS E DOMINGOS
MONTE CARLO
PYC
VIMARA
ADRIA
FLY
NOVAS E USADAS DESDE 390 000$00
FACILITA TROCA E PAGAMENTO
VIAJE NO MUNDO MONTE CARLO
LINHÓ - ESTRADA SINTRA - ESTORIL - CRUZAMENTO DE LINHÓ
Tel. 923 57 36 Fax 257 34 94

QUOTIDIANO

Santo António de Lisboa este ano dura o mês inteiro

Jorge Sampaio anunciou o programa das festividades destinadas a relacionar o lisboeta (e os outros) com a sua cidade

Com um grafismo mais ousado, este é o cartaz das Festas de Lisboa de 1990

Lisboa volta a ter este ano as suas festas populares de Junho, afirmou ontem Jorge Sampaio, embora com «um carácter inevitavelmente transitório, entre os hábitos criados pelas anteriores edições e o desejo de delas fazer um momento alto de relação entre a cidade, os seus munícipes e os seus visitantes».

Este ano, anunciou o presidente da Câmara, as festas, que vão decorrer durante todo o mês de Junho, obedecerão a três vectores principais: Lisboa e os seus bairros, Lisboa e as regiões do País e Lisboa e o Mundo.

As manifestações iniciam-se logo no dia 1 de Junho, com a espectacular exibição de seis *Leões de Macau*, que irão desde o Arco da Rua Augusta ao Rossio, onde realizam um espectáculo destinado, de acordo com a tradição chinesa, «a afastar das Festas de Lisboa os espíritos maus».

O programa prossegue, assinalou Vítor Costa, vereador do pelouro do Turismo, com manifestações de animação urbana, uma das novidades desta edição. Cerca de três dezenas de locais da cidade serão, ao longo de todo o mês, palco de mais de duas centenas de espectáculos, de circo, mímica, malabarismo, marionetas, teatro, música de câmara, popular e clássica, *rock*, filarmónicas, etc., abrangendo praticamente todos os bairros e freguesias de Lisboa.

Marchas e arraiais

Nas quase tradicionais marchas (a verdade é que surgiram apenas nos anos 40 por iniciativa de Leitão de Barros) estarão representados 18 bairros que, como habitualmente, desfilarão pela Avenida da Liberdade, juntamente com uma marcha infantil da Voz do Operário, na noite de 12 de Junho e com uma posterior exibição no Pavilhão Carlos Lopes. Os bairros representados serão: Ajuda, Alcântara, Alfama, Alto do Pina, Bairro Alto, Benfica, Bica, Campolide, Carnide, Castelo, Campo de Ourique, Graça, Madragoa, Marvila, Mouraria, Olivais, Penha de França e S. Vicente.

Os populares arraiais populares terão enquadramento novo, procurando-se suscitar o interesse pelos problemas locais, desde a segurança à higiene até à animação dos espaços e das ruas envolventes.

Em Lisboa come-se geralmente mal, sabe-se, por isso a CML decidiu lançar um concurso de pratos lisboetas, no sentido de preservar e incentivar a genuína gastronomia alfacinha, iniciativa que pretende sensibilizar largos milhares de pessoas, entre os profissionais da restauração, os hoteleiros e o grande público.

Mas uma parte da população de Lisboa é constituída por indivíduos oriundos da província. O município apelou às casas regionais para a realização de um Torneio de Jogos Tradicionais, representando quase todo o País e contribuindo para a sua preservação e divulgação.

Jorge Sampaio

Música e moda

As Festas de Lisboa vão cobrir todo um conjunto diversificado de géneros de espectáculos musicais, que irão desde a apresentação da banda norte-americana de *jazz Dixieland*, passando pela actuação da *Sétima Legião*, um grande espectáculo do grupo *Stone Roses*, a actuação de *Valdemar Bastos e Martinho da Vila*, até um espectáculo de música popular portuguesa nas ruínas do Convento do Carmo, que terá a designação de *Lua Extravagante*.

A moda terá, também, este ano, o seu espaço próprio. As colecções portuguesas de qualidade para a época Outono-Inverno terão a sua grande apresentação num espectáculo de projecção internacional, no qual participarão as maiores empresas industriais da área, os novos talentos e os melhores criadores portugueses.

A música voltará com um gigantesco espectáculo de *disk-jockeis* no Campo Pequeno. Para a organização daquela discoteca gigante, a CML conta com a colaboração dos melhores profissionais da rádio e das discotecas alfacinhas, assim como com a de dois *disk-jockeis* estrangeiros, considerados pela crítica especializada como os melhores de 1899.

Fado e desporto

O fado era, evidentemente, indispensável. Para além do apoio da CML à Grande Noite do Fado, pretende-se realizar um espectáculo do Fado de Coimbra e fazer regressar o «fado vadio» aos bares e ruas de Lisboa.

O desporto, por sua vez, continuará a ser um acontecimento de projecção no conjunto do programa, com largas dezenas de manifestações ao longo de todo o mês de Junho. Será durante esse período que vai decorrer a fase final dos IV Jogos Desportivos da Cidade de Lisboa.

Tudo isto, o que ontem foi anunciado. Mas a CML e a comissão organizadora deixaram implícito que ainda têm algumas «cartas na manga» e o que o programa ainda pode vir a ser mais abrilhantado.

De resto, para o ano já há ideias: um concurso de mobiliário urbano, outro de teatro, um festival de manifestações musicais urbanas, um subsídio para a publicação de ensaios sobre música popular urbana, um mercado de artes, concursos de «espaços e aventuras» e «brinquedos» e o mais que a imaginação municipal ainda consiga lograr.

Roby Amorim

Condenação de médico pedida em tribunal

Ministério Público alega negligência

O Ministério Público pediu ontem a absolvição da médica Wanda Colaço e a condenação do médico Leão Leda, acusados de «homicídio por negligência», na sequência da morte de Maria Leitão Dias, por eles assistida no Hospital de Santa Maria (Lisboa), em 1985. Em relação ao último, considera que «terá havido um comportamento menos correcto e negligente».

Maria Leitão Dias trabalhava no Hospital Pulido Valente quando em 15 de Outubro de 1985 sofreu uma queda que lhe causou dores, náuseas e vómitos. Foi assistida nessa noite no Hospital de Santa Maria pelo médico Leão Vieira Leda que depois de a medicamentar a mandou para casa. Morreu pouco depois, devido a hemorragia subdural traumática.

Em relação ao médico Vieira Leda, o representante do Ministério Púlico considerou «grave» a omissão da história clínica da doente, citando opiniões no mesmo sentido formuladas por médicos que prestaram declarações. O magistrado referiu ter havido falta de cuidado da parte deste médico, quando no atendimento da doente, nomeadamente quanto à necessidade de saber se a mesma tomava ou não anticoagulantes. Por isso pediu a condenação, solicitando, no entanto, ao tribunal, que tivesse em conta «as deficientes condições em que se trabalha nas urgências hospitalares, bem como a última amnistia».

Na sessão de ontem, a última dedicada às alegações, o defensor da família da vítima concluiu também pela justeza da absolvição da médica Wanda Colaço.

Por seu turno, o defensor de Leão Vieira Leda considerou que o processo «é uma questão de relação entre médico e doente», referindo que o doente devia informar o médico da história clínica e dos medicamentos que estava a tomar. Responsabilizou, a própria família da vítima por conhecimentos que considerou que esta devia ter e devia prestar ao médico.

O 25 de Abril revisitado pelos *media* internacional

«Portugal 1974-1990» foi o tema do painel da manhã de ontem. Falou-se dos tempos agitados do PREC, dos incidentes em Rio Maior, da época em que se discutia a legitimidade revolucionária e saíam para a rua as manifestações. Analisou-se também a semelhança entre o movimento libertador português e os acontecimentos na Roménia. Hoje, alguns dos jornalistas que testemunharam o 25 de Abril têm uma perspectiva diferente da que transmitiram há 16 anos.

O tempo deu-lhes a moderação, o equilíbrio. Mas quem pode hoje criticar os excessos cometidos na altura, quando se viviam momentos de grande emoção e dramatismo.

Revisitar o 25 de Abril através dos jornalistas que trabalharam na rádio e televisão, no debate da tarde, foi regressar à oralidade e às imagens de há 16 anos

Anabela Loureiro

Almoço em Belém O [...] dos jornalistas estrang[...] de imprensa. Maria Bar[...] à

À MARGEM

Rui Vasco

O novo Infante D.Henrique

Ramon Font, na sua intervenção, usou de alguma ironia sobre as relações luso espanholas a nível da informação. «Nos últimos quatro anos as únicas notícias que a Espanha ouviu de Portugal foram sobre o Chiado e a libertação do Otelo. Agora, são os jornais económicos que mais informações dão referindo Portugal, mas são notícias de empresas espanholas que já compraram mais um banco ou uma empresa ou, quem sabe, querem comprar a Avenida da Liberdade. O único Infante D.Henrique que conhecemos é este», disse Ramon mostrando uma revista com a fotografia de Belmiro de Azevedo.

A reportagem em diferido

Adelino Gomes num dos relatos mais vivos dos acontecimentos de Abril revelou mais um equívoco. Trabalhava, então, na televisão. Era Março, dia 11. «Ainda hoje o general Spínola pensa que a equipa da televisão tinha sido avisada, o que ele não sabe é que nós chegámos atrasados. Ao meio-dia e 15 minutos o conflito tinha acabado, mas o problema continuava. Fomos para o aeroporto, não sabia onde era o Regimento de Artilharia Ligeira de Lisboa. Foi um popular que nos disse para onde nos deviamos dirigir. Foi só pôr a máquina a rodar. Apanhámos a conversa entre Dinis de Almeida e os sitiados.

Mais tarde, noutra equipa, fomos ao aeroporto e também aqui, por sorte, apanhámos a rendição dos militares. Foi só juntar. Ainda fomos muito a tempo , porque a reportagem gravada ao meio-dia foi vista e revista por militares e só foi para o ar à meia-noite. Era uma reportagem atrasada.»

Dilemas televisivos

A RTP anda com carências de representação.

O «Diário de Lisboa» fez questão de convidar o director do 1º canal para o colóquio sobre o 25 de Abril nos meios audiovisuais. José Eduardo Moniz justificou a sua ausência com o facto de estar em serviço, no Porto. Perante isso o «Diário de Lisboa» convidou o seu substituto na direcção de informação da RTP. Ontem à tarde Manuel Ricardo Ferreira mandou dizer que não podia estar presente porque o director estava ausente em serviço. Será um caso de solidariedade, ou de falta de pessoal?

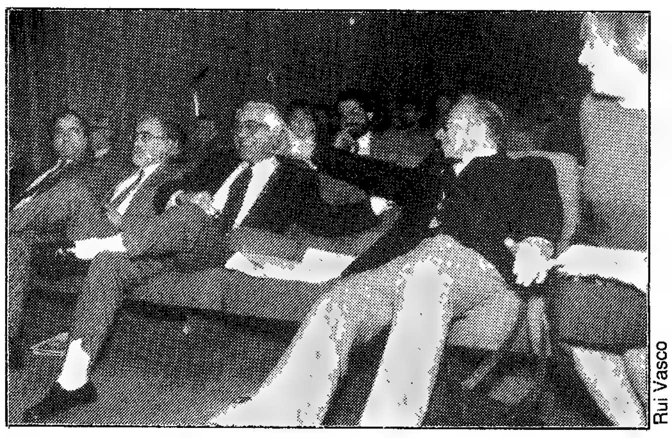
A última utopia revivalista da Europa

Todas as cenas do 25 de Abril que, hoje em dia Dominique Pouchin, o jornalista do «Libération» que ontem participou no painel «Portugal 1974-1990» recorda, fazem parte daquilo que chama «instante charneira» ou «o último teatro revivalista do leninismo na Europa».

Pouchin, o jovem jornalista do «Le Monde» que, em Abril de 1974, veio cobrir os acontecimentos e é, hoje, chefe de redacção do «Libération», guarda vivas imagens do 25 de Abril. Como a da chegada de Álvaro Cunhal, em cima de um carro de assalto ou a daquele manifestante do 1º de Maio de 74, empunhando um cartaz com um simples ponto de interrogação.

«1974 foi um momento crucial de mudança entre dois períodos fundamentais:em 1973 morre Allende.Em 1975 regista-se a vitória sangrenta do Vietnam e a retirada dos americanos», disse Pouchin. Neste contexto, o jornalista sublinhou que o 25 de Abril de 1974 «se traduziu num face a face entre a utopia revolucionária e a razão democrática». Contudo, os momentos «clássicos» da revolução, nomeadamente as grandes movimentações de massas, foram «breves». «A dada altura»- recordou o jornalista «o debate dividiu-se entre legitimidade revolucionária e legalidade democrática, logo no ano de 75, quando se registaram os incidentes em Rio Maior. Na verdade, verificou-se que a legitimidade revolucionária estava periclitante, já que os 100 mil operários que se manifestavam em Lisboa não eram a base social suficiente para a apoiar», afirmou.

Com a instalação do Estado de Direito registou-se a entrada na normalidade da sociedade portuguesa, disse Dominique Pouchin, acrescentando que «as pessoas que tinham medo das 'aventuras' e dos avanços dos comunistas não eram nostálgicos do passado, queriam antes de mais consolidar as liberdades conquistadas a seguir à revolução».



Rui Vasco

Marcel Niedergang, «Le Monde», num gesto de ternura e amizade por Otelo Saraiva de Carvalho. O homem de Abril, ouviu , ontem, falar da revolução em liberdade

Em parte desconhecedores da realidade portuguesa da altura , os franceses não ficaram imunes ao que se passou na Primavera de 1974 no nosso País. «Se a revolução também detonou paixões em França é porque a questão que na altura se punha, a da democracia, era universal», frisou Pouchin. O próprio conceito mudou, graças a Portugal, acrescentou o jornalista.

Dominique Pouchin relembrou mesmo uma

Rui Vasco

Hans Hueber da «WDR»

história que se passou no «Le Monde» em 1976: «Um dia»- contou- «o director do jornal, Beuve-Méry, durante uma reunião com os jornalistas, disse que estava a ficar inquieto com o que lia no jornal, por causa das aspas: é que os jornalistas as punham em legalidade democrática e não em legitimidade revolucionária. Era preciso pôr as aspas no sítio».

Portugal visto de fora

«Nos anos de 1974-75, como poderiam os correspondentes estrangeiros em Portugal conhecer inteiramente a realidade do país, se nem os próprios portugueses sabiam de tudo o que se passava?». Para Werner Herzog, do «Tages Anzeiger», este era o «estado das coisas», no período conturbado que se seguiu à Revolução dos Cravos. Hoje, o correspondente suíço, que tem acompanhado os momentos cruciais do percurso

Rui Vasco

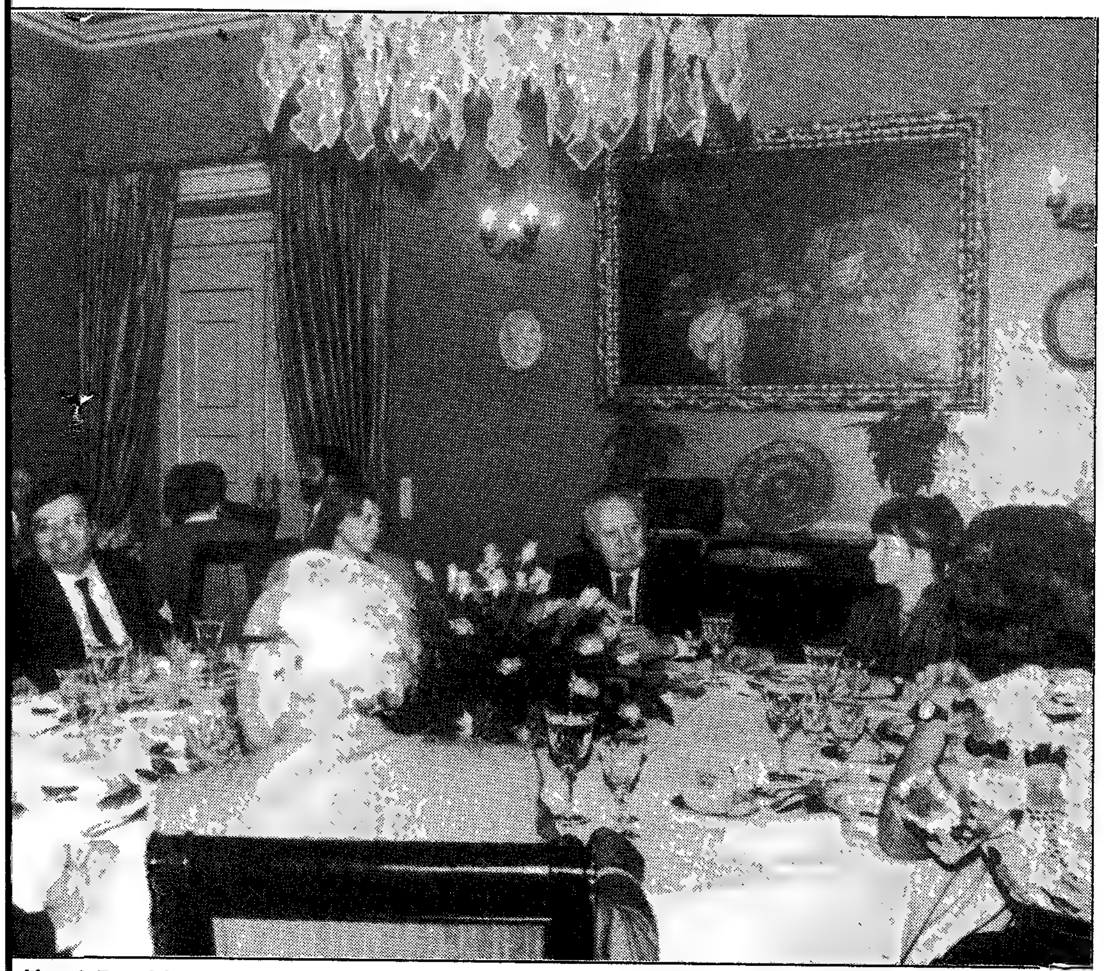
Susannah Ross «BBC»

político português, confessa-se surpreendido com um país onde o ex-ministro das Finanças é acusado de irregularidades fiscais e «arrisca a própria carreira política por pequenas coisas».

Herzog, foi outro dos oradores no painel «Portugal 1974-1990», moderado pelo tenente-coronel Vasco Lourenço, que na sua condição de 'capitão de Abril' disse que aqueles que «fizeram» a Revolução reafirmam hoje em dia «o orgulho em ter realizado um acto histórico com influência

cont. na pág 18

A.M.A.
Auto Monumental do Areeiro S.A.
®
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA



elém O Presidente da República ofereceu, no Palácio de Belém, um almoço em honra
estrangeiros que participam no colóquio organizado pelo DL e brindou pela liberdade
aria Barroso só chegou ao café e de braço ao peito, vinda do hospital: deu uma queda
à saída do cabeleireiro e partiu o indicador da mão direita

Dominique Pouchin ao DL

«Não gosto da palavra autocrítica»

Dominique Pouchin, o estagiário que o «Le Monde» enviou para acompanhar o 25 de Abril de 1974 era, na altura, militante trotskista. Hoje, além de ter deixado de o ser, mudou de jornal. Está no «Libération» e é chefe de redacção.

O seu percurso jornalístico ficou marcado pela experiência que viveu no nosso País. Disso nos dá conta ele mesmo, em 1984, no prefácio do livro de Gérard Filoche, « P r i n t e m p s Portugais»,baseado nos relatos do enviado do «Le Monde». Diz Dominique Fouchin: «Era militante. Já não o sou. Jornalista, sou-o mais do que nunca. Os dois anos que passei em Portugal não foram em vão. Ali aprendi a ver, sentir e a ouvir antes de pensar. Impressionista, digo-vos».

As suas notas e apontamentos da época, que acabaram por dar corpo a este livro, considera-os «uma memória, uma confluência do olho e das ideias». Confessa a dada altura que em «Le Printemps Portugais» está presente uma boa parte do mito que amou. «Um mito quente, brilhante, exuberante...o de uma revolução como já não se fazia mais. Clássica, como costumam classificar os esquemas e os textos sagrados», acrescenta.

Em Abril de 1990 disse ao DL que não se sente envergonhado de ter escrito o que escreveu, apesar de já não pensar da mesma forma. «Não gosto da palavra autocrítica pois não me sinto culpado de me ter enganado. É preciso que as pessoas aceitem isso. De facto, quando vim para Portugal em Abril de 1974 eu tinha uma grelha de leitura para aplicar aos acontecimentos. É impossível não termos certas ideias preconcebidas. Nós não somos só 'voyeurs' da realidade. Enquanto jornalistas temos de a explicar às pessoas e por isso usamos grelhas. Trata-se, afinal, de princípios só que estes evoluem», explicou Pouchin.

O jornalista não tem acompanhado regularmente a evolução de Portugal nas suas diferentes áreas. «Passados 16 anos não sei o que mudou com relevância em Portugal mas quanto ao sistema político vigente posso dizer, sem dúvida alguma, que o actual é bem melhor do que o anterior ao 25 de Abril de 1974».

L.A.B.

Anabela Loureiro

Dominique Pouchin

Reviver a história «mais dramática e interessante»

É uma sensação estranha ouvir a 16 anos de distância relatos de momentos emocionais, dramáticos, que marcaram a revolução de Abril.

A oralidade do repórter da radio Adelino Gomes, a vivacidade do jornalista de televisão Ramon Font criaram no debate do 25 de Abril revisitado pelos media audiovisuais um clima diferente. Mais ligeiro, mas nem por isso com menos verdade histórica.

Em contraponto a estas intervenções, os participantes no colóquio assistiram à descrição dos principais acontecimentos após o 25 de Abril até ao 25 de Novembro feita com o rigor britânico de Susannah Ross (BBC) e com a eficácia do jornalista alemão federal Hans Hueber.

O desconhecimento do povo português, antes do 25 de Abril, partilhado por alemães ingleses e até por espanhóis, a surpresa de ver reagir um povo de brandos costumes a uma revolução, foram algumas das notas coincidentes nas intervenções de Ramont Font (TVE), Susannah Ross e Hans Hueber.

Os espanhóis, que na altura viviam sob a ditadura franquista, aprenderam em Portugal os primeiros passos de uma democracia desejada. «As nossas ansiosas expectativas levaram-nos a olhar de forma diferente. Nenhum de nós está arrependido da emoção que pôs nas entrelinhas», disse Ramon Font. Ele assumiu a sua própria emoção, sem fantasmas, « também nós aprendemos com a revolução».

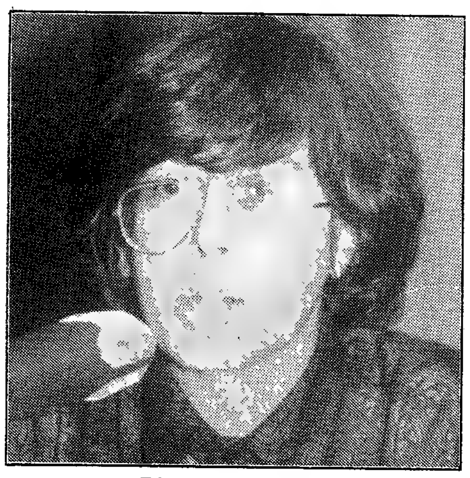
O conhecido jornalista da TVE, em conversas particulares, já elegeu Portugal como a sua segunda pátria, pelo que não admira que o relato dos acontecimentos revele uma experiência cheia de momentos de grande intensidade, e outros de ironia como a poupança do papel «quando escrevia nas costas dos discursos do dr. Álvaro Cunhal, um político singular na história da Península Ibérica», ou a dificuldade dos espanhóis entenderem a expressão «cenários políticos» tão em voga na altura.

Ramon Font referiu ainda a preplexidade dos espanhóis quando ouviam falar do «Conselho da Revolução orgão de soberania politico-militar». Não é dificil imaginar a surpresa dos nossos vizinhos, sabendo-se que a única organização político-militar que conhecem é a ETA Militar. Um tempo de uso e abuso de clichés, mas que importava isso, quando a mensagem era de solidariedade.

Observadores mais, ou menos, envolvidos na realidade portuguesa, todos os jornalistas estrangeiros acabaram por sentir o fascínio da «história jornalistica mais dramática e interessante dos últimos anos», como referiu Susannah Ross, citando o companheiro que na BBC recebia as suas crónicas de Lisboa.

Da revolução dos Cravos, Hans Hueber tem boas memórias e também algumas decepções: «Tinha o sonho de que Portugal com o seu passado de ligação com países do Terceiro Mundo, seria um intermediário entre a Europa , África e América Latina, um mediador no conflito Norte -Sul. Creio que com a entrada de Portugal na C o m u n i d a d e Europeia essa

cont. na pág 18



Rui Vasco

Diana Andringa

Presidente da República encerra colóquio do DL

O colóquio «O 25 de Abril revisitado pelos media internacionais», promovido pelo DL, no Forum Picoas, termina esta tarde com a presença do Presidente da República, Mário Soares. O presidente do Conselho de Administração do Diário de Lisboa encerra o colóquio.

Na manhã de hoje destacaram-se as intervenções dos jornalistas Henry Giniger, do *New York Times*, de Steve Broening, do *Baltimore Sun* bem como de Onésimo Teotónio de Almeida, da Universidade de Browning e de Vadim Polianovsky, do *Za Rubejom*, sobre o tema «Percepções soviéticas de Portugal 1974-75, antes e depois da *Glasnost*».

A moderar a sessão esteve João Mesquita, presidente do Sindicato dos Jornalistas e participaram ainda, como comentadores, Bernardino Gomes, da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, Joaquim Letria, da revista *Sábado*, Alexander Zditovetsky, da *Novosti*, Carlos Gaspar, da revista *Política Internacional*, Álvaro de Vasconcelos, do Instituto de Estudos Estratégicos e Internacionais e Nelson Traquina, professor do Departamento de Comunicação Social da Universidade Nova.

COLÓQUIO/DL

PATROCÍNIO DE lisgráfica

Apoios

BBC, Embaixada dos Estados Unidos da América, Fundação Luso Americana para o Desenvolvimento, Novosti e Air France, Hotel Meridien de Lisboa Caves D. Teodósio, C.M.L./Departamento de Turismo, Instituto de Promoção Turística e Embaixada da RFA

O 25 de Abril revisitado

Rui Vasco

Adelino Gomes do «Público»

Uma história «dramática»

Continuação da pág. 17

oportunidade ficou perdida».

Emídio Rangel, da TSF, um dos comentadores do painel, considera que sobre o papel intermediário no conflito Norte-Sul, «Portugal está a assumir cada vez mais um protagonismo maior».

Onde está a objectividade?

É fácil avaliar hoje, a frio, a objectividade que os jornalistas deveriam ter tido no relato dos acontecimentos. Mas quem pode atirar a primeira pedra? Quem não cometeu excessos? Quem não foi instrumentalizado?

A estas questões os jornalistas estrangeiros, que participaram no debate da tarde, responderam com um sincero «fomos instrumentalizados».

Ramon Font, a propósito de um episódio com o ex-Presidente Eanes, ouve, ainda hoje, algumas críticas, pois «alguns governantes não perdoam o que consideraram uma ingerência espanhola no processo português».

Discutia-se, na altura, a revisão da Constituição, «recebemos a informação de que o Presidente se demitiria se fossem reduzidos os seus poderes. A notícia dada em Espanha mereceu manchete no 'Diário de Lisboa' e no 'Diário de Notícias'. À tarde a presidência emitiu um comunicado a desmentir com o habitual não confirmo nem desminto».

Essa instrumentalização chegava a criar uma desigualdade de tratamento entre os jornalistas portugueses, «que ficavam com os restos» e os jornalistas estrangeiros «que levavam as "cachas"», como sublinhou Diana Andringa, directora-adjunta do «DL», que referiu ainda que os jornalistas portugueses estavam naturalmente embrenhados nos sons e nos cheiros da revolução, pelo que não se lhes poderia levar a mal alguma subjectividade jornalística.

Repórter na época, primeiro da rádio e depois da televisão, experiente na descrição dos sons, das imagens, para Adelino Gomes foram sobretudo os primeiros que ficaram retidos na memória: os sons às 10 da manhã do dia de 25 de de Abril, quando ouviu os *slogans* vitoriosos da população. Ele seguia na coluna de Salgueiro Maia, era um «jornalista actor e diante dos meus olhos definia-se o nosso próprio destino. Como ser independente nesses momentos? deveria ter ido buscar alguém que apoiasse o antigo regime, para manter o equilíbrio noticioso? A primeira resposta é não. Mas ao fim de um ano, de cinco, de dez anos, ficam algumas dúvidas. Estávamos a aprender a liberdade».

Passado o entusiasmo, a seguir ao 25 de Novembro veio a normalização, «o chamado Governo democrático cometeu um erro igual ao do antigo regime, ao transformar os jornalistas em meros propangandistas», disse Hans Hueber sublinhando que «as opiniões independentes não eram bem vindas. Aqui o meu vizinho Mário Mesquita sabe os problemas que teve no 'Diário de Notícias'».

Ramon Font pôs «o dedo na ferida» ao dizer que não precisou «de consultar a TVE para saber que mesmo acompanhando a visita do rei de Espanha em Portugal, eu devia ir receber Otelo Saraiva de Carvalho no dia da libertação. A notícia abriu todos os noticiários, em Espanha».

Diana Andringa lamentou que a mesma capacidade de independência nem sempre aconteça em Portugal.

Adelino Gomes citou José Mário Branco no disco «Ser solidário»: «Abril há-de ser quando toda a gente quiser. Até ao 25 de Novembro eu pensava que toda a gente queria. Enganei-me e aprendi que quando as pessoas não querem não se deve impôr a felicidade».

Maria João Rocha

A última utopia

Continuação da pág. 16

decisiva no melhorar da vida portuguesa e de muitos outros povo». Não obstante, não se coibiu de criticar: «Os militares de Abril são hoje bastante incómodos para os que não gostam de reconhecer que houve outros que realizaram o derrube do fascismo, ainda que se vissem obrigados a travar lutas fratricidas».

Descobrir a diferenças

Para Joelle Kuntz, jornalista da «Rádio-Televison Suisse Romande», muito mais do que produzir uma constituição ou uma eforma agrária, a Revolução do 25 de Abril permitiu que essas duas conquistas daí resultantes pudessem ser elas mesmas questionadas. «A missão do MFA não foi a de formar uma nova sociedade, mas a de dar a esta a possibilidade de o fazer», acrescentou.

A revolução portuguesa de 1974 foi, para Joelle Kuntz, a ocasião para a primeira «narrativa jornalística revolucionária que abriu o ciclo das revoluções democráticas». Com isto quis dizer que o fim da ditadura veio interromper a lógica que imperava, a de que os sistemas políticos tos de Dezembro na Roménina, mas acrescentou que a desilusão aqui é maior: «os romenos já nem acreditam que a forma de propriedade, privada ou estatal, tenha alguma importância para a felicidade do povo». A jornalista chamou a atenção para um ponto comum entre o Portugal de 74 e a Roménia de 89 o da importância dada à Europa, «tal como Mário Soares disse um dia 'a Europa connosco', os romenos contam com a Europa para ultrapassarem os seus problemas».

Diferentes perpectivas

«Último palco do leninismo». «Data referencial». «Golpe ou revolução». Diferentes foram os nomes que os comentadores «de serviço» aplicaram ao 25 de Abril, aproveitando alguns expressões utilizadas pelos jornalistas estrangeiros. No entanto, quando se tratou de fazer um balanço de 16, anos a convergência foi maior.

Acácio Barradas, chefe de redacção do Diário de Lisboa, sustentou que «o Estado de Direito triunfou e ao fim de 16 anos alguns 'bruxos' que tinham previsões mais negras enganaram-se, porque considerou ter sido «qualquer coisa entre o golpe de Estado e a revolução». Na sua opinião, «a década de 70 foi a época do debate político, do acertar o passo com a comunidade internacional e da inexistência de consenso social, enquanto que a década de 80 foi o tempo da contabilidade, do pagamento da factura das décadas anteriores, do consenso anestesiado e do pensar mais no bolso e na Bolsa».

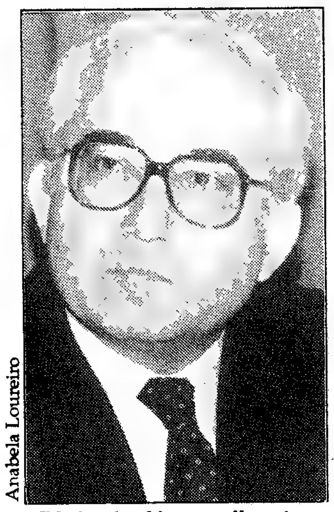
A emoção e a verdade

Para Francisco Bélard, jornalista do «Expresso», 16 anos passados sobre a revolução que provocou emoções fortes nos jornalistas, nacionais e estrangeiros, chegou «a altura de fazer a análise profunda sobre os acontecimentos, porque, naquela época a linguagem jornalística foi condicionada pela gíria dos movimentos políticos e usaram-se mecanismos muito simplistas para explicar as coisas».

Por seu turno, José Carlos Vasconcelos falou da «emoção que também tem de estar presente no trabalho dos jornalistas», embora tenha reconhecido que, às vezes, esta pode desembocar em «imprecisões». Neste âmbito, José Rebelo, correspondente do «Monde» em Portugal, disse que «os erros de análise cometidos por alguns jornalistas decorrem da dialética das coisas e da evolução».

Ainda que fosse tema susceptível de interpelação, a frase de Silva Pinto- «Portugal hoje não é notícia porque já é um país normal»- não pôde ser debatida porque o tempo não chegou. Foi pouco para se falar de 16 anos.

Luisa Alexandra Botinas


Anabela Loureiro

Dinis de Abreu, director do «Diário de Notícias»

Anabela Loureiro

«Portugal aproximou-se do seu próprio tempo», afirmou Acácio Barradas, chefe de Redacção do Diário de Lisboa

eram o único meio para atingir a «paz social».

«A emergência do indivíduo», foi o resultado óbvio porque para a jornalista, «nenhum sistema nos pode proteger da vertigem da nossa liberdade. É terrível ser-se livre, mas é muito mais terrível não o ser».

Joelle Kuntz tenha estabeleceu um paralelismo entre «o gesto libertador» que esteve na raiz da revolução portuguesa e os acontecimen- Portugal aproximou-se do seu próprio tempo».

Dinis de Abreu, director do «Diário de Notícias», classificou a revolução de Abril como «uma data de referência», que fez com que os grandes jornais, como o «Le Monde» dessem grande importância «a um pequeno país», como lembrou Fernando Assis Pacheco.

Fernanda Mestrinho optou por estabelecer dois tempos para analisar aquilo que

O lado romântico é que atrai

Os jovens, sobretudo estudantes de Comunicação Social têm marcado presença interessada ao longo do debate. O «DL» ouviu alguns deles

Maria Caires, 19 anos

«O 25 de Abril, para além daquilo que é notícia, atrai-me pelo que tem de romântico.

Nunca tive oportunidade de ver as pessoas envolvidas nos acontecimentos emocionadas como aconteceu hoje.

A História também pode ter o seu carácter romântico. Quando se deu o 25 de Abril era uma criança. Das eleições de 75 tenho apenas uma memória vaga.

Gostei da parte do debate a que assisti até agora, mas critico a retórica que muitas vezes ilude os factos».

Luisa Esteves, 20 anos

«Comecei por ficar motivada logo pelos temas, pelos intervenientes e especialmente pelo facto de virem jornalistas estrangeiros, embora também me interessem os comentários dos nossos profissionais.

O 25 de Abril interessa-me como tema, independentemente dos seus reflexos nos media. Mas juntamente com os media é ideal.

Mesmo que o 25 de Abril não me motivasse, ou fosse um tema de que já estivesse saturada, viria de qualquer forma assistir porque acho que é enriquecedor para o curso em que andamos.

Ainda não tenho dados de avaliação suficientes sobre o Colóquio, mas acho que valeu a pena.

Para nós é importante assistir a estas coisas. É pena que sejam poucas e que a informação não nos chegue tão rápida como seria de desejar».

Luís Galvão, 21 anos

«Vim com um bocado de curiosidade sobre o que as pessoas teriam para dizer acerca do tema e por sentir que precisava de saber mais sobre o 25 de Abril e sobre a intervenção dos media estrangeiros.

Pela diversidade de intervenientes e pelo confronto de ideias, sob diversas perspectivas, é muito positivo este Colóquio.

Há sempre perguntas que ficam no ar e põe-se em causa tudo aquilo que podia estar em vias de cristalização. Vale a pena assistir a este tipo de iniciativas».

COLÓQUIO/DL

PATROCÍNIO DE lisgráfica

Apoios

BBC, Embaixada dos Estados Unidos da América, Fundação Luso Americana para o Desenvolvimento, Novosti e Air France, Hotel Meridien de Lisboa Caves D. Teodósio, C.M.L./Departamento de Turismo, Instituto de Promoção Turística e Embaixada da RFA

A segunda morte de Gérard Philipe

Chamava-se Anne Philipe, tinha 72 anos, escrevera sete livros, morreu na noite de domingo de Páscoa e quando o telegrama (ontem) trouxe a notícia a primeira coisa que nos ocorreu foi que...morreu a viúva de Gérard Philipe. É injusto reduzir assim a identidade de uma mulher (e notável mulher) ao laço que a ligava a alguém mais célebre, mesmo se esse alguém foi quem foi.

Mas a injustiça tem atenuantes: a personalidade de Anne estava de tal modo ligada a Gérard Philipe que era quase impossível, face à sua morte não evocar esse maravilhoso actor desaparecido em 1959, no auge da carreira. Gérard tinha então 36 anos e a sua morte foi um luto pode dizer-se universal. Um luto que Anne reavivou dois anos depois com o seu livro de estreia «O Tempo de Um Suspiro», requiem por um amor desaparecido.

Começa, assim, com uma epígrafe de Spinoza («A tristeza é a passagem, no homem, de uma maior a uma menor perfeição«), para concluir: «Espero o momento em que reencontrarei a força. Esse momento virá. Sei que a vida ainda me apaixona. Quero salvar-me, sim, mas sem me libertar de ti».

Anne salvou-se, de facto, sem nunca se libertar da memória de Gérard com que esteve casada oito anos e de quem teve duas filhas (uma, a actriz de teatro Anne-Maria Philipe).

Anne e Gérard casaram-se a 29 de Dezembro de 1951, ela, nascida em 1917, era mais velha do que ele cinco anos e divorciada.

«O Tempo de Um Suspiro» surgiu em 1961. Pensou-se que era apenas uma grande dor transformada numa obra de arte, Anne por tal livro se ficaria. Não ficou. Em 1974, publicaria «Ici, là bas, ailleurs»; em 1977, «Um été prés de la mer»; em 1982, «Résonances de l' amour» em 1984, «Je l' écoute respirer»; em 1987, «Le Regard de Vincent», anunciando-se para dentro de dias o seu derradeiro livro. De toda esta obra, com excepção de «O Tempo de um Suspiro» (editado em 1963 pela extinta Ulisseia), nada mais se encontra traduzido em Português. Talvez por isso Anne Philipe para nós tenha permanecido essa mulher muito bela e jovem que, de vez em quando, surgia nas fotografias ao lado de Gérard Philipe, os dois sempre numa felicidade cúmplice. Custa imaginá-la com 72 anos, idade com que morreu; como custa imaginar também que Gérard Philipe, se fosse vivo, seria hoje sexagenário. Ele morreu jovem, ela não, e nós, pelo requiem dos nossos deuses, vamos envelhecendo..

Anne e Gérard: o tempo da felicidade

Rodrigues da Silva

BREVES

Steve Coleman toca amanhã no Porto

Steve Coleman e o grupo Five Elements actuam amanhã à noite no Coliseu do Porto, numa iniciativa conjunta da Aniporto (Animação Permanente da Região Norte) e da Scat de Rui Neves. Saxofonista especializado no alto, natural de Chicago, contando com 34 bem sucedidos anos de idade, Coleman apresentará ao público o seu estilo muito pessoal, um *melting pot* entre o *jazz* aberto e seminal que aprendeu com Sam Rivers e David Murray e outras músicas populares negro-americanas como o *rhythm and blues* e o *rap*.

O músico, que não repetirá o concerto em Lisboa, foi um dos nomes fortes da Pangea, editora fundada pelo conhecido cantor *rock* Sting até à falência do projecto, recentemente ocorrida. Acompanham-no na ida à capital do Norte o teclista James Weidman, o guitarrista David Gilmore, o baixista Regie Washington e ainda o muito competente Marvin «Smitty» Smith na bateria, um grupo acentuadamente «eléctrico», na primeira linha dos sons presentemente validados nos States.

Carlos Zíngaro grava em Paris

O violinista português Carlos Zíngaro parte amanhã para Paris, onde irá gravar em concerto com Yves Robert (trombone) e Joelle Leandre (contrabaixo) um série de composições suas, de Steve Lacy e de Leandre, de modo a satisfazer uma encomenda feita pela Radio France/France Culture. A sessão, que se inscreverá musicalmente na zona mediada entre a improvisação livre de raiz jazzística e a música erudita contemporânea, está marcada para o dia 24, no grande auditório da Maison de la Radio.

Depois disso Zíngaro entrará em estúdio para gravação de um CD a duo com Joelle Leandre, a ser integrado no catálogo ADDA, com obras inéditas.

Miso Ensemble na Jugoslávia e na Bulgária

Depois de uma digressão pela Suíça, o duo português Miso Ensemble inicia no próximo sábado, em Belgrado, uma pequena série de concertos na Jugoslávia e na Bulgária. Paula e Miguel Azguime, respectivamente flautista e percussionista, tocarão em Sófia no dia 24 e em Pazardjik a 26.

«Bird»: Tavernier em vez de Eastwood

Ontem a nossa memória cinematográfica pregou-nos uma partida, de que nos penitenciamos. Dizíamos nós, nestas páginas, que o filme dedicado a Charlie Parker, «Bird», foi realizado por Bertrand Tavernier. Asneira. Quem o fez foi, na verdade, Clint Eastwood. Tavernier assinou uma outra fita de *jazz*, «Round Midnight». Daí, pois, a momentânea confusão. Descontem lá esta.

CINEMA

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Crónica de Cinema, onde se fala do telefilme de Manuel Mozos (a exibir pela RTP), de duas fábulas americanas saídas do universo de Capra («Campo de Sonhos» e «Sempre») e de duas outras europeias («O Cozinheiro...» e «O Filósofo»), no conjunto, os melhores filmes em cartaz

Amêndoas de Páscoa

Ainda sou do tempo em que na Sexta-feira Santa não se comia carne, nem os cinemas levavam outra coisa que não fosse «Túnicas», «Vidas de Cristo» e «Milagres de Fátima», isto se não encerrassem pura e simplesmente as portas. Depois, foi-se profanizando o sagrado e sacralizando o profano. Na alimentação nem tanto, a avaliar pelas pastelarias do meu bairro, onde faz hoje oito dias sobrou em croquetes o que se consumiu em rissóis e pastéis de bacalhau. No espectáculo é que tudo mudou e se a RTP na última sexta-feira, não sei se por respeito à data se por amor a Pasolini, ainda passou (no 2º Canal...) «O Evangelho Segundo São Mateus», os cinemas esses há muito passaram a exibir o que os novos deuses (da distribuição) foram mandando servir.

Acontece, porém, que são ínvios os caminhos do Senhor. Talvez por isso nesta Páscoa que já lá vai Lisboa teve em cartaz de estreia dois filmes que, se não são a versão contemporânea de uma qualquer «Vida de Cristo», apelam, no entanto, para aquilo que os homens mais se encontram carecidos: o sonho.

*

Os filmes em causa mesmo se, aparentemente, falam de coisas tão prosaicas como aviões e basebol, é de facto para o sonho que nos remetem ou, se se quiser, para essa zona onde as leis do real se esbatem para dar lugar à fantasia e, através dela, a algo mais grandioso: a crença na imortalidade ou a supremacia do espírito, esse sopro que comanda a vida.

Aparentemente falam de aviões e de basebol e, por aqui se percebeu já que os filmes são «Sempre» e «Campo de Sonhos», o primeiro assinado por Spielberg, o segundo por Phil Alden Robinson, ambos de 1989 e ambos totalmente esquecidos por Hollywood na última distribuição dos Óscares.

Basta vê-los, contudo, a estes dois filmes, para se perceber que isto dos Óscares é o que se sabe, têm as suas regras, não vem agora para o caso, ou vem só o suficiente para dizer que não se iluda o espectador quanto ao facto de «Sempre» e «Campo de Sonhos» não trazerem medalhas ao peito. Trazem algo mais importante: o fulgor no coração.

O filme de Spielberg, a pretexto de aviões, diz-nos de um novo anjo da guarda, um piloto que, depois de morto, volta à terra para inspirar um colega mais jovem e salvar a mulher amada, acabando por conduzir «o seu rapaz» e «a sua rapariga» para os braços um do outro.

«Campo de Sonhos», de Phil Alden Robinson

O filme de Robinson, a pretexto de basebol, diz-nos de um agricultor que sacrifica a sua herdade para nela constrír um campo de jogos, onde antigos ídolos já falecidos possam voltar a jogar, desagravando-se da calúnia de corrupção que em vida os levaram a ser irradiados do desporto.

Kevin Costner e Amy Madigan em «Campo de Sonhos»

«Sempre» e «Campo de Sonhos» são duas fábulas, o que lhes torna implícito uma moral. A moral de filme de Spielberg é da generosidade e da abdicação, a do filme de Robinson a do sonho propriamente dito, como sinónimo da capacidade de cada um ouvir a voz interior ... e de a seguir.

O filme de Spielberg talvez por surgir dividido em duas partes (antes e depois da morte do piloto), talvez por excessiva acção, não atinge nunca aquele golpe de asa capaz de o transfigurar e ao espectador. O filme de Robinson, porém, é de princípio a fim uma proposta absoluta de aceitação e irrealidade como se real fosse e nesse campo é totalmente conseguido.

Qualquer dos filmes, porém, nos transporta para esse universo digno de Capra e há muito que o cinema americano não o fazia com tal êxito, com tanta convicção, ainda se as propostas, embora semelhantes, não são rigorosamente as mesmas.

Em «Sempre», para que haja paz na terra, um anjo desce dos céus para guiar os homens. Em «Campo de Sonhos», o céu é «sítio onde os sonhos se realizam» (em Iowa, por exemplo), basta que se saibam ouvir as vozes interiores.

Richard Dreyfuss, em «Sempre», é a estrela, mas Holly Hunter, Audrey Hepburn (numa boa reaparição) e esse excelente eterno secundário que dá pelo nome de John Goodman acompanham-no a grande altura. O único senão do filme é talvez Spielberg não ter sido capaz de resistir a, numa obra destas, filmar (aliás, muito bem) as várias sequências de aviões que atenuam o efeito principal da obra. Kevin Costner é o protagonista de «Campo de Sonhos» e se Amy Madigan, James Earl Jones e Burt Lancaster (outra feliz reaparição) o secundarizam à altura, é ele, com a sua obstinada serenidade, que dá o tom do filme.

Um filme que, ao contrário de «Sempre», se mantém (e nos mantém) permanentemente em estado de graça. Porque se com Spielberg o real se reconstitui e o anjo, no final, regressa às alturas, com Robinson tudo acaba como começa, a nós compete elevarmo-nos à nossa superior dimensão.

Se o milagre em Spielberg acontece por intervenção exterior ao próprio homem, em Robinson o milagre somos nós próprios, assim saibamos escutar-nos, o mesmo é dizer, merecer-nos.

Em suma, dois filmes na melhor tradição de Capra para quem é ao homem comum, em cuja vida nada acontece, que, de repente, surge o milagre

*

Das almas para os corpos para falar de «Demónio de Saias», o último filme da realizadora que, há cinco anos, assinou «Desesperadamente Procurando Susana». Este «Demónio de Saias» é eventualmente menos interessante, ainda se, impecável, no seu ritmo narrativo.

A história é a de uma dona de casa, gorda, feia e sem graça, que um dia (cansada da sua triste sina e descobrindo que o marido a trai com uma escritora de romances cor-de-rosa) resolve encarnar o mal.

O marido dissera-lhe que a sua vida assentava em quatro pilares: a casa, a família, a carreira e a liberdade e ela vai-lhe destruindo sistematicamente tudo isto... talvez para o recuperar depois. Há um certo moralismo no filme, mas isso é o menos, o mais é o desenho a traço grosso desta história, que de qualquer modo se recomenda como um bom filme de consumo.

Meryl Streep é a escritora de romances cor-de-rosa, a estreante (no cinema) Roseanne Barr é o demónio de saias e ambas dão cartas (na interpretação) ao marido, Ed. Begley Jr, que, no papel de um advogado pouco escrupuloso, se limita a cumprir.

*

Para os corpos ainda para dizer da muito agradável surpresa que é a obra de estreia do novo realizador português Manuel Mozos. O seu telefilme «Um Passo, Outro Passo e Depois...», antestreou, (como aqui se disse) na Cinemateca, e revelou que Mozos sabe tratar com grande sensibilidade essa juventude um tanto rebelde, um tanto sem causa, que é a dos subúrbios.

Não é só essa sensibilidade que nos toca, é também a capacidade de Mozos passar pela história sem pretender extrair dela nenhuma moral.

A câmara envolve os personagens com compreensão, acompanha-os nas suas deambulações, nas suas traquinices, no seu «mal de vivre», e é tudo, tudo como se o realizador, não estando junto com eles, estivesse ao menos a seu lado. Canto e Castro, no papel de um contínuo da uma escola secundária, tem um bom desempenho, tal como uma série de actores jovens, alguns dos quais com este filme praticamente se estreiam no cinema.

Deles todos e de Mozos também se ouvirá falar, decerto no futuro, quando se disser que foi aqui que começaram, neste belo telefilme que a RTP um dia (quando, ainda não se sabe) irá pôr no ar.

*

Enquanto do filme de Mozos se espera que passe, de um tal «Amigos e Detectives» espero que se vá embora sem eu ter tempo para o ver. A história do polícia e do cão não me está a apetecer (cheira-me que o cão ainda é o melhor da fita...) daí que recomende aos leitores, em vez disto uma nova ida (e ida dupla) ao Picoas. Passam lá: «O Cozinheiro, o Ladrão, A Sua Mulher e O Amante Dela» e «O Filósofo». De um talvez tenham ouvido dizer que é bom mas insuportável, do outro que é suportável mas um pouco tonto. Não acreditem e vejam-nos antes que se vão embora.

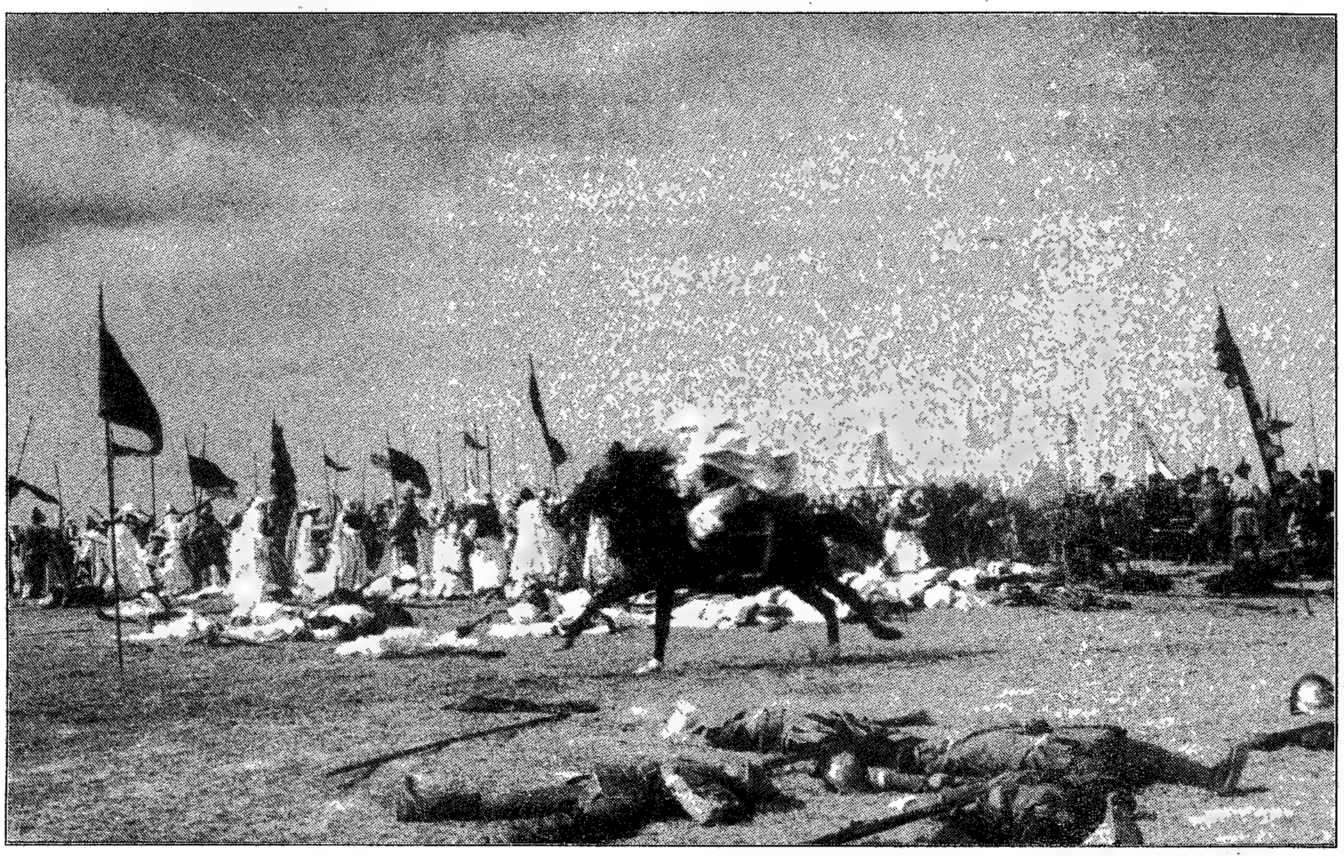
São duas grandes obras - repete-se- e cada uma a seu modo, duas fábulas sobre este nosso mundo de hoje. «O Cozinheiro» é uma fábula sobre o poder que tudo corrompe e sobre o amor louco que é a única coisa que se lhe pode opor. «O Filósofo» é uma fábula sobre as virtudes de um homem não corrompido pelos amores contigentes e o fascínio dos deuses (neste caso, das deusas...) por esse objecto hoje em dia raro. Estas duas fábulas europeias e as duas outras americanas que nos surgem saídas do universo de Capra são, com «Cinema Paraíso», autênticas amêndoas de Páscoa. Saboreiem-nas...

Rodrigues da Silva

VESTUÁRIO EM CABEDAL

COM AS MELHORES PELES

CONFECÇÕES STAHL, LDA.
AV. MARQUÊS DE TOMAR, 68-1.º, ESQ.
☎ 77 11 58 – 1000 LISBOA



Cannes: do «Não» de Oliveira aos nãos da selecção do Festival Eis a primeira imagem que é possível fornecer do novo filme de Manoel de Oliveira, «Não ou a Vã Glória de Mandar», acabado de seleccionar (como ontem noticiámos) para o Festival de Cannes, onde passa extra concurso. A imagem - este plano do filme - faz parte da sequência sobre a batalha de Alcácer Quibir, evocada, como outras batalhas dos portugueses, por um soldado durante a guerra colonial. Mas se o filme de Oliveira foi seleccionado para Cannes, outros três filmes portugueses foram recusados pelo Festival, com destaque para «Os Cornos de Cronos», de José Fonseca e Costa, que tinha sido proposto para a Quinzena dos Realizadores. Recusados também pela selecção do Festival os novos filmes de Quirino Simões e de Rita Azevedo Gomes, propostos, respectivamente, para a Selecção Oficial a concurso e para a Semana da Crítica.

Três Shakespeares de Orson Welles e dois de Kurosawa na Cinemateca

O destaque das Sessões Especiais da semana que hoje (cinematograficamente) começa vai para... Shakespeare, ou melhor, para Orson Welles, que assina três filmes shakespeareanos no ciclo da Cinemateca: «Macbeth» (1948), «Othello» (1952) e «As Badaladas da Meia-Noite» (1967).

Por coincidência, Orson Welles estará também presente na próxima semana em Lisboa, mas agora só como actor, no célebre «O Terceiro Homem», de Carol Reed (1949), a exibir pelo Instituto Britânico.

De Orson Welles para Kurosawa de quem, no ciclo da Cinemateca sobre Shakespeare, passam dois filmes, «O Trono do Sangue», de 1957, e «Ran», de 1985.

Outras chamadas de atenção: a presença de Isabel de Castro num filme de Artur Semedo, de 1956, ainda com a dupla António Silva/Vasco Santana; os filmes de Murnau e Wiene na Sociedade Cultural e Recreativa de Santa Catarina; o Hitchcock que passa no Teatro da Malaposta e os dois Rohmers da primeira fase programados pelo ABC Cine Clube.

O calendário a seguir, com a ressalva de eventuais alterações de última hora.

Hoje, dia 19

Cinemateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30): «Heróis do Mar», de Fernando Garcia; e «Julius Cesar», de Joseph L. Mankiewicz. Sociedade Cultural e Recreativa de Santa Catarina (às 22): «Os Nibelungos - A Morte de Siegfrid», de Fritz Lang.

Amanhã, dia 20

ABC Cine Clube de Lisboa (na Sociedade Portuguesa de Autores, às 18 e 30): «La Boulangère de Monceau» e «La carrière de Suzanne», ambos de Eric Rohmer. Cinemateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30): «King Lear», de Peter Brook; e «Ran», de Akira Kurosawa. Sociedade Cultural e Recreativa de Santa Catarina (às 22): «Nosferatu, o Vampiro», de Murnau. Teatro da Malaposta (em Olival Basto, às 21 e 30): «Chamada para a Morte», de Alfred Hitchcock.

Depois de amanhã, dia 21

Cinemateca (respectivamente, às 15 e 30, 18 e 30 e 21 e 30): «A Double Life», de George Cukor; «Othello», de Orson Welles; e «Othello», de Jonathan Miller. Sociedade Recreativa de Santa Catarina (às 22): «O Gabinete do Dr. Caligari», de Robert Wiene. Teatro da Malaposta (em Olival de Basto, às 21 e 30): o mesmo programa do dia anterior.

Segunda, dia 23

Cinemateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30): «O Dinheiro dos Pobres», de Artur Semedo; e «As Badaladas da Meia-Noite», de Orson Welles; e «O Trono de Sangue», de Akira Kurosawa.

Terça, dia 24

Cinemateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30): «O Trono de Sangue», de Akira Kurosawa; e «Macbeth», de Orson Welles. Instituto Britânico (às 18): «O Terceiro Homem», de Carol Reed. Instituto Franco-Português (às 21): «Un dimanche à la campagne», de Berttrand Tavernier.

R. da S.

A Ver

Dos filmes em exibição comercial em Lisboa, eis uma lista elaborada por ordem decrescente de qualidade e interesse, de acordo com um critério obviamente pessoal.

Em estreia

- «O Cozinheiro, O Ladrão, a Sua Mulher e o Amante Dela», Peter Greenaway (1989)
- «Campo de Sonhos», Phil Anden Robinson (1989)
- «O Filósofo», Rudolph Thome (1988)
- «Sempre», Steven Spielberg (1989)
- «O Meu Pé Esquerdo», Jim Sheridani (1989)
- «Tempo de Glória», Edward Zwick (1989)
- «Um Amor Inevitável», Rob Reiner (1989)
- «A Guerra das Rosas», Danny de Vito (1989)
- «Os Fabulosos Irmãos Baker», Steve Kloves (1989)
- «O Clube dos Poetas Mortos», Peter Weir (1989)
- «Demónio de Saias», Susan Seidelman (1989)
- «Miss Daisy», Bruce Beresford (1989)
- «Nascido a 4 de Julho», Oliver Stone (1989)
- «Querida Eu Encolhi os Miúdos», Joe Johnston (1989)
- «Os Deuses Devem Estar Loucos, II» Jamie Uys (1989)

Em reposição

- «Cinema Paraíso», Giuseppe Tornatore (1989)

R. da S.

olhar de mocho

Lutas de deuses

Na tradição popular que os leitores da Bíblia foram passando de pais a filhos, o mito antigo ficou conhecido pelos dois irmãos Abel e Caim, filhos únicos - ao que consta do senhor Adão e sua esposa dona Eva. E aqui, na tradição popular, repete-se, não se entende bem porque terá sido o Caim, o mais velho, a assassinar Abel, o mais novo.

Mas nessa altura, ainda Hollywood não tinha imposto a lei do *happy end* e por isso, os maus podiam triunfar à vontade e o crime compensava.

Mas na tradição erudita, a história do mito dos dois irmãos, um bom e outro mau, é outra. Mas primeiro recordemos a história que o ficcionista da Bíblia narrou. Abel era pastor, por isso, representante da vida nómada, e nunca gostou da vida das grandes cidades - queria era ar livre e estilo de sobrevivência pura. Mas o Caim já tinha outras preocupações: era agricultor profissional e por isso, lá teria a sua exploração bem montada e destinada a dar lucros e a permitir que estes se acumulassem.

A partir daqui a história é conhecida: Caim sente inveja e assassina-o. O pior é que a história não termina aqui. Deus, segundo o ficcionista da Bíblia não só não castiga Caim pelo crime cometido, mas proíbe que alguém vingue Abel matando Caim.

A conclusão a tirar desta *short story* da Bíblia é extremamente ambivalente: devemos ter pena de Abel, vítima inocente, mas ter também respeito em relação a Caim, o perigoso terrorista. Segundo as palavras da Bíblia, ai de quem tentar pôr as mãos em Caim - lixa-se «sete vezes», isto é, ficará lixado para toda a vida.

Nesses tempos antigos, a luta pelo monoteísmo também não era pacífica: havia um Deus Javé, monárquico, autoritário, guerreiro, e um outro Elohim, popular, rural, ecológico, que preferia pequenos rebanhos a grandes latifúndios.

E os dois deuses foram deixando as respectivas escolas ao longo dos textos bíblicos, textos estes onde os cientistas distinguem claramente as tendências javistas das eloístas. E surge-nos agora a nova série do canal 2, retomando o velho mito: escolher entre Abel e Caim, escolher entre os dois deuses que disputam um monopólio. O episódio inaugural da série, embora demasiado prolixo e exagerando na multiplicidade de imagens e cenários, contudo, posiciona correctamente o tema que se propõe tratar. Vemos um mundo, melhor, talvez, um universo, carregado de símbolos onde o Deus do Caim está omnipresente. E esse Deus começa a manifestar os sinais de que irá exigir uma opção - tal como na história da Bíblia. Pelo menos, neste primeiro episódio, o principal do mito bíblico ficou bem retratado: o drama de não podermos condenar o universo do Caim. Discordar talvez seja lícito, mas condenar, não. E foi essa a intenção do mito bíblico: o *happy end* não é solução para desvendar a luta dos deuses.

José Sousa Monteiro

B R E V E S

Os portugueses não vão ao cinema

Os portugueses não vão ao cinema, é a conclusão de um estudo realizado pela Marktest, segundo o qual mais de sessenta por cento dos portugueses não foram ao cinema em 1989.

O estudo revela que 0,5 % vão mais de três vezes por semana, 0,7% por cento dos portugueses vão duas ou três vezes por semana e 2,3% vão uma vez por semana.

Mais de 4% dos portugueses vão duas ou três vezes por mês às salas de cinema , 6,3% vão uma vez por mês e 25,3% vão mais raramente.

Os portugueses preferem a segunda-feira para irem ao cinema. O sábado e o domingo têm também a preferência do público enquanto a terça-feira é o dia menos escolhido.

São os jovens das zonas urbanas e suburbanas de Lisboa e do litoral quem mais vai ao cinema, logo seguidos dos indivíduos entre os 25 e os 34 anos, geralmente casados e residindo um pouco por todo o País.

As mulheres que habitam nas aldeias do interior norte são quem menos frequenta as salas de cinema.

Este estudo sobre a audiência anual dos orgãos de comunicação social, foi realizado pela Marktest em todo o Portugal continental e abrangeu uma amostra da população com idade superior a treze anos.

Mário Soares envia condolências pela morte de Greta Garbo

O Presidente da República enviou ao Rei Carlos Gustavo da Suécia, um telegrama de condolências pela morte de Greta Garbo.

O funeral da actriz teve lugar na terça-feira passada num salão funerário de Nova Iorque, decorrendo tão discretamente quanto a vida de Garbo desde que ela abandonara o cinema. Os restos mortais deverão ser transferidos para a Suécia, segundo os seus últimos desejos, noticiou o jornal sueco «Expressen», citando a sobrinha da actriz, Grae Reisfeld, que vive nos Estados Unidos. Segundo ela, a sua sobrinha, terá falecido na sequência de um ataque cardíaco. O realizador italiano Federico Fellini disse segunda-feira que definiria Greta Garbo como a fundadora de uma ordem religiosa chamada cinema.

O realizador de «Dolce Vita» e «Amarcord» comentou aos jornalistas que o talento e a beleza de Greta Garbo deram ao espectáculo cinematográfico o carácter sagrado das celebrações religiosas.

Sexo dos anjos em cartaz de filme suscita polémica

A justiça francesa decidiu que os cartazes do último filme do realizador francês, Jean Pierre Mocky, a estrear hoje em Paris, podem ser colados nos corredores do metropolitano parisiense.

Os cartazes em causa anunciavam a estreia do filme «Ele tem Frio no Inverno», exibindo dois anjos, um dos quais com um sexo em erecção.

A sociedade que procede às colagens da publicidade nos corredores do metro de Paris, recusou-se a colá-los por os considerar atentórios da moral pública.

CRÓNICA DE TOUROS

O galego e os velhos amigos

Era princípio da década de quarenta, numa tarde qualquer de Agosto, num pueblo da província de Toledo. Segundo anunciado, El Gallego dará morte a estoque a um novilho touro de Don Luis Gonzalez, de Ciudad Real. El Gallego leva na quadrilha El Chicha e Cascorro.

El Chicha chama-se Adolfo Dios, também conhecido por Adolfito; tem muitos anos pelas praças dos pueblos, e anda sempre de olho atento desde aquela vez, antes da guerra, que em Collado Mediano um touro lhe pregou uma cornada que não o destripou por milagre.

Cascorro é natural de Chapineria, na província de Madrid, e chama-se Valentin Cebolleda; esteve uma temporada encerrado em Ceuta, por essas coisas que acontecem, e voltou de lá com uma tatuagem que lhe ocupa o peito todo e que representa uma senhorita a pentear a sua longa cabeleira, e por baixo um letreiro que diz «Lolita Garcia», a mulher mais formosa de Marrocos.

Viva Espanha!; Cascorro é pequeno, duro e sábio no ofício, quando o touro se põe a molestar arranja maneira de o fazer investir contra a parede, assim se põe mais brando, diz ele. Jesus Martin, de Segovia, é o pontilheiro: na cara de poucos amigos tem uma cicatriz que vai de lado a lado, e quando fala vê-se que gagueja. El Chicha, Cascorro e Jesus andam sempre juntos, e quando souberam que El Gallego ia tourear uma corrida foram oferecer-se: «o senhor não se preocupe, Don Camilo (El Gallego chamava-se Camilo), que nós estaremos ali para o que o senhor mandar.» Tratavam-no por senhor, pois El Gallego andava sempre de gravata e tinha estudos de Farmácia. De pouco lhe valiam, os tais estudos, quando o touro saiu, colorado, velho, escorrido, corniveleto, e vagoroso se pôs a cheirar a terra, como sem ganas de peleja. El Gallego, branco como a cal, desdobrou a capa, deu-lhe quatro mantazos conforme pôde. «Arrima-te, desgraçado!», levantou-se uma voz do tendido. El Chicha aproximou-se, e disse: «Não faça caso, Don Camilo, que se arrime o pai dele!.»

«El Gallego y su cuadrilha». Delicioso relato, esse em que Don Camilo, Camilo José Cela, conta a sua experiência taurina, que com a espada não pôde rematar, colhido ao abrir a faena, ao doutor Mariano Moreno, que lhe coseu o pescoço, dedicou esse escrito que iria ficar como uma pequena jóia da literatura taurina, relembrada agora que Don Camilo se tornou Prémio Nobel das letras, a sua vida e obra nas bocas do mundo, vimos a imagem do maestro, vestido de cerimónia, com ar solene, recebendo da sueca realeza o galardão sonhado, num cenário de pompa e circunstância tão distante daquela praça de um pueblo toledano, algures nesses caminhos de Espanha que semeou de velhos amigos, como Don Camilo chamou a essas personagens que das páginas de seus livros se desprendem, envoltas no halo da sua observadora ironia.

A galeria imensa das personagens de Cela, dos seus velhos amigos. E por entre eles os touros aqui e além aflorando, nos sonhos e acasos vividos e sofridos pelos pueblos, onde o ritual é uma presença viva, quantas vezes um instinto, como o de Don Gurmesindo Vicario, que andava jacarandoso, como um bandarilheiro, sem nunca ter visto perto um touro, nem sequer uma vaca, como essa que corneou Fulgêncio Calvo, quando era moço, nos currais do matadouro de Fregenal de la Sierra, e o deixou incapaz para o trabalho do campo, menos mal que arranjou emprego de coveiro na sua terra de Valência del Ventoso, até que foi para Madrid tentar a sorte como cantador de flamenco, acabou encarregado, por caridade, do Salão dos Amigos da Arte Abstracta, exposições abertas duas horas por dia, das sete às nove, menos aos domingos. Às vezes, nas figuras de Cela, os touros são apenas motivos para definir estilos ou atitudes: como no caso de Eduarda, aquela criada gorda e de bigode, que pisava firme e cheia de bravura, como um Pablo Romero, ou do taberneiro Nicolas, violento e sentimental, áspero e doce, que era como esses touros bravos que vão comer à mão do pastor e que depois, durante a lide, derribam os cavalos e semeiam o pânico no redondel. Quantas vezes terá sido derribado o senhor Damian, picador retirado, que nas arenas se chamou Damian Gonzalez, Castillejano II, e que na cadeira de rodas onde ficou paralítico conta a seu neto Pacono as velhas e confusas histórias do passado.

Também era picador o senhor Braulio, o tio de Carmela Asenjo, que lhe prometeu uma panela de pressão como prenda de casamento que não iria haver, o jovem Leoncio Romero só influído pelo vinho declarou a Carmela seu amor, e depois não voltou a recordar-se disso, como era lógico, moça gorda como um tonel e picada de bexigas. Casamento não houve também para Paquito Malpica, afogado num charco das redondezas de sua aldeia, era tonto e tinha um braço sem servir, desde aquela vez que num *encierro* um touro o colheu de má maneira, seu tio Especioso Zalamea fez voto de estar um mês sem fumar se ele se salvasse, e quando o médico lhe deu alta comprou-lhe meia arroba de mel e uma caixa de garrafas de gasosa.

Ninguém ofereceu coisa nenhuma à senhorita toureira Independencia Trijueque, Gorda II, naquela tarde da sua apresentação em Hoyo de Pinares, em que ouviu coisas tremendas, que não se podem repetir, deixou que o touro feio e de oito anos, grande como uma mula, fosse vivo para o curral, acabasse fuzilado pela Guarda Civil, a senhorita Independencia ainda se encarou com o público, que queria fazê-la de escabeche. Como dizia Simón o pregoeiro: o torneio parece difícil, e além disso é difícil.

Custa muito, chegar a ser matador, como esses que a senhorita Estella guardava, em fotografias, na velha arca dos seus tesouros, juntos com etiquetas de garrafas de anis.

Fotografias não hão-de restar de Cristobalin Romanillos, bandarilheiro, que se anunciou como El Niño de la Banca Privada, porque era botones no Banco Hispano-Americano de Cartagena, e na sua apresentação em Burjasot província de Valência, teve de sair da praça escoltado pela Benemérita, não se rendeu o povo à lírica novidade que os cartéis anunciavam, as bandarilhas seriam naturais, cortadas dos laranjais da terra.

E à terra não tardará a descer Horchatero Chico, essa figura trágica do universo taurino de Cela, que o escritor galego faz protagonista do seu «Baile en la Plaza».

Acabou a corrida, não acabaram ainda os moços de empapar de sangue as solas de esparto das alpargatas; as alpargatas molhadas em sangue de touro duram uma eternidade, e segundo dizem, quando ao sangue de touro se mistura algo ao sangue de toureiro, as alpargatas tornam-se duras como o ferro e nunca mais se rompem, homens já maduros e carregados de filhos ainda usam o par de alpargatas que empaparam do sangue de Chepa del Escorial, o novilheiro a quem um touro matou naquele Verão do ano da República.

Também nesta tarde há na praça sangue de toureiro: na praça onde o baile começa, onde não vai aparecer Horchatero Chico, que vestido de luzes, com uma cornada na barriga, espera moribundo a sua hora, deitado sobre uma enxerga na sala de sessões do Ayuntamiento, rodeado dos seus peões e de um velho cura - o médico disse que voltaria. Já as luzes tímidas se acenderam, na praça do pueblo em festa, onde se distinguem os sons do pasodoble, animando o baile.

Não tarda que se apaguem os vinte e quatro anos de Horchatero Chico, os gemidos em que seu sonho se desfaz, e que sobre o rumor da alegria, quase a compasso do «Pany Toros», os sinos da paróquia dobrem a finados, sem que os oiça Pacita Lopez, a noiva do toureiro, a servir em Madrid na casa de Don Ramiro Conejo, comerciante viúvo, cinco filhos pequenos, a Pacita mandou tingir de luto o seu vestido de domingo, esteve um mês sem ir ao cinema, depois tudo passa, acabou aceitando proposta de Don Ramiro, casório com papéis em regra, na igreja de Covadonga, na Praça Manuel Becerra, a vida continua.

Solilóquio

Peter Shaffer no Mirita

«Quero Ser Rei Esta Noite», do dramaturgo inglês Peter Shaffer, encontra-se em cena no Teatro Mirita Casimiro, com interpretações de Amélia Videira, Rogério Samora, Maria João Reis e Zita Duarte (na foto, respectivamente da esquerda para a direita).

Trata-se de uma peça em dois actos, de humor inteligente, que merece a nossa atenção

DESPORTO

Benfica, 1-Olympique de Marselha, 0

Mãozinha divina deu-nos a sua benção

— Quero lá saber se foi com a mão, com o braço ou com o peito: o importante, o que fica para a História, é que já estamos em Viena de Áustria!

A multidão, exuberante, toda risos e gragalhadas, começava a debandada. Junto à principal entrada da Luz era um pandemónio: operadores de Televisão e fotógrafos andavam num virote, atrás de Bernard Tapie, o inconsolável dono, patrão, proprietário, gerente, comandante, marechal, general, almirante e «sheriff» do Olympique de Marselha, que retirava de Lisboa com a bolinha de Vata entalada na garganta. O multimilionário que quer à força ser presidente da França, estava rubro de cólera:

— *Ladrões! Bandidos! Malandros!*

Estas e outras palavras de *troittoir* que, por decoro e recato, não alinham aqui. Tapie, que certamente congeminara com o seu lugar-tenente Gili defender a todo o transe a magra vantagem transportada do Velodrome marselhês, estava furibundo, pior que uma barata de pernas para o ar. E insultava toda a gente, entrava e saía do autocarro onde os seus súbditos permaneciam estarrecidos e abismados. Tão depressa enfiava pelo veículo como uma bala como logo saía disparado por canhão.

— *Gatunos! Piratas! Que vergonha...*

Realmente e aqui para nós: o golinho foi mesmo empurrado pelo bracinho de Vata, talvez subconscientemente recordado daquele tento que Diego Maradona agradeceu a Deus e valeu título mundial à Argentina. No México, como ontem no parque da águia, o árbitro e os fiscais de linha foram os únicos que não viram todo o lance: *pontapé de canto* marcado da esquerda com o pé direito de Valdo, amortecido na cabeça de Magnusson e, logo, Vata a enfiar o couro na baliza do estarrecido e siderado Castañeda. A esfera, tocada pelo bracinho do rapazito nascido há 29 anos e um mês lá por Angola, fica como passaporte para a 7.ª final europeia do emblema rubro, na competição de mais elevada instância. Faltavam sete minutos para a última apitadela, mais se incendiou larga fatia da plateia, murro e cabeçada ferveram nos conclaves onde furibundos embaixadores de Marselha ficavam incontrolados, obrigando a Polícia cá da área a ameaçar aviar os costados dos mais exaltados. E, se antes disso, logo às primeiras escaramuças já três fotógrafos tricolores tinham ido para o olho da rua, a esgrima tornou-se mais contundente ao lavar dos cestos, com *mousieur* Tapie rebentando as costuras da gabardina, depois tirando o invólucro e surgindo como um foguete de rabiar:

— *Mon Dieu!*

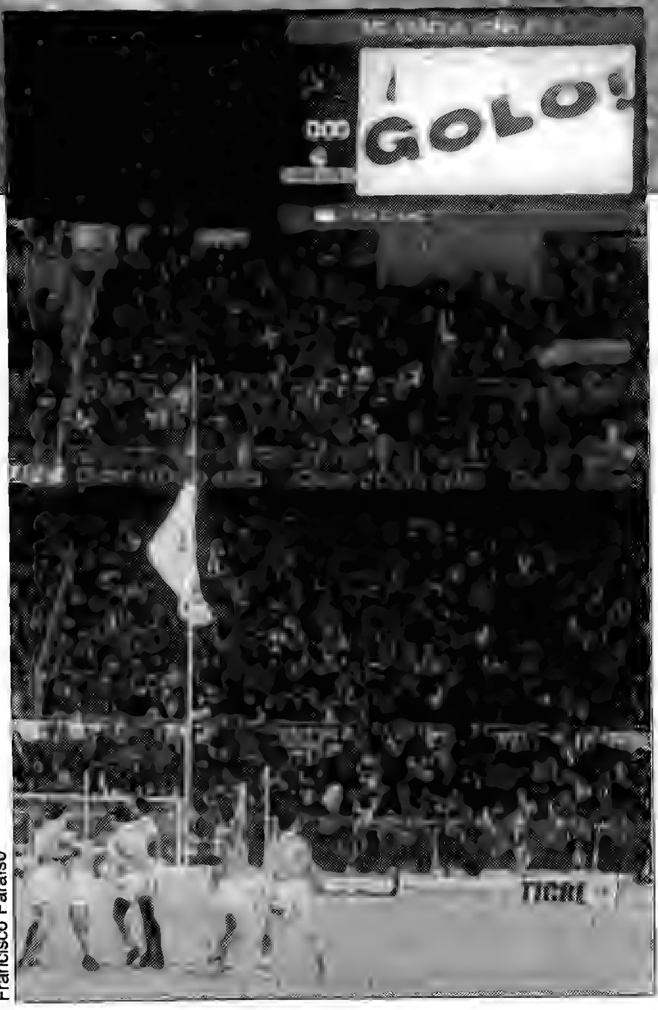
Ao lado, outros franceses colocavam também em equação toda a ancestralidade do árbitro belga, provavelmente notando que, tal como acontecera em Marselha com o britânico Courtney (que se esqueceu de marcar as grandes penalidades rubricadas por José Carlos e Ricardo) também o gentil cavalheiro vindo do país das planícies foi nosso amiguinho. Porque, ou estará carecido de usar óculos de lentes largas ou, distraído quando a mãozinha divina deu uma ajuda ao nosso campeão, pensava em tudo menos nas 17 leizinhas do futebol: e a alegria estoirou as costuras de 110 mil emoldurantes do belíssimo tapete verde onde o Benfica acabava de escrever uma das mais distintas páginas do desporto lusitano. Marcel Langehnove, vindo em linha recta na esteira do saudoso Jacques Brel, ganhava o direito a toda a nossa amizade e um muito respeitoso agradecimento. Alguma vez (caramba!) os árbitros tinham de estar ao lado dos portugueses: e, no caso do Benfica, demorou bastante a chegar a hora...

Veloso não merecia cair da bandeja de prata

Pois foi: uma hora e tal em que não se passou daquilo. Golpe cá, golpe lá, pouco trabalho para os guarda-redes, Silvino apenas com duas defesas, Castañeda mal acreditando na sorte dos *camisas vermelhas* não tentarem a sua boa intenção, mas também muito má colocação entre os postes. O Olympique, desde o primeiro som arrancado do apito, mostrou ao que vinha: defender até à exaustão o golinho de vantagem que viajava no bornal desde a 1.ª mão da semifinal. A cortina de *backs* estava super-reforçada: Mozer aviando a clientela mais relutante, Amoros e Deschamps sobre a direita, quase fechando completamente o corredor, Sauzée perseguindo Magnusson, Di Meco e Germain cerrando fileiras quando à porta do castelo batiam Vata ou Paneira, já que Lima andava por

cont. na pág. 24

Francisco Paraíso



Francisco Paraíso

O golo, o 1.º protesto e a nossa festa

Trabalhamos hoje com a tecnologia do amanhã, 27 anos ao serviço da Electrónica

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES, 24 h de atendimento

SOS CTC — Clínica de Televisão a Cores

Reparamos hoje, em sua casa, o seu TV ou VIDEO
Frota equipada com rádio-telefone, para maior RAPIDEZ e EFICIÊNCIA

899762 - 899826 - 8482786

Av. S. João de Deus, 13-B
R. de Macau, 8
LISBOA

Tínhamos de voltar a Viena!

cont. da pág. 23

outra galáxia e, como é bem sabido, o espectacular talento de Valdo meteu andaimes à volta e está em reparação no estaleiro, talvez lá para Viena de Áustria já esteja pintado de novo, porque aí o brinquinho tem de ir para a montra retocado a capricho.

No centro nevrálgico das operações os franceses tinham o maestro Tigana com seus acólitos preferidos: Waldle na destra, Francescoli na canhota. Mas, qualquer deles rapidamente entraram no papo de um furação de força e vontade chamado José Carlos, desse tufão de mil velocidades que é Veloso, o brioso *capitão* que, uma vez mais, fica apeado na montanha que parecia sorrir-lhe inteiramente e, no cume, representaria para todo o sempre uma conquista de ouro e diamantes. Aconteceu aquele intrincado caso de pré-Saltillo, com o defesa da Luz atirado fora do avião e a ver entrar o colega Bandeirinha que, por acaso, até tinha fato à medida, estava de mala pronta e passaporte nas unhas, ao inteiro dispor do técnico de columbofilia. Sucedeu mais tarde, lá por Estugarda, naquele telegrafado pontapé que deu o triunfo a um PSV que estava de credo na boca a ver os «penaltyes» colarem-se às malhas. Agora, a dois escassos minutos de ganhar a honra de desfile em Viena de Áustria, outra vez Veloso fica afastado da festa. Se eu estivesse na pele do generoso e vibrante mocetão de São João da Madeira, ainda de coração aos pulos pelo acidente sofrido pela esposa, ia rapidamente a Fátima ou à Nazaré. E pediria às bruxas que, uma vez por todas, desanparassem a sua loja.

Samuel cinco estrelas

Obra bem: andava-se com a bola aos saltos, vais tu, vou eu, quase toda a gente tentando descobrir o mapa da mina, excepção para Jean Pierre Papin que, afinal de contas, entrou directo no túnel negro, reduzido a mero ofício de corpo presente por graça e obra do menino Samuel António Silva Tavares Quina, a estrela maior da companhia de Eriksson, Toni e Eusébio. E, se é obrigatório que o treinador sueco e seus adjuntos devem oferecer uma velinha do tamanho de Vata a todos os santinhos, não será justo deixar de remeter para Bissau um bonito agradecimento por um dia os nossos amigos guineenses terem contemplado Portugal com um *back* de tão notável envergadura técnica que o melhor goleador das Gálias nem tocou na *chincha*, nunca apoquentando Silvino nem criando o mínimo cabelo branco ao menos confiante dos apaixonados pela bandeira da Luz.

EM)Portanto, o Olympique colocava todo o pecúlio na salvaguarda do percurso até aquele intrigante Castañeda, que já não vale meia dúzia de francos retirados da circulação fiduciária. E o Benfica, muito adormecido na teia que lhe era colocada a meio da ponte, ia deixando escoar o calendário, arreliando a moçada do nosso estandarte. E foi quando uma legião de pagantes virava costas ao palco que veio o golpe de misericórdia, que chegou o visto no bilhete para a Áustria. Abençoados céus que alguma vez tinham de sorrir a favor do sempre renovado coração de Eusébio, mocinho saltitante e todo festival de alegria quando o donatário belga da récita de gala mandou cair o pano. Vata, uma vez mais, salvava a cabeça dos seus treinadores.

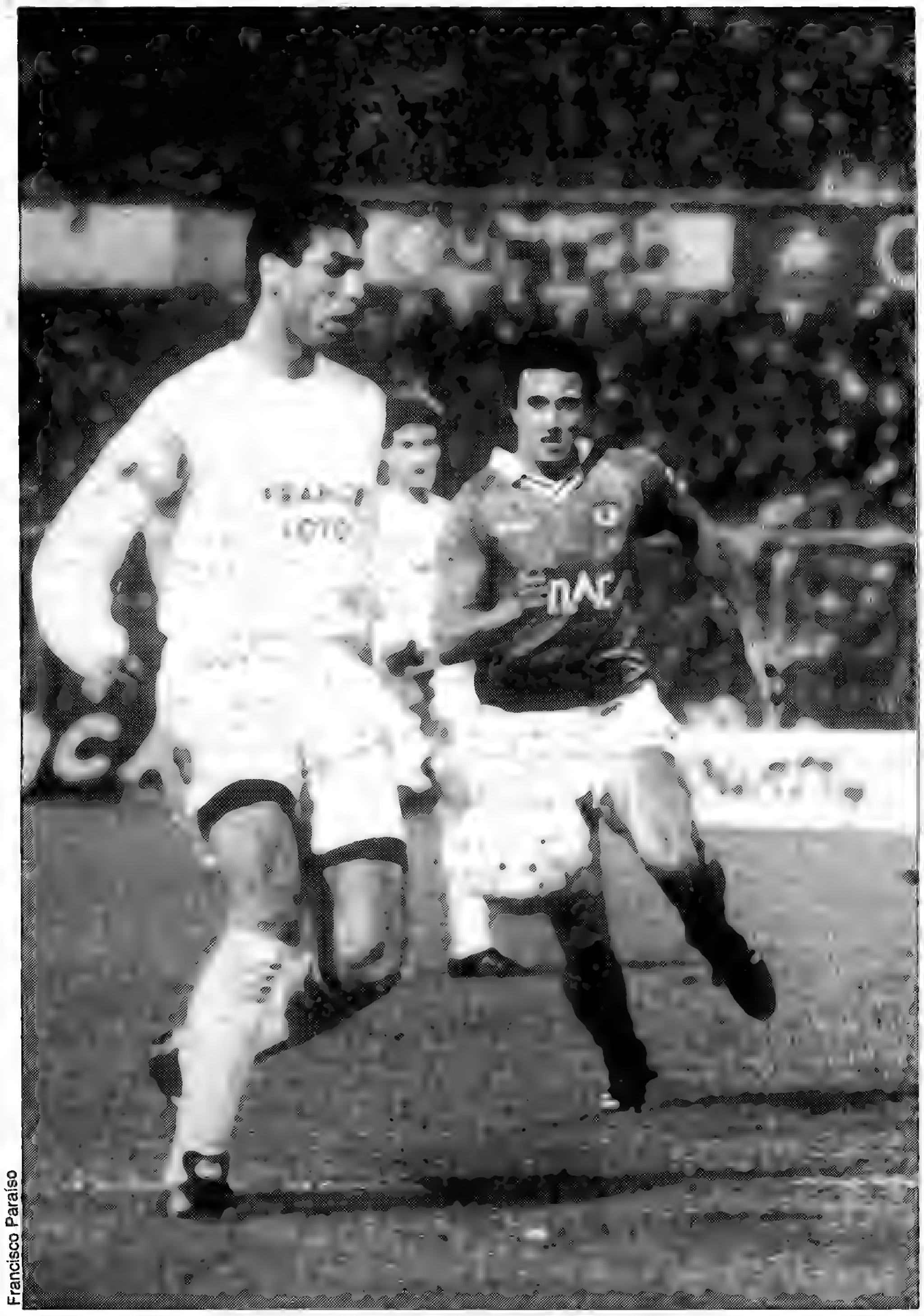
Mas, não só ele. Samuel (pois claro), Veloso e José Carlos, Silvino e Hernâni, Paneira e Magnusson foram de se lhes tirarem os chapéus, mas seria injustiça não associar a este leque de personalidades os demais artistas em cartaz, lamentando-se apenas que Thern esteja longe do melhor perfil físico e Valdo ande com a borda roçando a ondulação dos mares, parecendo abúlico ou em refúgio antes da saída para debaixo do mais requintado foco de luz. Mas, tudo está bem quando acaba bem; e até *monsieur* de La Palisse, que tinha bilhete de identidade francês, certamente que recolheu novamente à privacidade encolhendo resignadamente os ombros. Olympique: um punhado de legionários regressando cabisbaixos à caserna. Benfica: águia de asas ao vento, dominando a montanha e planando sobre o reino, fazendo agulha para o Prater vienense, não *ao ritmo de samba e corridinho* (como dizia o presidente João Santos, ao concluírem-se as operações) mas com o melhor fado ao som de uma dúzia de guitarristas de alta sensibilidade.

Agora, que venham os milaneses: a sorte está lançada na melhor roleta da velha Europa. Que nos brindou com uma mãozinha de ajuda, bem melhor que os pálidos dinheiros importados da CEE.

Neves de Sousa

Francisco Paraíso

O casal Paneira e o ainda recente dirigente Mário de Oliveira lágrimas e risos



Francisco Paraíso

Mozer versus Hernâni: um velho conhecimento

Francisco Paraíso

Foi assim na Luz com prolongamento por todo o Portugal e nos recantos do Globo onde habita gente lusitana

Francisco Paraíso

O temperamento latino e a frieza nórdica: exuberância de Toni e serenidade de Eriksson

Com arbitragem do belga Marcel Langehnove, jogaram:

BENFICA: Silvino; José Carlos, Samuel, Aldair e Veloso; Hernâni; Vítor Paneira, Thern (Vata aos 52 minutos) e Valdo; Lima (Pacheco aos 52) e Mats Magnusson.

OLYMPIQUE DE MARSELHA: Castañeda; Mozer; Amoros, Deschamps, Sauzée e Di Meco (Diallo, 87): Waddle (Vercruysse, 73), Tigana e Francescoli, Jean Pierre Papin.

Golo por Vata aos 83 minutos. Cartão amarelo para Pacheco e Veloso. O *capitão* benfiquista fica (assim) impedido de alinhar na final vienense.

Autor da citação: Bernard Tapie, presidente do Marselha e «patrão» do Canal Plus. Foi o verniz a estalar e por culpa do «menino da Damba»

‹Os portugueses são todos porcos›

Quem sintonizou a reportagem da Rádio Renascença e os jornalistas que assistiram à rápida conferência de Imprensa dada por Bernard Papie (presidente do Marselha) e de Gerard Gili, podem confirmar mais uma atitude de extrema deselegância e reveladora da carência de educação do presidente do clube de Marselha: *«Os portugueses são todos uns porcos«* foi uma das expressões do poderoso empresário francês, em reacção ao afastamento do seu clube da final da mais prestigiada competição europeia de futebol. Uma prova que nunca teve qualquer clube gaulês no «exame final» e que ainda não terá este ano em Viena, porque aí estarão (em repetição) os italianos do Milão e os portugueses do Benfica.

Bernard Tapie tem-se notabilizado através de linguagem grosseira naturalmente apoiada pela sua posição económica. Educação e boas maneiras não se adquirem com francos nem com qualquer outra moeda. Contrai-se no ventre e molda-se no regaço materno.

O presidente do Marselha faria outras afirmações dignas da sua estranha forma de vida.

Acusações, injúrias, ofensas e insinuações constituem forte manancial de argumentos de que se serve para justificar o afastamento do seu clube da final prometida. *«Somos ingénuos e aprendemos agora com o Benfica o que devemos fazer no futuro.»* Uma insinuação com alcance que bem se vislumbra. *«A Imprensa portuguesa trabalhou bem a montar todo este ambiente hostil.«* Uma acusação que é injúria e ofensa. *«O grande Benfica tem um peso que ainda assusta muita gente»*: outra insinuação.

Mais moderado foi o técnico Gerard Gili que admitiu ter o Marselha perdido a eliminatória em Marselha, onde (e foi realmente verdade) a sua equipa poderia ter materializado o ascendente por margem bastante, para marcar presença em Viena. «Custa perder através de um golo irregular, mas foi lá que perdemos a grande oportunidade de estarmos na final.»

Mais não disse Gili e nada deveria ter dito Tapie.

Ultras Marselha

Lá estavam. Poucos, ruidosos e com postura adequada à designação que ostentavam no gradeamento da vedação. Ultrasmarselha é a identificação do grupelho de franceses que bem cedo iniciaram actos provocatórios, danificando cadeiras e desafiando a paciência dos portugueses donos do recinto que ocupavam. João Santos, através da instalação sonora, recomendava aos seus consorcios que não respondessem a provocações. Bernard Tapie entra no rectângulo e dirige-se para junto dos desordeiros sendo acompanhado pelo delegado da UEFA. Não se identificam os preceitos do presidente marselhês mas a a comédia parece encenada. Fala-se na bancada de Imprensa, que o clube francês iria distribuir um comunicado antes do começo do jogo, mas a eventual intenção de Papie não se confirmou. Quem não esteve com contemplações foram os homens da Polícia de Intervenção que resolveram ir poupar as cadeiras e «meter nos eixos» os provocadores. A serenidade voltou, os ânimos acalmaram, os ímpetos refriaram, as intenções foram impotentes para entrar no desafio.

Os «hooligans» bem identificados na designação e assumidos no comportamento, meteram a valentia na sacola e assistiram ao jogo em silêncio, menos três que a «PI» remeteu para local adequado.

Eusébio lança repto

Quando faltavam poucos minutos para o primeiro silvo do belga Marcel van Langhenove (muito bem auxiliado pelos seus conterrâneos Michel Piraux e Joanes Moons) Eusébio entrou em campo e foi ao centro do terreno «atiçar as massas». Ele sabe o valor e a importância que tem aquele poderoso jogador da «camisola n.º 12». Cem mil pessoas erguem-se do granito das bancadas e aplaudem com o mesmo vigor, fervor clubista e entusiasmo, como durante muitos anos fizeram às jogadas geniais e golos monumentais rubricados pelo mais conhecido cidadão do Mundo. A plateia estava ao rubro com o vermelho a dominar toda a policromia ao redor do palco. Entram os marselheses e escutam uma assobiadela que certamente nunca ouviram em Bordéus ou em Paris, em Nice ou no Mónaco. Por culpa, exclusiva, do seu fanfarrão presidente. Surge a equipa de branco vestida. É o Benfica.

Bandeiras ao vento. Gargantas colocadas à prova de rouquidão. Tímpanos desafiados pelo ruído. A mística do grande clube, que é orgulho de milhões de portugueses, está ali. Falta um golo para a grande viagem. O jogo começa. Falta um golo para a grande viagem. Geram-se oportunidades. Mozer comete uma «fífia» (única em todo o encontro) que poderia provocar o repouso dos guerreiros. O golo não tarda e o silêncio toma lugar dos loucos momentos iniciais.

Magnusson remata à trave. Valdo é chamado a marcar sucessão de cantos. Vem o intervalo. Desde Roberto Carneiro, a Mirandela da Costa, de Miranda Calha a José Sampaio, de Costa Brás a Silveira Godinho, de Firmino Miguel a Pinto de Sousa, de António Garrido a Porfírio Alves, de Vítor Correia a Raul Nazaré, até aos demais cem mil assistentes, a esperança continua solidificada. Porque o Benfica estava a jogar com mais acerto do que fizera em Marselha e porque os franceses exibiam receio nos métodos, na estratégia e nas atitudes. A velocidade, vigor físico-atlético, e disposição psicológica dos gauleses não apresentavam centelha de semelhança com o padrão exibido no seu recinto.

Os ponteiros vão rodando e cada um de nós olhou o pulso vezes diversas. A confiança ia-se esvaziando em cada minuto que se contava. Eriksson já mandara entrar Vata e Pacheco saindo o «estoirado» Thern e o improdutivo Lima. O desejo é vencer e importava atirar todos os trunfos para a mesa. Gili responde mais tarde rendendo Di Meco por Diallo e Vercruysse a tomar o lugar do inglês Waddle. O sueco ganha a cartada porque no minuto 83 surge o lance que jamais será esquecido. Era o golo. E o estádio não caiu.

Alves Henriques

Francisco Paraíso

Vata: um dia histórico na vida do menino nascido na Damba (Angola) no dia 19 de Março de 1961

Francisco Paraíso

Rotunda de Lisboa: festival até às tantas

Francisco Paraíso

A Polícia de Intervenção foi forçada a intervir para serenar os amigos de Tapie da «Ultra-marselha»

Francisco Paraíso

O antipático Bernard Tapie bebe água de Marselha. Chá não seria certamente

assim vai o totobola

Penalti: 121 111 121 1122; O Algarve: X2X 111 XX1 21X2; Jornal da Beira: 22X 111 1X1 2X2X; De Tudo Um Pouco/Comércio de Leixões: 221 111 1X1 21XX; O Comércio de Leixões: 22X 111 121 2121; Algarve Desporto: XX1 11X X21 212X; Ronda Desportiva: 2X2 111 XX1 X12X; Correio de Coimbra: 22X 111 121 2121; Correio do Vouga: 22X 111 1X1 211X; Defesa de Espinho: 221 111 121 211X; O Diário: 221 111 121 X11X; Diário de Lisboa: 221 111 212 21XX; Diário de Viseu: 221 111 1X1 2XX2; Grande Área/Rádio Nova Antena: 222 111 XXX 2122; Folha do Domingo: 22X 111 121 X1XX;

Ecos de Cacia: 22X 111 121 21X2; Eu Sei Tudo: 22X 111 1X1 212X; Jornal de Felgueiras: 22X 111 1X1 X1XX; Jornal de Gaia: X21 111 1XX 11XX; Gazeta das Caldas: XXX 111 1X1 X1X1; O Almonda: 221 111 X21 2112; Rádio Totobola: 22X 111 1XX 21XX; Linhas de Elvas: 221 1XX 22X 2111; Litoral: 22X X11 1X1 2X2X; Maria da Fonte: 22X 111 121 X1XX; No Estúdio e No Estádio: 22X 111 1X1 211X; Notícias de Chaves: 22X 11X 1XX 21X2;

Notícias de Felgueiras: 22X 111 1X1 X1XX; Notícias de Gouveia: 221 111 121 212X; Notícias de Guimarães: 22X 111 12X 212X; Notícias de Viseu: 22X 11X XX1 X222; Bom Dia/Rádio Comercial: 221 X11 XX1 X1X1; RR/Desporto: 221 111 1X1 X121; Jornal de Santo Tirso: 22X 1X1 1X1 2121; A Voz do Domingo: 221 111 121 X12X; Voz de Lamego: 222 111 121 21XX; Tarde Desportiva/Antena Um: 22X X11 11X 2XX2; Livre e Directo: 222 1X1 X21 222X; Um Caso Por Semana/RDP Covilhã: 22X 111 12X X112;

Foi Notícia/RDP Covilhã: X22 1X1 121 X1XX; Desporto e Música/RDP Covilhã: 22X 11X 1XX 212X; Cultura e Recreio/RDP Covilhã: 22X 111 121 X1X2; De Tudo Um Pouco/RDP Covilhã: 221 XX2 2X1 111X; Jornal da Graça: 22X 111 XXX X1XX; Quadrante Norte: 22X 111 1X1 2121; Resenha Desportiva: 222 111 121 XXXX; A Voz dos Ridículos: 2X1 111 111 2121; Jornal de Amarante: 221 111 121 2121; Rádio Guarda: X21 X1X X2X X111; Jornal da Lixa: 221 111 X21 11XX; O Mensageiro: 22X 111 221 X12X; Jornal Reconquista: 22X 111 111 X12X; Semanário da Região Bairradina: 222 111 1X1 2X11; Informação Desportiva/Rádio Altitude: 22X 111 1X1 2112;

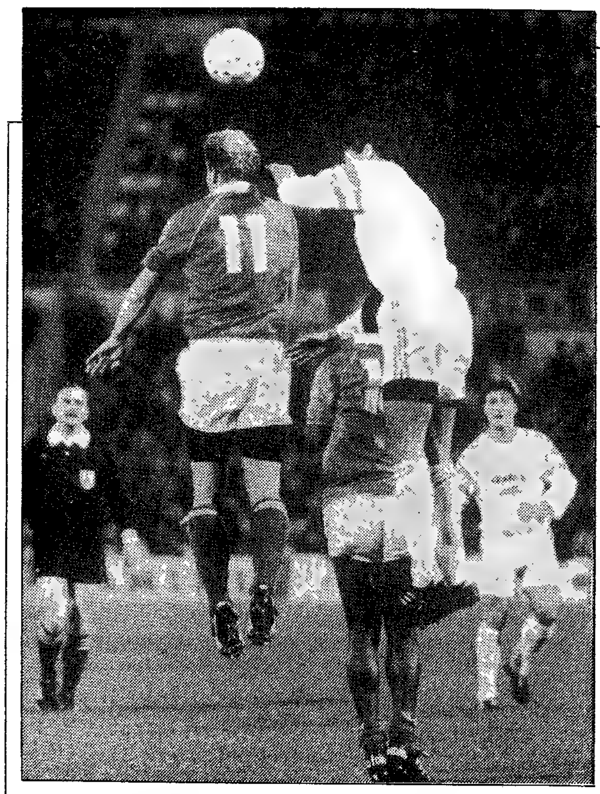
Tempo e Resultados/Rádio Comercial: 22X 111 121 X1XX; Secção Desportiva/Rádio Comercial: 221 111 1X1 2122; Tempo de Desporto/Rádio Comercial: 222 11X 121 X11X; RR/Bola Branca: 221 111 1X1 2121; RR/Frente Desportiva: XX1 111 X1X XX21; Desporto/Rádio Guarda: 22X 1X1 XX1 1X2X; Contacto/Rádio Guarda: 2XX 2X2 X12 X2X1; Encontro Com a Manhã/Rádio Guarda: X11 X11 2XX 1X22; Meia Tarde/Rádio Guarda: 1XX 1XX 111 221X; Convidámos Para Lanchar/Rádio Guarda: X12 121 X22 XXX1; Jornal de Notícias: 22X 111 121 2121; Alvo: 121 111 X11 X1X2; Rádio Alvo: XXX 111 X2X 111X; Alvo Desportivo: 221 111 1X1 X1X1; Alvo Suplemento: 2XX 111 1X1 2121.

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 16/90 DE 22 DE ABRIL DE 1990

	RESUMO			BOLAS (a)		
	1	X	2	1	X	2
1. U. Madeira - Porto	3	10	56	1	2	9
2. Feirense - Benfica	2	9	58	1	1	10
3. Chaves - Guimarães	24	36	9	4	6	2
4. Setúbal - Beira Mar	62	6	1	10	1	1
5. Belenenses - Nacional	60	8	1	10	1	1
6. E. Amadora - Penafiel	59	8	2	10	1	1
7. Boavista - Portimon.	46	18	5	8	3	1
8. Tirsense - Sporting	8	32	29	1	6	5
9. Braga - Marítimo	52	14	3	9	2	1
10. Felgueiras - Famalicão	7	26	36	1	4	7
11. Académica - A. Viseu	55	10	4	9	2	1
12. Mangualde - U. Leiria	14	26	29	2	5	5
13. Louletano - Farense	19	35	15	3	6	3

(a) Nos termos do Art.º 14º do Regulamento Geral dos Concursos, se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

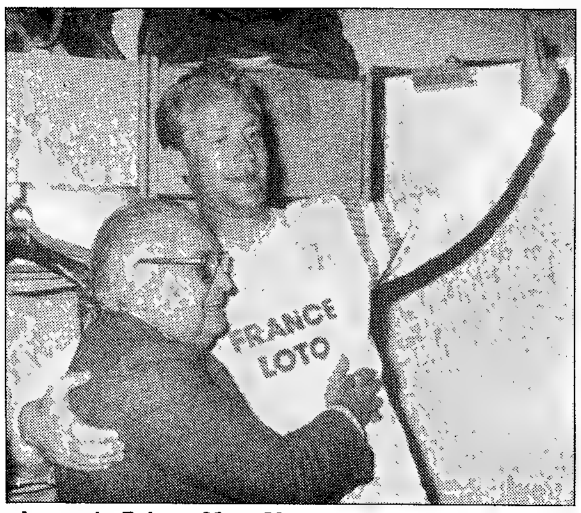
A «CHAVE» LÓGICA SERÁ: 22X 111 1X1 212X



Francisco Paraíso

Francisco Paraíso

Mozer foi implacável (e, muitas vezes pouco correcto) na mercação a Magnusson, sempre que o sueco saía do colete-de-forças imposto por Sauzée



Francisco Paraíso

Jorge de Brito e Mats Magnusson: a festa depois do sofrimento

No ano do mundial em sua casa

Itália: futebol de 1.ª nas finais europeias

Mais que evidente: o futebol italiano está no topo europeu, evidentemente, que muito favorecido pela qualidade de diferentes «estrelas» estrangeiras importadas graças à atracção dos milhões de liras que circulam em redor dos estádios. Isso pode notar-se através dos resultados das meias-finais das competições uefeiras de clubes, concluídas ontem com os jogos da segunda mão.

• Taça dos Campeões Europeus

	2.ª mão	1.ª «mão«
Benfica-Marselha (França)	1-0	1-2

Apurado: Benfica, com 2-2, graças ao golo marcado fora.

Bayern Munique (RFA)-AC Milão (Itália)	2-1 (*)	0-1

(*) — Após prolongamento (1-0, nos 90 minutos).

Apurado: AC Milão, com 2-2, mercê do golo marcado fora.

A final da prova disputa-se a 23 de Maio, no Prater Stadium, em Viena de Áustria.

• Taça dos Vencedores de Taças

	2.ª mão	1.ª mão
Sampdória (Itália)-Mónaco (França)	2-0	2-2

Apurada: Sampadória, com 4-2.

Dínamo de Bucareste (Roménia)-Anderlecht (Bélgica)	0-1	0-1

Apurado: Anderlecht, com 2-0.

A final desta competição tem lugar a 9 de Maio, no Estádio Ullevi, em Gotemburgo (Suécia).

• Taça UEFA

	2.ª mão	1.ª mão
Colónia (RFA)-Juventus (Itália)	0-0	2-3

Apurado: Juventus, com 3-2.

Fiorentina (Itália)-Werder Bremen (RFA)	0-0	1-1

Apurado: Fiorentina, com 1-1, por golo fora.

A final desta taça tem lugar a duas mãos (2 e 16 de Maio), nos estádios dos clubes intervenientes, com o 1.° jogo em Turim.

Carlos Manuel e Raul Águas: adeus, Alvalade

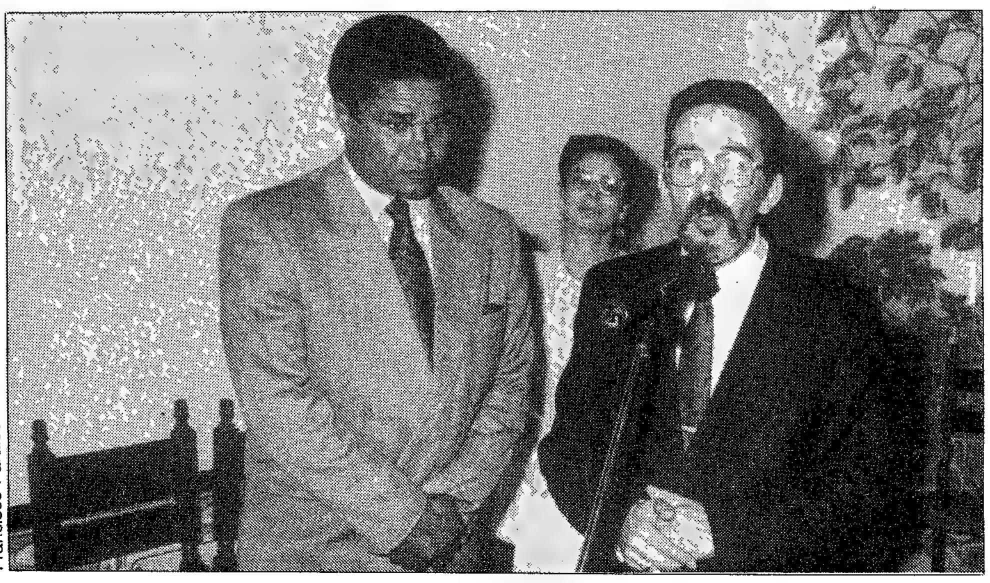
Carlos Manuel antecipou-se aos rumores que circulavam há alguns dias de que seria um dos futebolistas a integrar a lista de transferências, tendo solicitado rescisão imediata do contrato que o ligava ao Sporting até ao próximo mês de Junho. O pedido foi aceite e Carlos Manuel (47 vezes internacional) irá agora aguardar eventuais convites constando que o Boavista já se inscreveu na lista dos candidatos. Recorde-se que Carlos Manuel iniciou a sua carreira no Barreirense de onde transitou para o Benfica e depois de uma breve passagem pela Suíça, ao serviço do Sion, foi contratado por Jorge Gonçalves. Foi uma das «unhas» prometida pelo contestado e polémico ex-presidente do clube «leonino». As outras foram Douglas, Silas, Rodriguez, Eskilsson, Cascavel, Miguel e Hassan.

Adiante-se que a rescisão foi feita com perfeito entendimento entre Carlos Manuel e os dirigentes sportinguistas Sousa Cintra e Manolo Vidal, que compreenderam o momento de desânimo porque passava o futebolista, sistematicamente, preterido por Raul Águas.

Entretanto, o treinador Raul Águas também solicitou ontem a saída antecipada de Alvalade. O pedido ainda não foi aceite, mas o mais provável é que Sousa Cintra e seus parceiros do executivo venham a considerar a petição do futuro técnico do SC Braga e Vítor Damas venha, novamente, a ser investido nas funções de chefia suprema.

Rio Ave muda pela quarta vez

O Rio Ave despediu o técnico Duarte Sá depois de terem passado pela orientação do futebol sénior do clube, Eurico Gomes e Artur Correia. Nicolau Vaqueiro é o novo responsável pela equipa de Vila do Conde que ainda aposta na subida à Divisão da Honra.



Francisco Paraíso

«Eusébio, Pantera Negra» em Banda Desenhada

«Eusébio, Pantera Negra», é um álbum de Banda Desenhada que retrata a biografia do mais genial futebolista português, que na passada terça-feira foi lançado no Páteo Alfacinha pelo seu autor, Eugénio Silva, autor de uma diversificada actividade profissional na área das artes gráficas. A obra aí está com a assinatura de Eugénio Silva e lançada pela Meribérica/Liber. Mais do que a história de um futebolista de talento inultrapassável, é «a história de um homem modesto que nascera do nada e se fizera a si próprio». A vida de Eusébio é a vida de um menino e de um homem, tratada com sensibilidade e que emociona: da bola trapeira aos grandes estádios. Mas sempre com sublime humildade.

Eugénio Silva consegue, através de um talentoso traço da BD portuguesa, um movimento de desenho capaz de nos fazer recordar as soberbas jogadas de Eusébio nas memoráveis jornadas do Mundial de 1966 e das sucessivas campanhas benfiquistas através da Europa e do Mundo.

Em 56 páginas, está contada a vida de um homem humilde e de um futebolista genial. Uma obra que justamente se recomenda.

Francisco Zambujal: o derradeiro traço

A morte de Francisco Zambujal deixou mais pobre a arte portuguesa. Durante 30 anos aquele seguidor da escola de Bordalo, enobreceu as páginas do jornal «A Bola» com o seu vigoroso e inconfundível traço de caricaturismo de génio como foram Stuart Carvalhais; João Martins e José Pargana. Contava 55 anos de idade quando o terrível cancro o vitimou. Francisco Zambujal era irmão do nosso muito estimado companheiro Mário Zambujal e deixou viúva Natércia Pires Correia Zambujal e dois filhos José Manuel e Marina Filomena, aos quais o «DL» endereça condolências.

Soares dos Reis: jogada sem defesa

Foi um dos mais reputados guarda-redes do FC Porto sucedendo ao lendário Miguel Siska. Contemporâneo de Valdemar, Acácio Mesquita e Pinga. Chamava-se Soares dos Reis e morreu na passada semana com a idader de 80 anos. «Dragão» dos sete costados e homem dotado de postura inquestionável, Soares dos Reis cedeu no dia da Ressureição.

UEFA têm presidente sueco

O sueco Lennard Johansson (actual presidente da Federação Sueca de Futebol) foi esta manhã eleito para presidir ao executivo da UEFA — União Europeia de Futebol, substituindo o francês Jacques Georges.

Leonard Johansson venceu o seu opositor, o suíço Freddy Rumo, por 20 votos contra 15, no acto eleitoral que decorreu em La Vallete (Malta).

Modalidades

CICLISMO

Duas equipas espanholas (Seur e Festina/Lotus) e oito turmas portuguesa vão participar na Volta ao Algarve em bicicleta que se disputará de 23 a 29 do corrente. A prova é dividida por nove etapas, num total de 1047 quilómetros ao longo de todo o Algarve e terá três contagens para a montanha, quando da escalada de Monchique.

As equipas portuguesas presentes são: Recer/Boavista, Salgueiros/Landimar, Orima/Cantanhede, Avibom/Lousa, Sicasal/Acral, Tavira/Bom Petisco, Alguera/Componauto e Ruquita/Feirense.

SELECÇÃO DE PESSOAL

Avisam-se os interessados que foi para publicação no «Diário da República» um Edital para recrutamento de um técnico superior estagiário de laboratório de línguas (tradução/interpretação) para a Escola Superior de Tecnologia de Tomar.

O estágio tem carácter probatório e será feito em regime de contrato administrativo de provimento, sendo o estagiário remunerado pelo índice 270 da tabela geral da função pública. É condição essencial para a candidatura ser Licenciado em Línguas e Literaturas Modernas (variante Inglês/Alemão) e será condição de peferência possuir igualmente conhecimentos da língua francesa.

A COMISSÃO INSTALADORA

AGENDA

I Série N.º 91
Dia 19 de Abril
DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Presidência do Conselho de Ministros

Resolução do Conselho de Ministros n.º 12/90:
Cria o gabinete do Plano Energético Nacional

Ministério das Finanças

Despacho Normativo n.º 29/90:
Dá nova redacção aos n.ºs 1 e 2 do Despacho Normativo n.º 47/85, de 5 de Julho (define, objectivamente, os requisitos a que deverão obedecer os armazéns de importador, bem como a caracterização, em termos concretos, do estatuto sócio-económico nas empresas potencialmente beneficiárias do regime simplificado de descargas directas).

Aviso n.º 1:
Determina que os residentes que, em quaisquer circunstâncias, venham a receber directamente de não residentes moeda estrangeira fiquem obrigados a, no prazo de 15 dias a contar do recebimento, proceder à sua venda a uma entidade autorizada a exercer o comércio de câmbios.

Aviso n.º 2:
Determina que a importação, exportação ou reexportação de ouro amoedado, em barra ou noutras formas não trabalhadas, quando não efectuadas pelo Banco de Portugal, dependem de autorização deste.

Aviso n.º 3:
Determina que sejam consideradas contas estrangeiras em escudos as contas expressas em escudos, abertas, em nome de não residentes, nos livros das instituições que estejam autorizadas para o efeito.

Aviso n.º 4:
Determina que os residentes podem liquidar operações de mercadorias, de invisíveis correntes ou de capitais, através da emissão de cheques nominativos e cruzados, sacados sobre contas nacionais, desde que o seu valor não exceda 500 000$.

Aviso n.º 5:
Determina que os residentes que, com fundamento em acordos com não residentes, pretendam utilizar, de forma sistemática, a compensação, como forma de extinção total ou parcial das suas obrigações para com não residentes, devem notificar previamente o Banco de Portugal da sua intenção.

Aviso n.º 6:
Determina que é livre a aquisição, por residentes, de notas e moedas com curso legal em país estrangeiro, e de outros meios de pagamento sobre o exterior, junto de entidades autorizadas a exercer o comércio de câmbios, para fazerem face ao pagamento de despesas de viagem ou turismo no estrangeiro.

Ministérios das Finanças, do Planeamento e da Administração do Território e do Ambiente e dos Recursos Naturais

Portaria n.º 308/90:
Adita ao quadro único do Ministério do Planeamento e da Administração do Território, constante do anexo II ao Decreto-Lei n.º 130/86, de 7 de Junho, um lugar de director, afecto ao Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza.

Ministérios das Finanças, da Agricultura, Pescas e Alimentação e do Comércio e Turismo

Portaria n.º 309/90:
Isenta, para o ano de 1990, de direitos aduaneiros a importação de matérias-primas destinadas à indústria de transformação de produtos da pesca provenientes de países da CEE.

Ministérios das Finanças e da Indústria e Energia

Portaria n.º 310/90:
Cria no quadro do Laboratório Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial (LNETI) sete lugares de motorista de ligeiros e extingue igual número de lugares de motorista de pesados.

Ministério dos Negócios Estrangeiros

Avisos:
Torna público ter a Holanda depositado os instrumentos de aceitação do Acordo Internacional do Trigo, 1986, que engloba a Convenção sobre a Ajuda Alimentar e a Convenção sobre o Comércio do Trigo.

Torna público ter o Governo do Chile depositado, junto do Secretário-Geral das Nações Unidas, a 7 de Dezembro de 1989, o instrumento de ratificação da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres.

Ministério da Saúde

Decreto Regulamentar n.º 9/90:
Estabelece a regulamentação das normas e directivas de protecção contra as radiações ionizantes.

Região Autónoma da Madeira

Assembleia Legislativa Regional

Decreto Legislativo Regional n.º 8/90/M:
Integra funcionários da ex-Previdência Social no regime da função pública.

Decreto Legislativo Regional n.º 9/90/M:
Adapta à Região Autónoma da Madeira o disposto no Decreto-Lei n.º 196/89, de 14 de Junho, que estabelece o regime jurídico da Reserva Agrícola Nacional.

Governo Regional

Decreto Regulamentar Regional n.º 6/90/M:
Aplica à Região Autónoma da Madeira as disposições do Despacho conjunto A-179/89-XI, dos Ministérios das Finanças e da Saúde, relativo à definição de doenças incapacitantes.

O ESTADO DO TEMPO

HOJE

CONTINENTE

Regiões do Norte: - Céu pouco nublado, temporariamenta muito nublado durante a madrugada e manhã. Vento moderado, por vezes forte de Norte. Formação de geada no interior.

Regiões do Centro e Sul: - Céu pouco nublado ou limpo. Vento moderado de Norte, por vezes com rajadas. Acentuado arrefecimento nocturno, com formação de geada nas regiões do Centro.

Mar cavado com ondulação Noroeste de 3 metros na Costa Ocidental e de pequena vaga a cavado com ondulação Sudoeste de 1 metros na Costa Sul.

Amanhã:

Regiões do Norte - Períodos de céu muito nublado e vento moderado a forte de Norte. Aguaceiros pouco frequentes.

Regiões do Centro e Sul - céu geralmente pouco nublado e vento moderado de orte, por vezes com rajadas. Pequena descida da temperatura.

Depois de amanhã:

Regiões do Norte e Centro - Períodos de céu muito nublado e vento moderado de Norte. Aguaceiros nas regiões do Norte.

Regiões do Sul - céu geralmente pouco nublado e vento moderado de Norte.

MADEIRA

Períodos de céu muito nublado. Vento moderado a forte a muito forte de Nordeste, por vezes com rajadas. Mar cavado a grosso com ondulação Norte de 4 a 5 metros na Costa Norte e mar de pequena vaga com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

No Funchal: - Céu geralmente pouco nublado e vento geralmente fraco.

Amanhã: - Períodos de Céu muito nublado e vento Nordeste forte, soprando geralmente fraco no Funchal.

Depois de Amanhã: - Períodos de céu muito nublado e vento Nordeste forte, soprando geralmente fraco no Funchal.

AÇORES

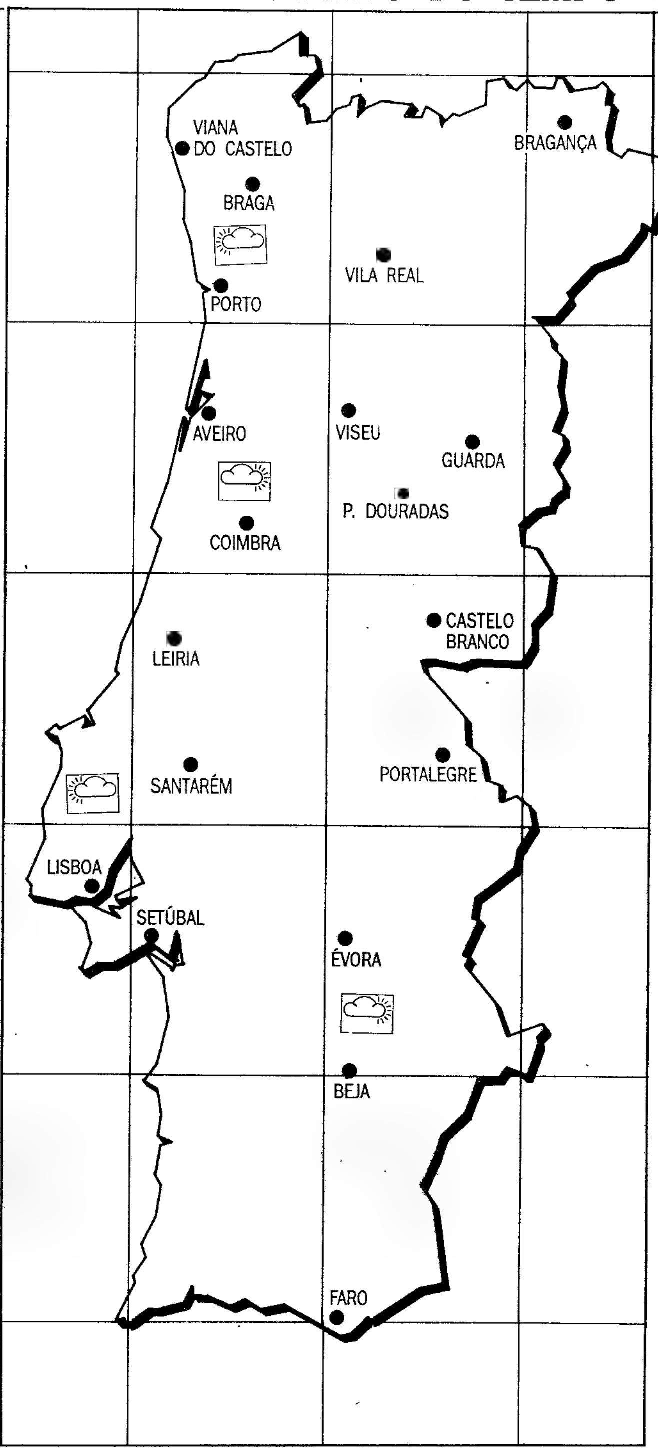
Grupo Ocidental: - Períodos de céu muito nublado e vento Leste moderado. Mar cavado com ondulação Norte de 1 a 2 metros.

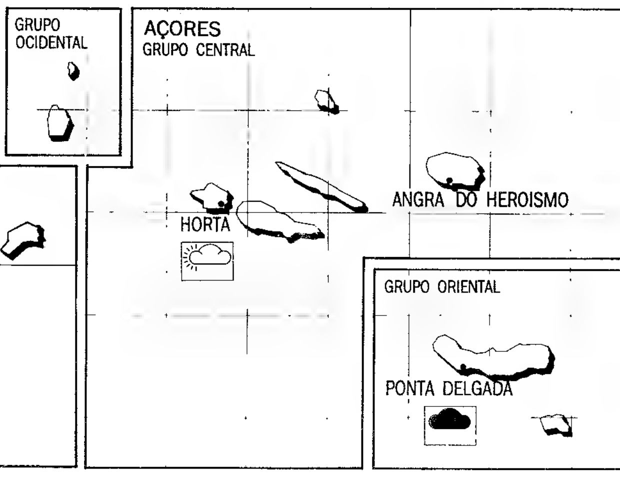
Grupos Central e Oriental: - Períodos de céu muito nublado e vento Leste moderado, soprando por vezes forte. Mar cavado a grosso com ondulação Norte de 2 metros.

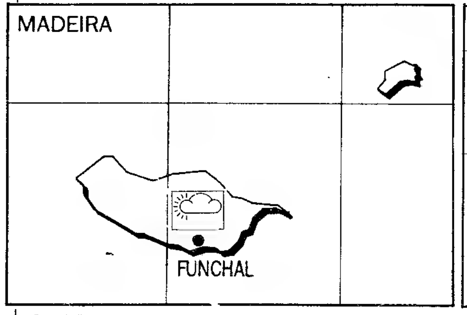
Amanhã: - Períodos de céu muito nublado e vento Leste moderado, soprando por vazes forte.

Depois de amanhã: - Períodos de céu muito nublado e vento Leste moderado,soprando por vezes forte.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofisica







PORTUGAL

	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Bragança	2	7	P. nub.
V. Castelo	10	11	P. nub.
Vila Real	4	5	P. nub.
Porto	8	8	Limpo
P. Douradas	-	-	-
Coimbra	6	7	P. nub.
C. Carvoeiro	13	13	Limpo
C. Branco	8	8	P. nub.
Portalegre	8	9	P. nub.
Lisboa	11	11	M. nub.
Évora	8	8	P. nub.
Sines	-	-	-
Beja	8	9	P. nub.
Faro	13	13	Limpo
Sagres	12	12	P. nub.
P. Delgada	13	13	M. nub.
Horta	14	14	M. nub.
Funchal	14	16	P. nub.

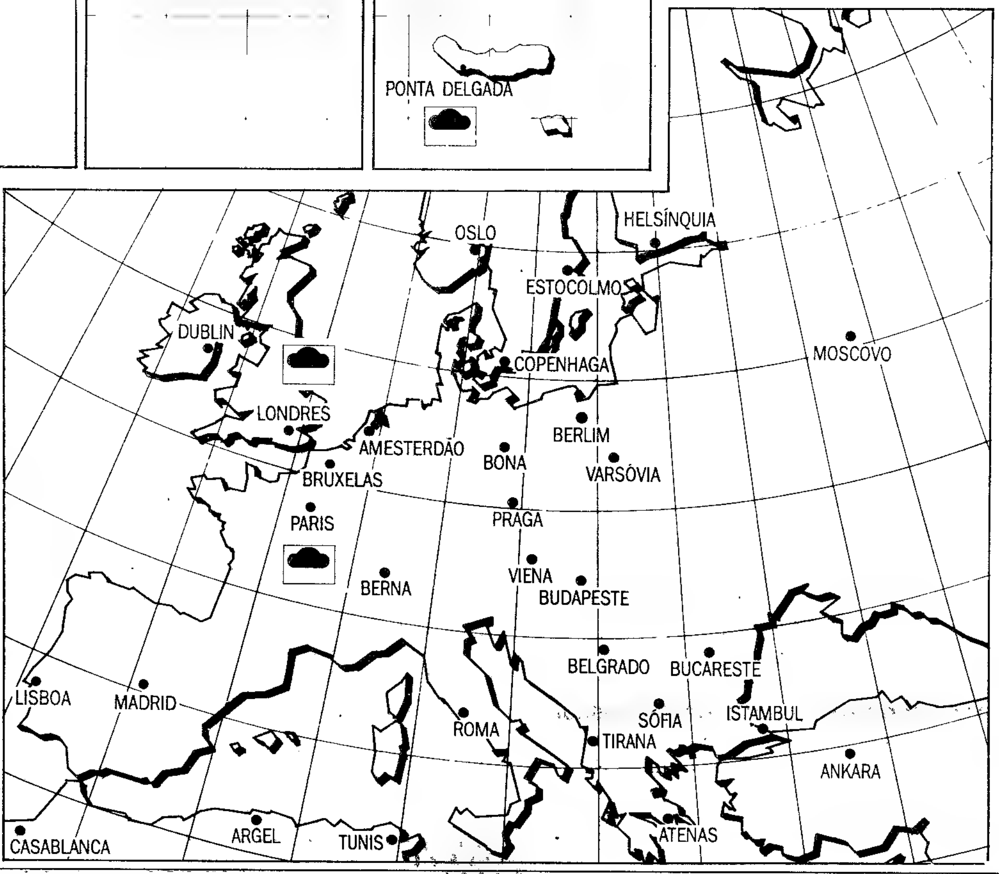
Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 20; Porto, 17; Faro, 25; P. Delgada, 18; Funchal, 21.

EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
Madrid	2	2	P. nub.
Londres	5	6	M. nub.
Paris	2	4	M. nub.
Bruxelas	2	3	M. nub.
Amesterdão	2	4	Neblina
Genebra	2	4	M. nub.
Roma	7	11	Aguaceiros
Oslo	3	5	P. nub.
Copenhaga	2	6	M. nub.
Estocolmo	0	4	P. nub.
Berlim	6	7	Chuva
Viena	8	8	Chuva
Varsóvia	5	8	Neblina
Atenas	11	15	M. nub.
Moscovo	2	10	Limpo

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Chicago	3	20	P. nub.
Houston	15	23	Chuva
Los Angeles	12	23	P. nub.
Montreal	-4	5	Limpo
Nova Iorque	5	17	Limpo
S. Francisco	11	16	P. nub.
Toronto	1	17	Limpo
Vancover	9	15	Chuva
Washington	2	18	Limpo
Hong Kong	18	24	Aguaceiros
Melbourne	11	17	P. nub.
Pequim	9	12	Chuva
Perth	15	23	Chuva
Singapura	24	34	P. nub.
Sydney	16	21	P. nub.
Tóquio	12	16	Aguaceiros
Wellington	7	18	Aguaceiros



Céu limpo
Céu pouco nublado
Céu muito nublado
Chuva
Trovoada
Neve
Vento
Mar calmo
Mar encrespado

MARÉS

Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
11.10	2,7m	04.23	1,5m
23.22	2,9m	16.53	1,6m

Amanhã

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
12.21	2,9m	05.39	1,3m
00.37	3,1m	18.03	1,3m

AGENDA

FARMÁCIAS LISBOA SERVIÇO PERMANENTE

Areeiro - Praça Londres: João XXI, Av. João XXI, 16-A, Tel. 886462; **Boa Hora:** Sepol, Calçada Boa Hora, 94-A, Tel. 3631958; **Campo de Ourique:** Elma, Rua D. Maria Pia, 358-A, Tel. 686176; **Castelo:** Silva, Calçada Santo André, 16, Tel. 862074; **Chile:** Aliança, Av. Almirante Reis, 145 B-C, Tel. 570487; **Entre Sete Rios e 2.ª Circular:** Da Luz, Estrada da Luz, 124-A, Tel. 7263139; **Feira Popular:** Santa Maria, Av. 5 de Outubro, 283-A, Tel. 763016; **Graça:** Monte, Rua Senhora do Monte, 30 A-B, Tel. 867842; **Lumiar:** Douro, Alameda das Linhas de Torres, 93 A-B, Tel. 7591131; **Marquês Pombal:** Branco, Av. Duque Loulé, 61-65, Tel. 545048; **Rato - Príncipe Real:** Cunha, Rua Escola Politécnica, 18, Tel. 325455; **Xabregas - Madre Deus:** Conceição, Calçada D. Gastão, 30-32, Tel. 381279; **Buraca - Amadora:** Vaz Martins, Praceta Fernando Pessoa, Loja E - 36-B, Tel. 970660; **Carnaxide:** H. Amaral, Praceta António Boto, 11-A, Tel. 4104556; **Moscavide:** Banha, Av. Moscavide, 22-A, Tel. 2518518; **Odivelas - Quinta do Mendes:** Almeida, Av. Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, Lote 110, Tel. 9824242; **Pontinha:** Pontinha, Estrada Santo Elói, 4 Lote SE, Tel. 479220.

REFORÇO

Alcântara: Probidade, Rua Alcântara, 15 A-B, Tel. 3638589; **Alvalade - Estados Unidos:** Rio Janeiro, Av. Rio de Janeiro, 4-C, Tel. 881409; **Baixa:** Simões Pires, Rua da Prata, 115, Tel. 3462350; **Benfica:** União, Estrada Benfica, 592-594, Tel. 700092; **Camões - Santa Catarina:** Combro, Calçada do Combro, 82, Tel. 326059; **Campo de Ourique:** Lobel, Rua Infantaria 16, 98-B, Tel. 688807; **Marquês Fronteira:** Ronil, Rua Rodrigo da Fonseca, 153, Tel. 683438; **Olivais Sul:** Marta, Rua Cidade Nampula - Ed. Paris - Lote 534, Tel. 333696; **Picheleira:** Marluz, Calçada da Picheleira, 140 B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **Saldanha:** Dalva, Av. Duque d'Ávila, 125, Tel. 545225; **Sapadores - Paiva Couceiro:** Europa, Av. General Roçadas, 27 A-B, Tel. 8143880; **Colina Sol - Brandoa - Amadora:** Vidal Reis, Urb. Alfornel - Cel. G - Lote 35, Tel. 996540; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA DE CASCAIS

Algés: Combatentes, Av. Comb. G. Guerra, 166, Tel. 4104953. Permanente; **Linda-a-Velha:** Pinto, R. Antero Quental, 9, Tel. 4190610. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Central, R. 5 de Outubro, 25, Tel. 2470037. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Oeiras:** Oeiras, L. Henrique Paiva Couceiro, Tel. 4430485. Permanente; **Parede:** Do Junqueiro, L. Luanda, Lote 5, Tel. 2477838. Permanente; **S. João do Estoril:** Das Areias, Urb. Areias. Até às 22 h; **Sassoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Cascais:** Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40, Tel. 2801705. Permanente.

LINHA DE SINTRA

Amadora: Melo, P. D. João, 9-B, Tel. 4932756. Permanente; Central, Av. Cardoso Lopes, 25-A, Tel. 4932210. Até às 22 h; **Queluz:** Gil, Av. Miguel Bombarda, 28, Tel. 4350117. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Rico, L. Adriano S. Gil - Agualva, Tel. 4312833. Permanente; **Mem Martins:** Cristina, Av. Vitorino Nemésio, 14-A, Tel. 9214820. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rinchoa:** Dumas Brousse, Calç. Rinchoa, 2, Tel. 9260404. Até às 22 h; **Sintra:** Misericórdia, Vila Pendoa, Tel. 923070. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **Loures:** Sálvia, Av. República, 29, Tel. 9831240. Permanente.

OUTRA BANDA

Almada: Central, R. Olivença, 11-B, Tel. 2750504. Permanente; **Cova da Piedade:** Rainha Santa, R. Soc. Fua Piedense, 50-A, Tel. 2294182. Permanente; **Monte de Caparica:** Nova, Q. Trab. Rurais, 82, Tel. 2954436. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Higiénica, Av. República, 23, Tel. 2900020. Até às 19 h; **Laranjeiro:** Baptista Marques, R. Boa Vontade, 17-B, Tel. 2538572. Até às 22 h; **Lavradio:** J. Consolado, Av. Joaq. Fernandes, 17-C, Tel. 2043126. Até às 19 h; **Sesimbra:** Leão, Av. Liberdade, 13, Tel. 2233471. Até às 19 h; **Barreiro:** Ferreira & Pilar, Av. República, 1, Tel. 2072023. Permanente; **Baixa da Banheira:** Teixeira, R. Moçambique, 84-B, Tel. 2040946. Até às 19 h; **Corroios:** Abreu Cardoso, B.º Cid. Setúbal, 1-B, Tel. 2536172. Até às 19 h; **Amora:** Nova Amorense, EN 10 - Bloco A - Loja A - Paivas, Tel. 2216824. Permanente; **Seixal:** Soromenho, P. Paiva Coelho, 28, Tel. 2213560. Até às 22 h; **Montijo:** Borges Cruz, R. Angola, 19 - Afonsoeiro, Tel. 2301853. Até às 22 h; **Moita:** Silva Rocha, P. República, 16, Tel. 2390029.

CLÍNICA S. JOÃO DE DEUS
MÉDICO DE URGÊNCIA
795 06 80/9

HÁ 20 ANOS

Actualidade internacional
NASSER ACUSA OS EUA DE FAZEREM PRESSÃO SOBRE OS PAÍSES ÁRABES
Aumentam os ataques aéreos norte-americanos no Vietnam
MÚSICA ATRAVÉS DE AUSCULTADORES PODERÁ CAUSAR DANOS ÀS CRIANÇAS

Nasser: EUA pressionam países árabes

O presidente Nasser acusou os Estados Unidos de ameaçarem que os "raids" aéreos israelitas seriam intensificados e mais profundos ainda em território egípcio, a menos que o Egipto venha a submeter-se. As declarações de Nasser foram feitas numa entrevista dada ao redactor da revista indiana "Blitzan" e que a agência noticiosa do Médio Oriente relatou a noite passada no Cairo.

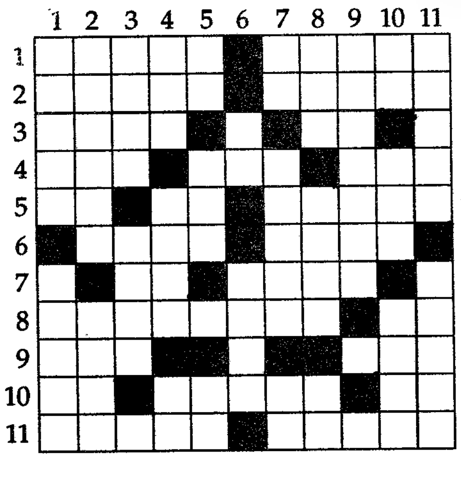
Nixon condecora astronautas

O presidente Nixon concedeu a Medalha da Liberdade aos três astronautas da "Apolo-13", indo acolhê-los, pessoalmente, a Honolulu, acompanhado pelas esposas de dois deles e pelos pais do terceiro.

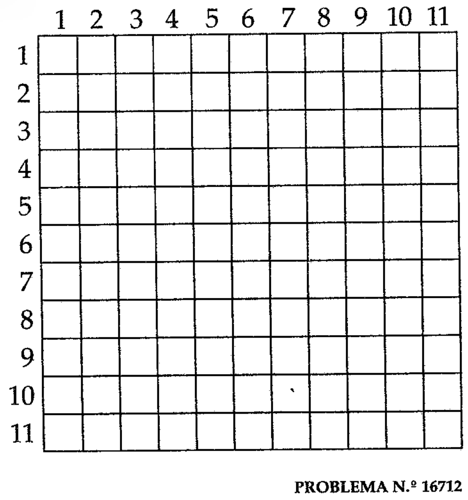
Tornados no Texas: vinte e dois mortos

Os tornados que assolaram o Texas na noite de sexta-feira para sábado causaram ao todo 22 mortos e cerca de sessenta feridos. Os estragos são computados em milhões de dólares.

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 17902



PROBLEMA N.º 16712

Problema n.º 17902

HORIZONTAIS:
1 - Ser necessário. Dança.
2 - Ave trepadora. Encolerizas.
3 - Inerte. Tempo do verbo ser. Medida itinerária do Japão.
4 - Em as. Olé. Prefixo que designa ar.
5 - Espera Resposta. Nota musical. A morte.
6 - Escudeiros. Despacho.
7 - Bário (s.q.). Pão de milho.
8 - Desenrugaras. Plutónio (s.q.).
9 - Fluido aeriforme. Consentimento.
10 - Antes do meio-dia. Plantas têxteis do Ceará. Nesse lugar.
11 - Vassourara o forno depois de aquecido. Distinção.

VERTICAIS:
1 - Ninfa que perseguida por Apolo, que a amava, invocou a Terra sua mãe e foi por esta transformada em loureiro. Recompensar.
2 - Vagueara. Lodo.
3 - Tempo do verbo ir. Ave pernalta considerada divina pelos egípcios. Tempo do verbo ser.
4 - Estava. Ecoas. Crómio (s.q.).
5 - Rádio (s.q.). Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia. Batráquio.
6 - Artigo definido (ant.). Valor.
7 - Bário (s.q.). Aguça. Interjeição que exprime admiração.
8 - Oásis. Antepassados. Solitário.
9 - Abrilhantaria.
10 - Nota musical. Boato. Dar pios.
11 - Guarnecera de asas. Gostava.

Problema n.º 16712

HORIZONTAIS:
1 - Berilo (s.q.). Usos. Duzentos em romano.
2 - Lavrai. Falsificar.
3 - Ofereceis. Galanteio.
4 - Abranda. Nota musical.
5 - Rénio (s.q.). Cidade de Itália.
6 - Verbal. O mesmo que acarreta.
7 - Variedade de feijão em Moçambique. Desbastar.
8 - Acreditas.
9 - Trate por tu. Suspiros. Mulo.
10 - Plantas do pé. Preposição.
11 - Solitários. Pertences. Estava.

VERTICAIS:
1 - Cidade fortificada de Espanha. Arsério (s.q.).
2 - Estavam. Pegadas.
3 - Gemeram. Grito.
4 - Confusão (pl.).
6 - Estado da Europa setentrional ao N. da Alemanha.
7 - Governanta. Levantarias.
8 - Fingires.
9 - Porco. Pernadas de sobreiro. Cério (s.q.).
10 - Imperatriz do México filha de Leopoldo I, rei dos belgas. Maior.
11 - Planta têxtil do Ceará. Ordena.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17 901

HORIZONTAIS: 1 - Rasto. Safas. 2 - Atais. Arada. 3 - Luso. Azar. 4 - Hás. Coa. Ema. 5 - Osaca. Gamai. 6 - SS. Olaia. Rs. 7 - Erro. Sa. 8 - Arreara. 9 - An. Asso. 10 - Tapas. Rm. Op. 11 - Ao. Sm. Ansa.
VERTICAIS: 1 - RALHOS. Satã. 2 - Atuasse. NÃO. 3 - Sassa. Rã. 4 - Tio. Corrias. 5 - Os. Calor. Sm. 6 - To. És. 7 - Sa. Agita. 8 - Ara. Aa. Rama. 9 - FAZEM. Sãs. 10 - Adamara. Sós. 11 - Sarais. SOPA.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 711

HORIZONTAIS: 1 - Co. Sabor. AC. 2 - Arroz. Parra. 3 - Saim. Uai! 4 - Tira. Arcada. 5 - Rs. Laçar. Ar. 6 - Pi. Ária. 7 - Ora. Biscar. 8 - Crê. Maomé. 9 - Alga. Oral. 10 - Cãs. Id. Tri. 11 - As. Amariam.
VERTICAIS: 1 - Castro. Caça. 2 - Orais. Orlas. 3 - Rir. Prega. 4 - Somália. Asa. 5 - Az. 6 - Acabaria. 7 - Operário. Dr. 8 - Rã. Crismo. 9 - Rua. Acerta. 10 - Arada. Arm. 11 - Caiar. Roli.

PROVÉRBIO: RALHOS NÃO FAZEM SOPA.

EFEMÉRIDES

1775
• Inicia-se a Guerra da Independência dos EUA, com a derrota dos britânicos em Lexington e Concord (Massachusetts).

1783
• O Congresso dos EUA declara o fim da Guerra da Independência.

1882
• Morre, em Down, o naturalista britânico Charles Darwin, autor de uma nova teoria sobre a origem das espécies.

1943
• Começa a revolta judaica do gueto de Varsóvia contra os ocupantes nazis. Em duas semanas, os alemães massacrariam mais de 50 mil judeus.

1973
• É fundado o Partido Socialista Português (PS), durante um congresso em Blad Mustereisel (Bona, RFA), durante o qual foi dissolvida a União Socialista Portuguesa, constituída em 1964.

1986
• A UEDS, formação política nascida em Janeiro de 1978 de uma cisão do Partido Socialista, decide a sua extinção.

1988
• O Parlamento português aprova a legalização do naturismo.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA 1
Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
ALWAYS - SEMPRE
Filme de Steven Spielberg
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2
UM AMOR INEVITÁVEL
Filme de Rob Reiner
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3
MISS DAISY
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4
NASCIDO A 4 DE JULHO
Filme de Oliver Stone
M/16 anos - Às 13.30, 16.15, 19.00, 21.45 e 00.30

ALFA 5
CAMPO DE SONHOS
Filme de Phil Aldeu Robinson
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE
Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER
Filme de Steve Kloves
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa - T. 691275
UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 2
MISS DAISY
M/12 anos - Às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 3
A GUERRA DAS ROSAS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 4
NASCIDO A 4 DE JULHO
M/16 anos - Às 13.30, 16.15, 19.00, 21.45 e 00.30

AMOREIRAS 5
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
M/12 anos - Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 6
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 7
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
M/6 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8
OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9
TEMPO DE GLÓRIA
Filme de Edward Zwick
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 10
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A -T. 763319
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10 -T. 776098
UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.30

CAPITÓLIO
Parque Mayer
PRAZERES INDECENTES
Hard-core-I º escalão (porno)
M/18 anos - Às 15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15 -T. 324194
O REGRESSO DO NINJA AMERICANO
Filme de Sam Firstenberg
M/16 anos - Às 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37 - T. 533253
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
CÓDIGO COBRA
M/18 anos - Às 24.00 horas.

CINE PORTELA ESTÚDIO ANUSHA
T. 9434762
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
M/6 anos - Às 15.30 e 21.30

ESTÚDIO SHEZA
A GUERRA DAS ROSAS
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27 -T. 573407
SUPER GIRLS EM 3-D
Hard-core-1ºescalão (porno)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA PORTUGUESA
R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085
HERÓIS DO MAR
De Fernando Garcia, às 18.30
JÚLIO CÉSAR
De Joseph L. Mankleviez, às 21.30

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

CONDES
Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
DEMÓNIO DE SAIAS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO
Al. D. Afonso Henriques, 35 - T. 555I34
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F -T. 8487255
CAMPO DE SONHOS
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

FONTE NOVA 1
Est. de Benfica 503 - T. 7145088
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

FONTE NOVA 2
TEMPO DE GLÓRIA
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
NASCIDO A 4 DE JULHO
M/16 anos - Às 14.45, 16.30, 18.45 e 21.15

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037

AUDITÓRIO 1
O FILÓSOFO
Filme de Rudolf Thome
M/16 anos - Às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00

AUDITÓRIO 2
O COZINHEIRO, O LADRÃO, SUA MULHER E O AMANTE DELA
Filme de Peter Greenaway
M/18 anos - Às 19.15 e 22.00

IMPÉRIO
Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI
R. Sousa Lopes - T. 8480808
LAMBADA - A DANÇA PROIBIDA
M/16 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING TRIPLEX 1
R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
CAMPO DE SONHOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

KING TRIPLEX 2
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

KING TRIPLEX 3
TEMPO DE GLÓRIA
M/12 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara - T. 3631162
A GUERRA DAS ROSAS
M/12 anos - Às 15.15, 18.30 e 21.30

LAS VEGAS 2
DEMÓNIO DE SAIAS
M/12 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES
Av. de Roma, 7-A -T. 801313
A GUERRA DAS ROSAS
M/12 anos - Às 14, 16.30, 19 e 21.30

MUNDIAL 1
R. Martens Ferrão - T. 538743
UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 2
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

MUNDIAL 3
NASCIDO A 4 DE JULHO
M/12 anos - Às 13.45, 16.30, 19.00 e 21.45

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574362
LUA-DE-MEL ATRIBULADA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ODEON
R. dos Condes, 4 - T. 326283
A HONRA DO CAMPEÃO
M/16 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

OLIMPIA
R. dos Condes, 13 - T. 325309
RATA BORRALHEIRA
Filme porno
M/18 anos
Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA 1
Centro Com. Alvalade
CINEMA PARAÍSO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 18.45 e 21.30 e 23.45

PLAZA 2
DEMÓNIO DE SAIAS
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA
R. Portas de Stº Antão - T. 326305
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
O MEU PÉ ESQUERDO
Filme de Jim Sheridanl
M/12 anos - Às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 2
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00

QUARTETO 3
TEMPO DE GLÓRIA
M/12 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00

QUARTETO 4
O COZINHEIRO, O LADRÃO, A SUA MULHER E O AMANTE DELA
M/18 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00, 21.45 e 24.00

SÃO JORGE 1
Av. da Liberdade, 175 - T. 579144
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.15

SÃO JORGE 2
NASCIDO A 4 DE JULHO
M/16 anos - Às 13.30, 16.15, 19.00 e 21.45

SÃO JORGE 3
MISS DAISY
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.15 e 21.30

7ª ARTE
Av. da República - T. 730715
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - Às 14.45, 17, 19.00 e 21.45

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C - T. 804210
UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19 .00 e 21.30

TERMINAL
Estação do Rossio - T. 371573
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - Às 13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30

TURIM
Est. de Benfica, 723-A - T. 706666
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
M/6 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

XENON
Av. da Liberdade,9 - T. 3468446
CAMPO DE SONHOS
M/16 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30

O MEU PÉ ESQUERDO PUB
Em exibição Quarteto Sala 1 Qualidade Maiores 12 anos

«Um Amor Inevitável», de Rob Reiner

COMUNA - TEATRO DE PESQUISA 2.º ANO
PRAÇA DE ESPANHA — RESERVAS TEL. 726 08 18
NO ESPAÇO DO CAFÉ-TEATRO * UM NOVO ÊXITO
FESTIVAL DA OTITE!
SÁBADOS ÀS 24 h
APOIO SAMSUNG

S. R.

ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO
DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE MATERIAL
SECÇÃO FINANCEIRA

Faz-se público que no Sec./Financeira desta Direcção — Av. Infante Santo, 49, se encontram abertos os Concursos Públicos seguintes:

CONCURSO PÚBLICO N.º	DESIGNAÇÃO	CAUÇÃO PROVISÓRIA	ABERTURA DE PROPOSTAS	
			DATA	HORA
15/90-Mat	AQ, VIAT. AUTO TG 4 e 5 TON. DE CARGA ÚTIL EM T.T.	2,5% do valor da proposta	30MAI90	15H00

Os respectivos Cadernos de Encargos podem ser consultados todos os dias úteis das 14 às 17 horas. As propostas devem ser entregues até às 17 horas do último dia anterior ao da abertura de propostas.

O Chefe da Secção Financeira,
José Bernardino de Jesus Abelha
Cap.

CARTAZ

ALMADA

ACADEMIA ALMADENSE

Telef. 2752127
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - Às 15.30 e 21.30

COSTA DE CAPARICA
CAPARICA OCEANO

Sala 1
UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 15.45 e 21.30

Sala 2
TEMPO DE GLÓRIA
Maiores de 12 anos
Sessões às 16.15 e 21.45 horas.

O PESCADOR

Telef. 2905350
A DANÇA DE 2 VIDAS
M/12anos - Às 15.30 e 21.45

CASCAIS

CARCAVELOS
ATLÂNTIDA CINE

Telef. 2465653
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - Às 15.30 e 21.30

CASCAIS
MIRAMAR

Sala 1
Telef. 2841744
DEMÓNIO DE SAIAS
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

Sala 2
VALMONT
M/16 anos - Às 15.15 e 21.30

OXFORD

Av. 25 de Abril - T. 2865027
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
M/6 anos - Às 16.00 e 21.30

NOVA OEIRAS
CINE PALMEIRAS

Sala 1
Telef. 2479144
DEMÓNIO DE SAIAS
M/12 anos - Às 15.15 e 21.30

Sala 2
NEGÓCIO DE FAMÍLIA
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

OEIRAS
ALTO DA BARRA

Sala 1
Av. das Descobertas - T. 4439759
DEMÓNIO DE SAIAS
M/12 anos - Às 15.15 e 21.45

Sala 2
OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

SINTRA

AMADORA
BABILÓNIA

Centro Comercial Babilónia - T 4934871
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

CACÉM
ESTÚDIO FLORES

Telef. 9247570
NASCIDO A 4 DE JULHO
M/16 - Às 15.00 e 21.30

QUELUZ
KING D. PEDRO III

Telef. 4364845
SALA 1
LAMBADA - A DANÇA PROIBIDA
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.15

SALA 2
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 15.15, 18.15 e 21.30

SALA 3
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.45

TEATRO
LISBOA

ABC

Parque Mayer
De 3ª a Sáb. às 21.30.
Dom às 16.00
WHAT HAPPENED TO MADALENA IGLÉSIAS
De Filipe La Féria

A BARRACA (Cinearte)

Largo de Santos, 2 - T. 665360
Às 21.30
Grande festa cigana, com MARGARIDA DO MONTE
De Marcelino Mesquita

CHAPITÔ

R. da Costa do Castelo, 7 - T. 878225
5ª, 6ª e Sáb. às 21.30 horas
KLASSIKUS KABARET
De Fernando Gomes

CINE - TEATRO
DA ENCARNAÇÃO

T. 8510203
De 4ª a 6ª às 21.30.
Sáb. às 15.00 horas.
O MONTE
Pelo grupo de teatro amador «O Culto da Máscara»
(em cena até dia 21)

COMUNA

Praça de Espanha - T. 7260818
CAFÉ TEATRO
FESTIVAL DA OTITE
De Carlos Paulo
Em cena aos Sábados às 24 horas.

IBÉRICO

R. de Xabregas, 54 - T. 8582531
De 3ª a Sáb às 21.30.
Dom. Feriados. às 17.00
O FIM
De António Patrício

MARIA MATOS

Av. Frei Miguel Contreiras, nº 5
T. 897017
3ª a 5ª, às 21.30, 6ª e Sáb às 20.30 e 22.45.
Dom. às 15.00 e 18.00
SEVERA
De Júlio Dantas. Encenação de Nicolau Breyner

MARIA VITÓRIA

Parque Mayer - T. 3461740
De 3ª a Dom. às 20.30 e 22.45.
Domingos e Feriados, também às 16.00
VITÓRIA! VITÓRIA!
De Henrique Santana, Francisco Nicholson,
Augusto Fraga, Nuno Nazareth Fernandes
e Fernando Ribeiro.

PRIMEIRO ACTO

R. Eduardo Pedroso, 16-A - Algés
T. 2115033
De 3ª a Sáb. às 21.30.
Sáb. e Dom. às 17.00
AS PULGAS
De Cunha Leiradella,
pela Comp. Persona.

MUNICIPAL S. LUIZ

R. António Mª Cardoso - T. 327172
Às 21.30
QUADRANTE
Com Paulo Autran

TRINDADE

R. Nova da Trindade - T. 320000
De 5ª a Sáb. às 21.45
Dom. às 16.00
AUTO DA ÍNDIA - VIAGEM A CALECUTE
De Gil Vicente, pelo Teatro de Todos os Tempos - Comp. Vicentina

VARIEDADES

Parque Mayer - T. 320000
De 3ª a Domingo às 21.30.
Domingos e Feriados também às 16.00
OS MENINOS À RODA DA MAMÃ
Versão livre de Henrique Santana

OUTRAS LOCALIDADES

ESTORIL
CASINO ESTORIL

T. 2684521
De 4ª a 6ª às 21.30
sáb. às 18.00 e 21.30.
Dom. às 17.00
SOMENTE ENTRE NÓS
De Reginaldo Faria

ODIVELAS
TEATRO
DA MALAPOSTA

T. 9873299
Às 21.30
A FLORESTA
De Alexander Ostrowsky
(em cena até dia 20)

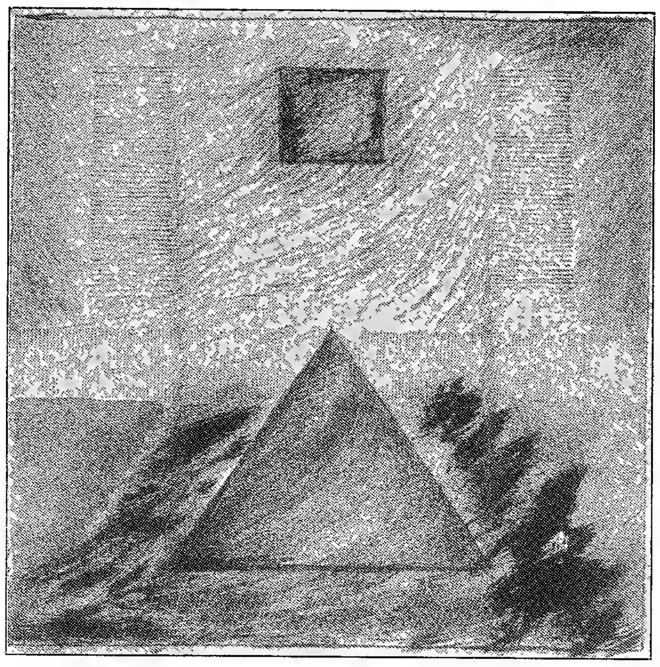
PORTO
TEATRO
SÁ DA BANDEIRA

T. 2003595
5ª às 21.30,
6ª e sáb. às 20.30 e 22.45.
Domingos e Feriados às 16.00 e 20.30
AI CAVAQUINHO
De Eduardo Damas

EXPOSIÇÕES

INAUGURAM

CARMINA SAMUEL - Pintura
Mãe d'Água - Praça das Amoreiras (Inaugura hoje, às 19 e 30)
COLECTIVA DE ESCULTURA - Artistas caldenses
Galeria Almada Negreiros/SEC (Inaugura hoje, às 18 horas. 10/20 horas, excepto segundas-feiras)
HELENA ALMEIDA - Pintura tridimensional e obras em papel
Galeria Valentim de Carvalho - Rua da Cruz dos Poiais, 111 - (Inaugura hoje, às 22 horas. 11/13 e 15/19 horas, excepto domingos. Até 19 de Maio)
JOÃO SANTIAGO - Pintura e desenho
Casino Estoril (Inaugura dia 20, às 22 horas. Diariamente entre as 15 e as 24 horas. Até 7 de Maio)
MARIA GABRIEL - Desenhos recentes
Galeria Arcada - Estoril (Inaugura hoje, às 22 horas. 11/13 e 14/19 horas, excepto terças-feiras. Até 14 de Maio)
PATRICK PICCARELLE - Trabalhos recentes
Galeria Moira - Rua Nova da Piedade, 33 (Inaugura dia 24, às 22 horas)



Patrick Piccarelle, em exposição na galeria Moira

LISBOA

150º ANIVERSÁRIO DO MONTEPIO GERAL - Exposição que ficará assinalada pelo carácter censório que levou à exclusão de um trabalho de João Queiróz e a solidariedade dos que retiraram as suas obras. Convidados os artistas que a organização considerou jovens e representativos da dinâmica da arte portuguesa contemporânea, o resultado revela-se caótico. Sem pôr em dúvida a representatividade, parece discutível a juventude. Se alguma existe, então será na organização, montagem e sobretudo no catálogo, que não soube cuidar minimamente, e onde previlegia alguns artistas, com mais do que uma reprodução, em detrimento de outros, ausentes. Para já não falar no infeliz espaço do Palácio Foz, mesmo que o argumento seja a acessibilidade de um público mais vasto. Ora esse público, dificilmente conciliará os horários dos transportes públicos com os horários e os três lanços de escada do Palácio.
Palácio Foz (Diariamente, entre as 11 e as 19 horas. Até dia 29)

JE *EST* UN AUTRE - Segunda parte da exposição internacional de auto-retratos. Andy Warhol, Christian Boltansky, Gilberto Zorio, Joseph Kosuth, Marcel Broothaers, Michelangelo Pistoletto e Tony Cragg tornam a fotografia parte integrante de objectos onde já não faz sentido discutir, ou limitar, o que é a escultura. Aliás, tem sido esta galeria quem mais tem contribuído para a confrontação e discussão do que é escultura, hoje. Exposição acompanhada de um catálogo onde, a par da qualidade de algumas reproduções, se reúnem textos de Chaké Matossian, John Yau (crítico da Art Forum) e Pedro Frade, sobre a temática e o sentido da auto-representação.
Galeria Cómicos/Luís Serpa - Rua Tenente Raúl Cascais, 1 (15 às 20 horas, excepto domingos)

PEP AGUT - Graça Fonseca parece previligiar o intercâmbio com as galerias espanholas. Depois de Eugénio Cano (por troca com Paulo Feliciano?), a galeria revela agora este catalão residente em Colónia. Além da instalação *Amigos Para Sempre*, onde diferentes tipos de cadeiras uniformizadas pelo estofo dialogam com a *pele* mudada (entretanto emoldurada na parede), Pep propõe uma reflexão sobre a desmultiplicação do espaço/suporte. Mondrian revisitado.
Galeria Graça Fonseca - Rua da Emenda, 26 (15/20 horas, excepto domingos e segundas-feiras)

ALMADA

30 ANOS DE ENSINO DE GRAVURA NA ESBAL - 29 alunos testemunham a qualidade do ensino dessa disciplina ministrado pelos professores Gil Teixeira Lopes e Matilde Marçal, aqui homenageados. A simulação do que é uma oficina de gravura (xilogravura, calcografia, águas-fortes e serigrafia) desmistificam e aproximam o público dos trabalhos presentes.
Galeria Municipal de Arte (15 às 22 horas, excepto segundas-feiras)

ESTORIL
JOH - "Magnificências", esculturas
Galeria Arcada (11/13 e 14/19 horas, excepto terças-feiras. Até 23 de Abril)

OEIRAS
LAURA CEZZANA - Pintura
Galeria Espiral - Rua Cândido dos Reis, 90 (10/14 e 15/19 horas. Até 1 de Maio)

J.F.

MUNICÍPIO DE LISBOA

EDITAL N.º 29/90

OBRAS PRECONIZADAS NO AUTO DE VISTORIA E POSSE ADMINISTRATIVA

Faço saber que correm éditos de 30 dias, contados da data da segunda publicação deste edital intimando nos termos do artigo 10.º do Regulamento Geral das Edificações Urbanas e por meu despacho de 23 de Fevereiro de 1990, por delegação de competência de Sua Ex.ª O Presidente (Despacho n.º 101/P de 22 de Janeiro de 1990), a Sr.ª D. MIQUELINA DA CONCEIÇÃO M. MONTALVÃO, ausente em parte incerta, na qualidade de proprietária do prédio situado na Rua Luciano Cordeiro, n.º 13/13-A torneja Rua Nogueira e Sousa, n.º 1/7, em Lisboa, a cumprir com as conclusões do auto da Comissão Permanente de Vistorias de 14 de Janeiro de 1982 e respectivo aditamento de 24 de Janeiro de 1986.
As obras deverão ser iniciadas no prazo de 15 dias findo o dos éditos e concluídas nos 30 dias seguintes.
Foi determinada a ocupação do prédio para execução coerciva ao abrigo do disposto no artigo 166.º do Regulamento Geral das Edificações Urbanas, no caso de as obras não serem iniciadas ou concluídas nos prazos para o efeito respectivamente fixados.
NOTA I: Para a realização das obras intimadas, deverá ser levantada uma licença nas condições 1.ª à 3.ª e 11.ª, que será passada pelo prazo de 30 dias e que se encontrará a pagamento durante 5 dias a contar do 10.º dia da data da intimação, devendo juntar um termo de responsabilidade no prazo de 8 dias.
NOTA II: O auto de vistoria e respectivo aditamento fazem parte do processo 48 546/81 e encontram-se à disposição do intimado, para efeitos de consulta, na respectiva Zona dos Serviços de Fiscalização — Rua 1.º de Dezembro, n.º 120.

Paços do Concelho de Lisboa, em 3 de Abril de 1990

O Vereador,
Vasco Franco

LIGA PORTUGUESA DE HIGIENE MENTAL
Largo do Andaluz, n.º 15-7.º Esq.º 1000 LISBOA

CONVOCATÓRIA

Convoco todos os sócios da Liga Portuguesa de Higiene Mental para uma Assembleia Geral Ordinária a realizar no próximo dia 3 de Maio de 1990.

A Assembleia Geral funcionará em primeira convocação com a maioria dos associados às 20 horas e, em segunda, uma hora depois, com qualquer número.

A Ordem de Trabalhos é a seguinte:
I — Apreciação e votação do relatório e contas referentes ao ano de 1989;
II — Informações.

Lisboa, 19 de Abril de 1990

Pela Mesa da Assembleia Geral
João Raul Farinha da Silva
(vice-presidente)

«DL» 19/4/90

ESTABELECIMENTOS RODRIGUES & RODRIGUES, SA

Rua Nova do Carvalho, 66 — LISBOA
Capital social de 50 000 contos
Matriculada na Conservatória do Registo
Comercial de Lisboa sob o n.º 10 276

ASSEMBLEIA GERAL

CONVOCATÓRIA

Conforme deliberação em 1.ª Convocatória da Assembleia de Empresa realizada no dia 30.03.90, ficou marcada a nova Assembleia de Empresa para o dia *27 de Abril de 1990*, pelas *19 horas e 30 minutos*, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1.º — Deliberar sobre o Relatório e Contas do Exercício de 1989;

2.º — Proceder à Apreciação Geral da Administração e Fiscalização da Sociedade;

3.º — Tratar de qualquer outro assunto de interesse para a Sociedade;

4.º — Proceder a eleições que sejam da sua competência, nomeadamente as que se prendem com o Conselho Geral.

Lisboa, 17 de Abril de 1990.

O Presidente da Mesa da Assembleia de Empresa,
Eduardo João dos Santos Meneses

3.º JUÍZO CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

ANÚNCIO

O DOUTOR JUIZ DE DIREITO DO 3.º JUÍZO CÍVEL DE LISBOA DA 2.ª SECÇÃO:
FAZ SABER que nos autos de Execução de Sentença sob o n.º 4939/A a correr termos pela 2.ª Secção deste Tribunal em que é exequente JOSÉ DE ALMEIDA NAZARÉ, residente na Rua Dr. Sousa Martins, n.º 12-4.º Esq.º 2675 Odivelas, correm éditos de 30 DIAS, citando os executados GILBERTO AUGUSTO MEDEIROS DE AZEVEDO E CASTRO e mulher FERNANDA DUARTE RIBEIRO MEDEIROS, com última residência conhecida na Quinta dos Campos, lote 13 r/c Esq.º 2775 Carcavelos e actualmente em parte incerta, para no prazo de 5 DIAS, decorridos que sejam o dos éditos e a contar da 2.ª e última publicação do anúncio, deduzirem oposição à execução, nomear bens à penhora ou pagar à exequente a quantia de 139 862$00 e legais acréscimos, sob pena de ser devolvido à exequente esse direito. Como tudo melhor consta do duplicado da petição inicial que se encontra à sua disposição nesta Secretaria.

Lisboa, 90. ABRIL. 06

O Juiz de Direito,
Dr. Arnaldo António da Silva
A Escrivã Adjunta,
Maria Alice Ramos

«DL» 2.ª Pub 19/4/90

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

11.º Juízo

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação do anúncio.
Execução ordinária n.º 6909, 1.ª secção.
Exequentes — TEÓFILO CARAPETO DIAS.
Executado — JOSÉ ANTÓNIO FIGUEIREDO BENITO GARCIA, ausente em parte incerta e com última residência conhecida na Av. do Lago, 146-B, bloco 2, r/r dt.º, Monte Estoril.

Lisboa, 5 de Abril de 1990

O Juiz de Direito,
Ass. ilegível

O Escrivão de Direito,
Ass. ilegível

«DL» 2.ª pub. 19/4/90

SNOOPY POR SCHULZ

CARTAZ/TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

16.40 - CLÍNICA GERAL
17.35 - A HORA DO LECAS
18.35 - RUA SÉSAMO
119º programa.
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.07 - O TEMPO
20.11 - BOLETIM AGRÁRIO
20.20 - VALE TUDO
21.15 - SOFIA E CONSTANÇA
22.10 - CONVERSAS VADIAS
O Prof. Agostinho da Silva conversa com Cáceres Monteiro
22.40 - MURPHY BROWN
2º episódio: Miles Silverberg, produtor executivo do programa liderado por Murphy, decide contratar a bela Corky Sherwood para co-apresentadora, de modo a facilitar o trabalho da jornalista-vedeta. Esta mudança deixa Murphy Brown preocupada. Entretanto, Miles continua a sofrer de insónias, provocadas pela constante entrega de pizzas no seu apartamento. Uma noite, Miles recebeu 14 pizzas entre a meia-noite e as 5 da manhã. Na madrugada seguinte, Miles é subitamente acordado pelo som de uma polka, interpretada por um grupo mesmo debaixo da janela do seu quarto. Na redacção do jornal, as coisas estão, igualmente, algo complicadas, pois Corky e Murphy entram em disputa, tentando cada qual obter o maior número de dados possíveis sobre cada notícia.
23.05- 24 HORAS
23.35 - UM DIA...
Com o maestro José Atalaya
23.40 - REMATE
23.50 - CARTAS DE HUMOR

RTP-2

16.50 - OS CENTURIÕES
17.10 - NOVO ELUCIDÁRIO MADEIRENSE

No 1º Canal, às 22.40, «Murphy Brown»

17.40 - OS DESAFIOS DA LEI
18.35 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
86º episódio
19.10 - ESPAÇO INFANTIL
19.50 - CLÁSSICOS DA TV
«Estrada 66», 43º episódio.
20.40- VIA RÁPIDA
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - EMOÇÕES
13º episódio: Zach começa a duvidar das suas capacidades profissionais, quando um grupo que rejeitou, obtém um sucesso enorme, depois de contratado por uma outra companhia discográfica. Resolve, então, fazer novas audições a todos os grupos anteriormente recusados.
21-55 - SINAIS DO TEMPO
22.55 - QUINTA DIMENSÃO
23.20 - UNIVERSIDADE ABERTA

Às 21.30 no 2º Canal, mais um episódio da série «Emoções»

AMANHÃ

RTP-1

09.01 - BOM DIA
10.00 - ÀS DEZ
12.05 - FERA RADICAL
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.27 - BOLSA
13.30 - GLOSS
14.15 - VILA FAIA
15.05 - O MUNDO ANIMAL
15.45 - PONTO POR PONTO
16.30 - CLÍNICA GERAL
17.30 - JUNTOS E AO VIVO
18.30 - RUA SÉSAMO
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA
20.05 - O TEMPO
20.08 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
21.15 - MISSÃO IMPOSSÍVEL
22.10 - O ROSTO DA NOTÍCIA
23.15 - CHEFE, MAS POUCO
23.45 - 24 HORAS
00.15 - UM DIA
00.30 - CARTAS DE HUMOR
00.35 - PELA NOITE DENTRO
«A Última reportagem»

RTP-2

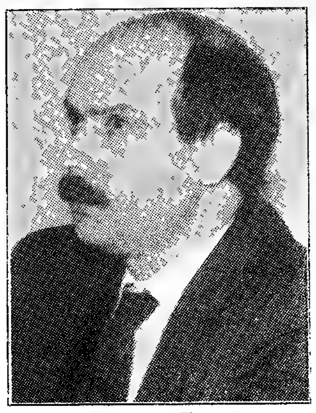
14-02 - TELEMERCADO
14.30 - PRIMEIRO JORNAL
14.45 - ESPAÇO INFANTIL
15.00 - FILHOS E FILHOS
15.20 - AGORA, ESCOLHA!
16.45 - 3, 2, 1 CONTACTO
17.15 - AS GRANDES VIAGENS DE COMBOIO
18.20 - MAGAZINE MUSICAL
18.45 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
19.20 - ESPAÇO INFANTIL
19.55 - AS CIDADES E AS TERRAS
20.20 - BUCHA E ESTICA
20.40 - VIA RÁPIDA
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - DONA BEIJA
22.55 - ROTAÇÕES
23.55 - HAJA MÚSICA

GIBEL
O SEU CABELEIREIRO
MAIS RÁPIDO E ECONÓMICO
PÊLOS
EXTRACÇÃO ELÉCTRICA, SEM DOR, SEM MARCAS, A CERA QUENTE OU FRIA
Das 8 às 20 horas
Calçada do Sacramento, 38

«Face ao que tem vindo a passar-se em Timor-Leste, caberia a Portugal nomear um governador»

José Ribeiro e Castro, «Diário de Notícias», 19.04.90

A PERGUNTA DO DIA



Ramon Font
jornalista da TVE

Qual o seu balanço da experiência de televisão privada em Espanha?

«Se a empresa pública funcionar com mecanismos de controlo parlamentar e sob a direcção de profissionais, constituirá a melhor garantia de pluralismo político. Em princípio, quanto maior for o número de ofertas, melhor será para o consumidor. No entanto, não está provado que isso seja exactamente assim, tendo em conta a experiência espanhola.

Na verdade, um dos novos canais preocupa-se unicamente em transmitir circo, concursos, filmes, boxe, sem sem nenhum preocupação informativa. O outro canal já teve que alterar programas e apresentadores no segundo mês de existência. Além disso, as sondagens não lhe são favoráveis e a sua obsessiva linha anti-socialista está a reduzir-lhe a credibilidade. Há uma grande esperança no terceiro canal privado, vinculado a «El Pais», mas o seu carácter de televisão por assinatura vai limitar a audiência. Começa, assim, a generalizar-se a sensação de que se a TVE não cometer erros, vai continuar a ser a grande televisão espanhola.»

Sexta-feira no **Diário de Lisboa**

Colóquio DL: a última sessão

Cabo Verde e os Médicos sem Fronteiras

Política de A a Z por F. Piteira Santos

A Mosca em suplemento

ENTREVISTA

Maria José Morais trepou do berço para o piano e fez o primeiro recital aos quatro anos. Porém, considera que a sua carreira como pianista só começou há 15 anos. Uma carreira feita no estrangeiro porque em Portugal...

«É péssimo ser menina-prodígio»

D.L. - A sua carreira tem sido feita no estrangeiro. Não é possível ser pianista clássica em Portugal?

M.J.M. - Realmente, um pianista que se dedica à música clássica em Portugal tem muitas dificuldades: começa por uma certa incompreensão, continuando com a falta de apoios. E não falo de apoios em casos pontuais, que até é capaz de haver alguns. O que não há é toda uma estrutura musical no País que garanta às pessoas fazerem carreira. Não há nem me parece que venha a haver nos próximos anos. Isso leva a pessoa a vira-se para o estrangeiro, o que não é propriamente uma condenação, pelo contrário. O que é pena é que seja tão difícil conciliar uma carreira em Portugal e no estrangeiro.

D.L. - Sei que vai agora lançar um disco...

M.J.M. - Sim. É um disco que faz parte de um contrato firmado com uma companhia belga e que prevê a gravação de uma série de discos.

D.L. - Quando será lançado em Portugal?

M.J.M. - Está preparada toda uma operação de lançamento que deverá ter lugar no início de Maio.

D.L. - Quais são os temas?

M.J.M. - Trata-se de um disco gravado ao vivo, o que é uma situação bastante inédita em Portugal. Foi gravado num recital e, neste disco, são editadas uma série de obras de Scarlati e de Chopin. Proximamente, sairá a segunda parte do recital.

D.L. - A dada altura, teve problemas com a Gulbenkian...

M.J.M. - Eu, pessoalmente, não tenho guerras nem inimizades com a Gulbenkian. Simplesmente discordei de uma determinada atitude de uma pessoa e as coisas tomaram proporções incompreensíveis. Acho é que a Gulbenkian sempre tratou os artistas portugueses como artistas de terceira. Esta atitude é facilitada pelos governos que se desligam um pouco da cultura uma vez que existe a Fundação Gulbenkian.

D.L. - No entanto, a Fundação é considerada o principal mecenas dos artistas portugueses...

M.J.M. - Acho que hoje há outras fundações sobre as quais valia a pena debruçarmo-nos. A Fundação Oriente, por exemplo, já está a fazer trabalhos muito interessantes e é bom que surjam mais, sobretudo para acabar com o monopólio. O surgimento da Gulbenkian foi uma grande sorte para os artistas mas, enquanto outras fundações e o Estado não começarem também a agir, a Gulbenkian acaba por ser prejudicial em certos aspectos, porque paralisou o desenvolvimento regional em relação à cultura. O próprio Porto, em certos aspectos, vive um pouco das esmolinhas da Gulbenkian.

D.L. - Talvez isso de deva também ao facto de o ensino da música em Portugal ser caro.

M.J.M. - Pelo contrário. Um dos grandes problemas do ensino da música em Portugal é ele ser demasiadamente barato. Repare: qualquer pessoa se pode matricular no Conservatório por um preço ridículo...

D.L. - Mas quantas pessoas é que podem ter, por exemplo, um piano em casa?

M.J.M. - É verdade que comprar um instrumento é mais complicado, mas também nem toda a gente pode ser pianista. Nós, o que temos falta é de instrumentistas de cordas, principalmente, e aí há mais facilidades na aquisição de instrumentos.

D.L. - Há quanto anos é pianista?

M.J.M. - Acho que nasci pianista. Comecei a trepar para o piano quase desde o berço. Fiz o primeiro recital aos quatro anos, o primeiro concerto com orquestra aos sete. Fui aquilo a que se chama uma menina-prodígio, o que é péssimo pois há o perigo de as pessoas depois levarem sempre as coisas a brincar. Verdadeiramente, considero que tenho 15 anos de carreira internacional.

D.L. - Que tipo de reportório toca?

M.J.M. - Muito vasto: tenho 30 concertos para piano e orquestra preparados. Tenho, contudo, uma grande preferência por Bach e Bethoven. Houve também um período em que me dediquei muito aos românticos, sobretudo a Chopin, mas nunca quis ficar vinculada a um autor. Ultimamente tenho estudado muito a obra francesa da primeira metade do século XX, nomeadamente Poulenc e Ravel. E, evidentemente, tento divulgar, tanto quanto possível, a música portuguesa, embora nós tenhamos pouca literatura pianística.

D.L. - O que aconselharia a um jovem que quisesse abraçar a carreira de pianista?

M.J.M. - Que a seguisse mesmo e não se deixasse levar pelo facto de ser muito difícil. É verdade que é difícil, mas o essencial é trabalhar muito e lutar, e hoje a juventude não está muito motivada para lutar por aquilo que quer.

D.S.

A lição macrobiótica

Os cavaleiros errantes, os românticos sem causa, os em ruptura, a seita dos diferentes, são os utentes da cozinha macrobiótica? Seria essa *situação* que obriga os praticantes a contentar-se ou até a exigir as instalações das lojas e restaurantes afins pouco alegres e esteticamente abandonados? Existem excepções: confirmam a santa regra. Em geral, tudo é tristonho, mal amanhado, sério quer dizer mal-humorado, como se a cor, a boa disposição, o calor humano fossem um pecado contra *yang* e *yin*.

Pergunto: o arroz integral não nos quer igualmente integrais? A fruta ou os legumes sem pesticidas e outras artificialidades não serão um louvor à natureza natural? O sorriso corrompe a qualidade do chá-de-cinco-três-anos?

Apetece-me, no meu consumo ocasional, portanto nada dogmático, do macrobiótico, menos por convicção, mais pela gula, apetece-me desenvolver um pouco a energia de diversão, uma corrente de ar de janelas abertas, subverter o aspecto monacal, mudar o dispositivo, as receitas, o esquema. Acabar de vez em quando com essa matriz do sério imutável, sem

forma, sem gosto visível, audível, sensível, em auto-acusado.

Alimentar-se saudavelmente não é pagar os impostos, satisfazer as tarefas penosas, pensar a fundo, não ler a *Elle*, repetir o repetido, isto é, a tradição, se de tradição se trata e não do hábito cómodo.

Um desses restaurantes lisboetas sob a influência do reino macrobiótico, do resto mais «humanizado» quanto à forma e fundo, foi recentemente invadido pelas novas empregadas de cozinha. As raparigas saudáveis, suponho, ainda não recicladas, ouvem-se da oficina-cozinha como fadistas espontâneas: os risos, os gritos e gritinhos, as cançonetas profanas, enchem o espaço de seitan, tofú, soja.

Como irá isso acabar? Até os muros dos macrobióticos estarão a cair ao som das trompetas de Jericó?

Por agora: bom apetite!

Jorge Listopad

A.M.A. Auto Monumental do Areeiro S.A.
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telefs. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

QUINTA-FEIRA, 19 ABRIL 1990

SUPLEMENTO LITERÁRIO

SUPLEMENTO DAS QUINTAS-FEIRAS DO Diário de Lisboa 19 DE ABRIL DE 1990. NÃO SE PODE VENDER EM SEPARADO

Poemas de Adília Lopes, Fernando Luís, Carlos Poças Falcão, Laureano Silveira, Paulo Teixeira, Jaime Rocha em antologia dos anos oitenta. Entrevista com Fernando Pinto Amaral nas págs. 4 e 5. Ideias e leituras, págs. 6 e 7

ANOS OITENTA: AS VOZES DO COMETA

Os poemas que escrevo
são moinhos
que andam ao contrário
as águas que moem
os moinhos
que andam ao contrário
são as águas passadas

Ela rodou o anel do anelar esquerdo
com o polegar e o indicador da mão
direita
ela rodou o anel de tal maneira
que eu lhe peguei na mão esquerda
e lhe disse assim
sabes uma coisa?
quando eu era pequena
a minha avó materna pegava
na minha mão antes de eu adormecer
e dizia-me assim
este foi ao mato buscar lenha
e peguei-lhe no polegar
este acendeu o lume
e peguei-lhe no anelar
este fez o jantar
e peguei-lhe no dedo médio
este comeu tudo
e peguei-lhe no indicador
e este ficou a apitar
e peguei-lhe no dedo mendinho
ela então disse-me
Parece-me que a senhorita
está com umas ideias
muito lúbricas
esta tarde
mas eu só queria que ela me desse
o anel e mo enfiasse no anelar esquerdo

O pulso da Lillian Gish

Dediquei-me durante seis anos
ao estudo das projecções
e da teoria matemática dos erros
com enorme ascetismo
da minha parte
o meu objectivo era muito específico
queria saber se o pulso da Lillian Gish
cabia entre o meu polegar e o meu indicador
a conclusão a que cheguei
era desconcertante
a medida do diâmetro do pulso
da Lillian Gish
cabia num intervalo de erro
tão largo
que tanto podia tocar o polegar
e o indicador
como não
uma noite por acaso ou destino
encontrei a Lillian Gish
comecei a soprar-lhe os canudos
loiros que saíam da sua touca
e esqueci-me de ver
se o pulso dela cabia entre
o meu polegar e o meu indicador
então porque tinha perdido
a grande oportunidade da minha juventude
atirei-me para o chão a chorar de raiva
e bati com os punhos no chão

AUTOBIOGRAFIA SUMÁRIA DE ADÍLIA LOPES

**Os meus gatos
gostam de brincar
com as minhas baratas**

in
**A pão e água de colónia
(seguido de uma autobiografia sumária)
Frenesi**

Depois de lamber cuidadosamente
as minhas feridas mudei
o lugar às minhas jóias
estavam num cartucho
de papel pardo dentro de uma gavetinha
despejei-o em cima do tampo da minha secretária
toquei nas jóias uma por uma:
um par de brincos que não ponho
porque não tenho as orelhas furadas
três alfinetes: um galgo de vermeil
com uma coleira de rubis
um lagarto de Toledo
um filete com um amor perfeito
duas pulseiras com o fecho estragado
também os alfinetes não têm conserto
os anéis são dois
um tem uma pedra amarela
o outro é mais complicado
estão-me os dois largos
o resto é um coração
que se abre com a unha
mas hoje não tenho unhas
cortei-as com uma tesourinha de bordar
mudei tudo para uma caixinha de madeira
com um falcão peregrino na tampa
e folhas de acanto
e mudei a caixinha para ao pé de mim
o que é que eu posso fazer mais?
tratar do piolho verde das minhas roseiras
chamar-me Maria Bárbara
escrever uma novela gótica
viver de pão e laranjas
cantar uma canção que acaba com os versos
Liebst du um Liebe, o ja-mich liebe!
pedir um favor ao príncipe Teodósio

Arte Poética

Escrever um poema
é como apanhar um peixe
com as mãos
nunca pesquei assim um peixe
mas posso falar assim
sei que nem tudo o que vem às mãos
é peixe
o peixe debate-se
tenta escapar-se
escapa-se
eu persisto
luto corpo a corpo
com o peixe
ou morremos os dois
ou nos salvamos os dois
tenho de estar atenta
tenho medo de não chegar ao fim
é uma questão de vida ou de morte
quando chego ao fim
descubro que precisei de apanhar o peixe
para me livrar do peixe
livro-me do peixe com o alívio
que não sei dizer

Adília Lopes
**Um jogo bastante perigoso
Edição de autor**

CÉU E TERRA

Cresce, bem sabes,
O leque
Do céu nas terras de Fevereiro
A brisa corre o teu vestido
Estampado nas folhas de gingko,
E a boca deixa que na araucária
Ferida se prendam as rendas, compradas
Na ponte, da Flandres.

Porque não vens? Verás
Que a febre anuncia o fim desta dança
Vinda do mar e dos Andes, já
Dentro do rio, em Manaus,
Entregue num aceno de sangue

A minha buzina que tranca
As bandeirinhas na bruma e livra
O voo do ganso, celeste, no salto
Africano dos golfinhos, florido...

Se a comoção bastasse, se o choque
Dos ouriços na terra
Lavrada pusesse no ar a tua vida outra vez
O leque do fundo da casa e de ti eu traria
A caminhos de caruma, lançados nas vísceras
Dos pombos, comidas, lá mais para sul.

Nunca é tarde
No gingko se a araucária se abrir
— e o ar passar, de Fevereiro a Março,
E cada batimento nos der, palpitante,
Das folhas o toque nas pálpebras
Em sangue, o teu e o meu

Cobertos de um fio
Que segura, cortante, o leque
Dentro de nós,
E além, batendo
Batendo pousa no chão, rasgado,
De Fevereiro a Fevereiro
O ar
Que respiramos ambos.

Gil de Carvalho
Fevereiro a Fevereiro
Centelha

OS AGRIMENSORES

o que vou dizer é invisível
enquanto ela surge e surge e aparece
como um tegumento

aceito a invisibilidade
o mundo é uma estátua
obriga-nos a uma espécie de cegueira

faz-se a cartografia dos lugares
mas já não há lugares
há um relâmpago e uma prega em simultâneo

digo o verbo terra porque sou ignorante
digo o verbo mãe
com uma suspeição a toda a volta

eles ainda chamam os agrimensores
de campo a campo tudo é visível
para essas toupeiras

eu deixo-me cegar
sei que há um poema que sempre chega tarde
às mãos

objectos coisas semoventes
um hemisfério percorrido pelas setas
de um mapa de ventos

onde estamos?
é isto que perguntas
e há um esplendor

Carlos Poças Falcão
O Invisível Simples
Limiar

LIVRARIA
LISIPO
Livros antigos • Gravuras
Compra e Venda
Deslocamo-nos a qualquer ponto do país
Lg. Trindade Coelho, 7
☎ 346 2771 - 37 35 60
1200 LISBOA

MEDITAÇÃO SOBRE A TRANSPARÊNCIA

Se a transparência
existisse
e pudesse ser para sempre
acorrentada aos olhos

se fosse um nome
caminhando descalço pela
lenta verdade
da água
ou suave tumulto na nudez
petrificada do teu rosto

se ela, dobrada,
se desse a colher aos grossos
e amadurecidos
dedos da mão que te
empurrou traiçoeiramente
para a desordem essencial
da solidão

tu estarias neste espaço
e dir-te-íamos bela
gloriosa, evocativa de não sei que
mitológica imagem.

Mas a transparência
não existe. É sim as coisas
cuja verdade ela decanta
segundo um obscuro critério.

Algumas vezes
me ocorre que gritando
te liberto. Só que entre ti
e a minha voz
se ergue a transparência
essa negação da claridade
ou espuma que renasce
ao mornno contacto
do real,

sobe como névoa
a impedir que o sonho
abandone as remotas planíces
despovoadas dos espelhos
e incarne nas bocas
como água
ou como obscena
e impura linguagem.

E enquanto me nutro
da tua solidão
vou meditando a transparência
onde ela tem origem
e limite,

onde a morte
renuncia a ser
ausência.

Laureano Silveira
Os caprichos
Limiar

DISCURSO DE PLATÃO A ALÉPSIS

Tenho o rosto visitado pelo sono e a alma em febre.
E queda-se a tua beleza nos cairéis da pátria
em silêncio. Entras na sala, ébrio e cansado,
como outrora Alcibíades na casa de Agatão.
Tocas o deserto na minha boca e, ombro contra
ombro, esses precipícios vagamente sonhados
do coração. Por ele sobes, entre o alarido
dos comensais, a conhecer o céu azul.

Toda a tarde a brisa elevou no ar as folhas
dos salgueiros, a sombra que cobriu a tua nudez
e esses sonhos que começaram a desunir-se, como
dedos extenuados, no teu dorso. Abrem-me agora
os teus gestos buracos na retina quando o crepúsculo
arrasta ao longe a luz dos horizontes, impedindo-me
de te ouvir, impedindo-me de te fazer falar.

Não queres dizer como esse corpo que na perfeição
me seduz só esperou receber de mim a definição
do homem virtuoso. Tu, que esqueces quantas vezes
o desejo do homem velho não é o de ascender
hoje a história desse amor por escrever
pelo amor de um belo rapaz à imortalidade efémera,
esqueces que os deuses são altos
mas a perfeição também é terrena.

Paulo Teixeira
A Região Brilhante
Caminho

Fernando Pinto do Amaral tomou vulto e voz nos anos oitent
E de reprente a dobrar a década surpreende com *Acédi*
Uma melancolia

O CRÍTICO E O POE

Rui Pacheco

«DL» — Pode parecer insólito como começo de entrevista mas gostaria que falássemos de **graus de parentesco.** *os que ao ler o teu livro surprendi em relação a Francisco Brines.*

Fernando Pinto do Amaral — Ah, não enjeito nada, já posso dizer que não enjeito...

«DL» — É nítido em ti o mesmo equilíbrio entre uma entoação classicante com uma intenção claramente declarativa e uma estratégia de fingimento, onde o privado e a cultura se tornam íntimos e pares. Em segundo lugar, existe nos dois uma mesma interação entre a «paisagem interior», que é a aprendizagem do desamparo, e as paisagens da mudez que têm correspondência directa na facilidade com que nos vossos poemas se evoca o Outono e o Inverno. Queres comentar?

FPA — Tomemos como ponto de partida, que não enjeito a influência do Brines. Ou não é influência, é um universo que se repercute... porque o Brines é um dos três poetas espanhóis dos anos cinquenta de quem eu gosto. Os outros são o Gil de Biedma e o Claudio Rodriguez. Acho qualquer deles muito bons e não enjeito paralelismos com qualquer deles, por ex., com o Brines... Bom, depois a ideia de recorte classizante naquilo que eu faço...

«DL» — Que não tem neste contexto nada de pejorativo.

FPA — Eu sei. Isso é uma das coisas pelas quais eu acabo por reassumir uma certa herança que passa, entre outros nomes, pelo Sena. Ou seja, eu gosto do decassílabo, gosto de uma certa respiração do verso, acho que a poesia não prescinde de uma certa musicalidade e portanto acho que o fôlego do meu verso ganha com uma entoação classizante, se quiseres...

«DL» — Outra coisa que achei curiosa, há algo de mediterrânico na luz dos teus versos. Tal como no Claudio Rodriguez ou no Pavese, é uma luz que mesmo quando é crespucular convoca uma atmosfera tipicamente mediterrânica. Alguma vez tinhas pensado nisso?

FPA — Há uma certa luminosidade mas não me parece que alguém me possa definir como um poeta tipicamente mediterrânico, no mesmo sentido em que se pode falar disso a propósito de Sofia ou mesmo de algumas coisas do Eugénio, muito iluminadas e muito transparentes. Não vou até aí. Eu gosto da noite, sou mais lunar do que solar, para usar uma imagem cara ao Eugénio de Andrade.

«DL» — Sim, mas seja no Pavesse como ao Claudio Rodriguez **terra** *e* **noite** *podem confundir-se no sentido em que é nítido neles a consciência de que a plenitude caminha para o apodrecimento.*

FPA — Esse aspecto é importante. Essa consciência de que tudo desaparece é algo que é importante na minha poesia. Digamos: a consciência do efémero das coisas que passam, de que o poema é uma coisa de circunstância, de que um poema é feito a partir de um determinado acontecimento que depois se repercute ou se dilui. Não significa que isso force a qualquer subordinação realista. Eu insisto num ponto, que às vezes é mal compreendido, que é a ideia de um regresso ao realismo ou ao *sentido*. Não se trata aqui de um realismo inocente, não é uma imitação da realidade, mas devêm, gera-se na experiência. Ou melhor, o poema não tem obrigatoriamente a ver com uma experiência pessoal, no sentido biográfico — o poema pode ser feito meses ou anos depois do acontecimento ou pode ser inteiramente imaginado —, mas sim com uma *experiência vital* que atravessa o poeta e o poeta neste sentido transforma-se também no poema. Eu não sou capaz de fazer uma poesia fria, uma poesia *cool*, meramente lúdica, separada... Na minha poesia insisto muito nisto e tem necessariamente a ver com a minha noção — que é discutível — de que a poesia não é mera experimentação verbal, não é ludismo, ou também é isso mas não é só isso.

DL — Queixava-se o Camilo Castelo Branco de que era um homem sem imaginação mas com uma grande memória. Não sentes que na poesia dos últimos anos houve uma deslocação nesse sentido? Há anos elogiava-se no verso o jogo da surpresa, a imaginação, a novidade, enquanto nos últimos anos a memória tem vindo a criar ascendente nos novos modos de poetar.

FPA — Talvez. A partir de uma certa altura, não obstante poetas como o Herberto, que é um poeta fundamentalmente da metáfora, e à parte outras excepções como o Júdice ou o Nava, reconheço que os veios dominantes da nossa poesia dos últimos 15 anos assentam num certo retorno a ligações de tipo mais metonímico, ou seja, de contiguidades de sentido, em que através de uma palavra se chega a outra e a outras zonas de sentido, e é natural, portanto, que se persiga algo mais próximo da memória e da experiência. Podemos mesmo falar de um certo regresso ao *autor*, que instaura um universo no sentido heideggeriano com o ser tomado como qualquer coisa que *acontece*. O ser não é abstracto, o ser acontece a cada dia que passa, a cada momento que passa. Esta é uma coisa que a poesia actual nos sabe dizer muito bem.

DL — Uma das razões porque te falei no Brines foi porque, e de um modo singularmente próximo de nós, a geração de 50, em Espanha, com os poetas que já citámos e também com o Angel Gonzalez ou o Barral, realizou esse trajecto de reenvio permanente ao real, ao contingente, à memória, ao prosaico dos dias: assumiram a **palavra impura***. Não achas que de certo modo há uma identidade aqui com aquilo que os poetas portugueses dos anos oitenta têm feito? Porque é uma coincidência engraçada.*

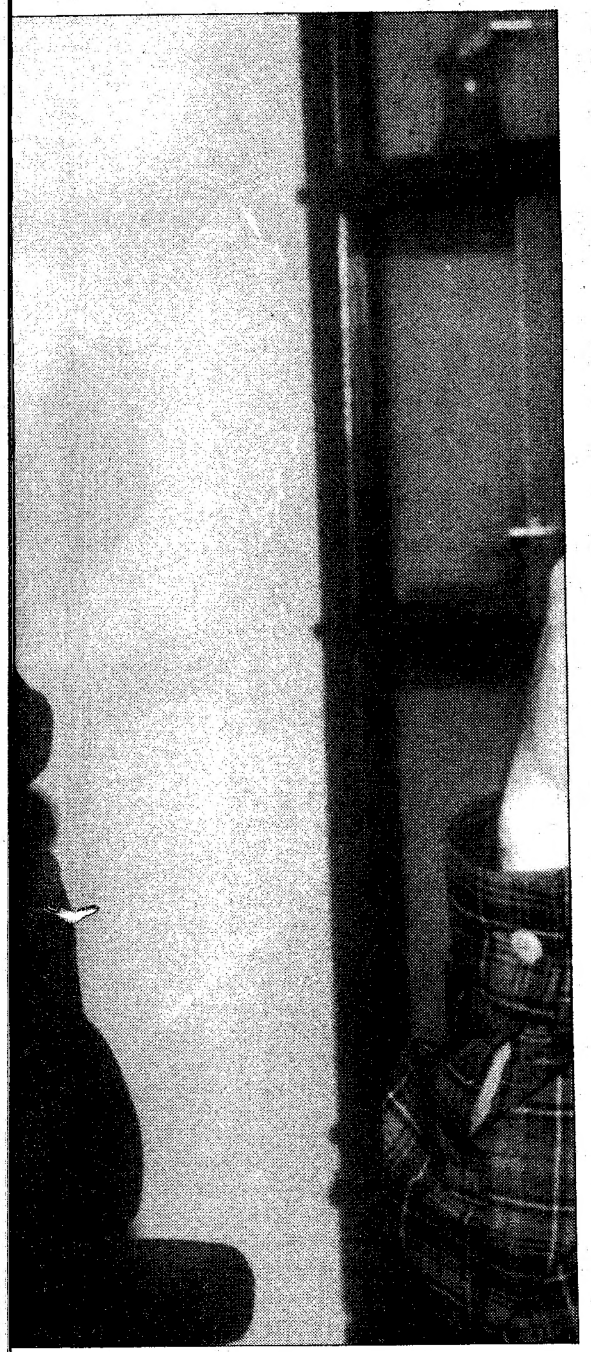
FPA — Acho que há uma certa ressonância ao nível dos universos e há uma atitude perante a escrita que pode ter pontos de contacto. Mas que haja uma correspondência directa ou influência directa não me parece...

«DL» — Nem podia ser, até pelo óbice de o nosso conhecimento deles ser muito recente...

FPA — Sim, mas os nossos anos cinquenta também não foram assim tão maus. Houve poetas importantes revelados nessa década. E depois, para uma certa purificação ou limpeza da linguagem, neste aspecto em particular e gostava de sublinhar isto, os nossos anos 60 foram muito importantes. Houve uma fase dos anos 60 em Portugal em que se privilegiaram duas palavras, *rigor e despojamento*, e a partir destas ideias de base os poetas começaram a ter medo de determinado tipo de intenções mais declarativas ou mais emocionais, emocionalmente assumidas, digamos... E a partir daí, a partir dos anos 70 e 80, voltou a ser possível isso mas já numa linguagem em que se ultrapassaram com mais facilidade de certos clichés frequentes na poesia dos anos quarenta e cinquenta. Ou seja, uma influência da ideia do rigor e da *construção do poema* apesar de tudo foi positiva porque permitiu que os poetas hoje, os libertarem determinado tipo de escrita, já o fizessem de uma forma mais vigiada. Veja-se o que acontece no João Miguel Fernandes Jorge ou no Helder Moura Pereira, mesmo no Al Berto. Nesse sentido penso que houve uma certa evolução em relação ao que se passa em Espanha.

tenta. Tornou-se um dos críticos incontornáveis da sua geração.
cédia, livro de poesia onde ecoa a doença da melancolia.
lia que nos alegra.

ETA INCONFIDENTE



de o
e...
cin-
aus.
essa
fica-
pec-
r is-
por-
em
s pa-
estas
a ter
ções
nais,
. E a
ltou
gem
lida-
dos
uma
ução
por-
erta-
izes-
-se o
ndes
esmo
hou-
ue se

«DL» — Bom, e há um esplendor teórico nos anos sessenta, apesar de tudo. Mas aí a poesia ainda se ancorava na tradução da diferença e no antegozo da ***originalidade****. Hoje, quando tu, por ex., vens a público dizer que a originalidade talvez não seja muito importante...*

FPA — A ideia da originalidade pela originalidade, a mim, neste momento, não me comove em particular nem em absoluto. Os poemas têm de qualquer modo de responder a qualquer coisa que em mim exista, para os captar, para os tentar entender e para encontrar um agenciamento — usemos um termo delleuziano — com esses poemas, porque se isso não acontece, mesmo que esses poemas sejam de facto novos e originais, eu posso reconhecê-los mas posso continuar a dizer «não gosto»... Portanto, eu não considero que a originalidade pela originalidade seja automaticamnente uma caução para se ser bom ou mau poeta.

Para mim não chega. Outro ponto é, que em relação aquilo que se passa hoje em dia, nós estamos inseridos numa época em que existe uma simultaneidade tão grande de registos em relação às várias artes, nomeadamente às artes mediáticas, como o cinema, a televisão e outros, que me põem imediatamente em contacto com tudo aquilo que é a memória da história universal em termos de arte, letras, etc, numa fracção de segundos; e também naquilo que nós fazemos há um grau de herança tão grande que, desde que se tenha lido um mínimo de autores, torna-se impossível fugir a um determinado *cenário.* Cito o caso de um poeta onde se repercute toda essa herança e se assiste a esse jogo de intertextualidades que é o Paulo Teixeira. Ele serve-se para os poemas de temas e figuras que recebe de uma herança cultural. No meu caso particular é diferente...

«DL» — E contudo ainda crescemos a pensar que a voz de cada um se constrói no confronto com uma tradução ou com uma ***presença*** *dominante. Neste período de empréstimos e de um maior dialogismo, que campo nos fica para o* ***confronto****?*

FPA — Bom, em última análise nós estamos sempre em diálogo com as vozes que nos precederam. No meu caso particular...

«DL» — Mas não nos deleitamos hoje com as ***rupturas*** *que nos deliciaram, há duas décadas atrás.*

FPA — Há uma coisa engraçada. Talvez seja a primeira vez no nosso século que uma geração de poetas não procura afirmar-se *contra* a geração que a precedeu. Nós não estamos contra os de 70 ou contra os da geração de 60... absorvemos tudo e a partir daí tentámos encontrar a nossa própria voz. Não há uma atitude de ruptura contra nada nem ninguém e isso é inédito neste século.

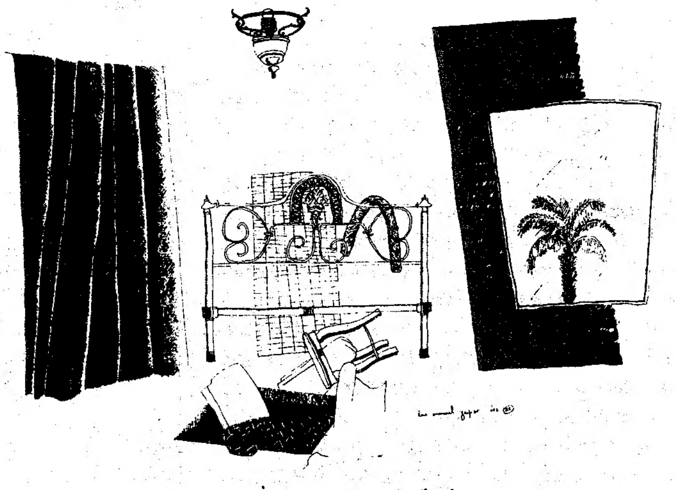
«DL» — Sem que isso signifique que sejamos estômagos relaxados a comer gato por lebre.

FPA — Já agora para continuar com essa imagem, estômagos podemos ser, porque podemo-nos alimentar aqui e ali, podemos depois é não absorver porque a absorção passa-se ao nível do intestino e aí há uma selecção natural. Moral: Não nos interessa eliminar à partida porque muito pouco pode ser absorvido. Aquilo que se lê e não faz efeito é digerido mas sai tudo outra vez, não conta, passou por nós... o resto é que é absorvido e *trabalhado.* Embora aqui este termo me mereça um reparo. Eu não vejo a escrita como trabalho. Gostaria de citar uma frase da Duras: «L'écrit c'est le non travail», o *não-trabalho.* Tudo aquilo que é trabalho tem a ver, para mim, com o livresco, com a investigação, com o trabalho *que se tem que fazer,* com a funcionalidade... a escrita, nomeadamente a poesia foi sempre um território de prazer... e de fuga. Sem que isso signifique que eu encare a poesia como um fruto do ócio, como um 'crochet' para entreter o tempo, não tenho nada a ver com os poetas oficinais, mesmo com todo o respeito que me mereça um Carlos de Oliveira, por ex. Eu vivo perfeitamente durante semanas sem que me ocorra um verso. Às vezes acontece.

«DL» — Mas então não te pode sensibilizar muito a ideia de Mallarmé para quem o mundo existe para caber num verso.

FPA — Não, não, eu vivo para outras coisas. Embora, paradoxalmente, também pense que a poesia é qualquer coisa que tem que acontecer; não me repugna nada pensar na poesia em termos de destino.

António Cabrita



SPLEEN

Como se move o mundo. Como foi
inútil regressar àquela casa
e escrever um poema. Sem ti,
a memória não é a memória. Tão pobre,
a luz de setembro no fundo do
mar.

Às vezes não serve de nada
o próprio corpo, uma cidade habituada
à vida e à morte, as nossas e as dos
outros. Fortuitos
foram sempre os milagres, os mais belos
segredos que guardámos.

Era preciso não amar ninguém
e confiar no tempo, entre canções
que corpos como o teu ainda parecem
dançar. Por um instante
acreditei na salvação, em tudo o que
dizias.

Talvez então as luzes se acendessem
apenas para nós, e alguém viesse
beber connosco um gin, falar-nos por
acaso. Entenderíamos
como nascem e morrem os deuses,
esse estranho fenómeno do gelo
derretendo nos copos, uma esperança
até de madrugada. Nunca soube
quem eras — só a música
me seria fiel. Para quê
depois de tanta dor, recomeçar
à procura de um nome, viver outra
vida?

Como se move o mundo. Como é falsa
a penumbra da noite, essa teia
de lágrimas. Em vão
sobe o fumo infeliz de um cigarro,
a saudade das coisas impossíveis.

Acédia
Assírio e Alvim

O FIM SEDUTOR DA SEDUÇÃO

Ao inscrever a sedução num devir plural, **Seductions**, Sarah Kofman põe em evidência a diferença entre as vias sedutoras adoptadas pelos autores-sedutores e a persistência do modo de sedução na produção criadora. O título deste livro refere-se mais particularmente ao ensaio inédito sobre a **Religieuse** de Diderot. Reencontramos aqui o questionamento da escrita nas suas relações com a histeria (e, portanto, a mulher), como também à pintura e ao político.

Mulher, pintura-literatura, político recorrem à estratégia sedutora ou, melhor, a sedução lhes é intrínseca. Na Religiosa, Diderot mascara-se por detrás da personagem feminina para armadilhar o Marquês de Croismare que verdadeiramente crê — (e Diderot não teria abusado neste caso da primeira sílaba do próprio nome do pobre marquês?) — que uma religiosa lhe pede a sua intervenção para a salvar do convento. Suzana, a religiosa de nome assaz sedutor, ou seja Diderot, descreve as cenas apavorantes da vida monástica à qual a sua mãe a obrigou a sujeitar-se. Para imitar a religiosa, ilusionar o leitor, Diderot deve abdicar do seu talento de escritor. Um estranho percurso de escrita se desenvolve; depois de ter escrito a primeira versão, o filósofo aplica-se a demolir o seu estilo, debilitar a sua pena de escritor para dar mais força ao texto de um «fraca mulher». O texto define-se enquanto «trompe l'oeil», releva da ordem da pintura, da pintura de género até, *«pintura mais verdadeira que o real cuja verosimilhança ultrapassa»*, assemelha Diderot ao pintor *(«son pittor anch'io»)* cuja figura seria Zeuxis. Por trás do quadro que encanta o leitor, Diderot exibe uma crítica feroz à religião que não pode subtrair-se à censura senão passando pelo processo hipnótico da sedução.

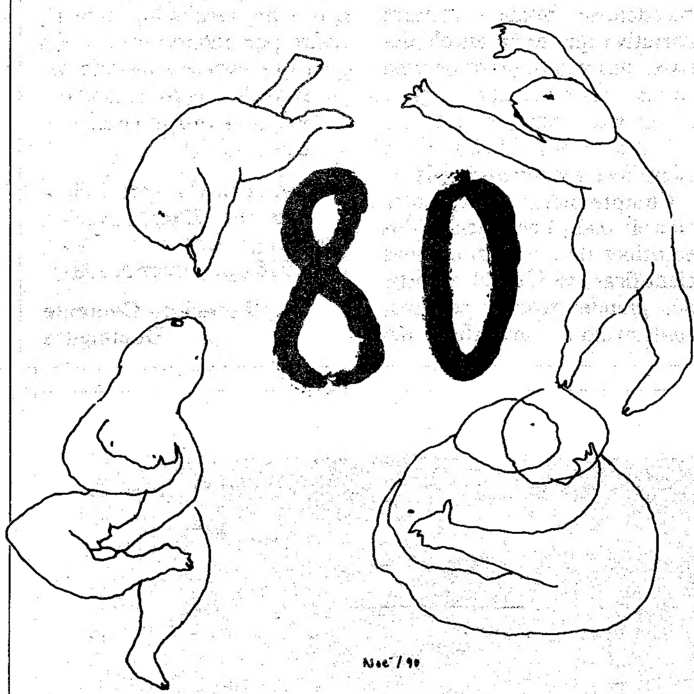
Ora, o que indica Sarah Kofman, é que se o texto de Diderot consegue escapar à censura, é porque, fundamentalmente, Diderot não desmorona verdadeiramente o essencial. Diderot utiliza a «boa» sedução da criatividade literária para criticar a «má» sedução nos conventos mas mantém a base do edifício: o natural sedutor da mulher. Ao afirmar que *«por natureza a mulher é sedutora»*, Diderot coloca um elemento estável, imutável, ao qual as revoluções não trarão nenhuma mudança. Além disso, ou no seguimento disso, estabelece uma relação estreita entre a inocência e a ignorância, preservando deste modo um *«inabalável axioma teológico»*. À semelhança de Rousseau (1), portanto, Diderot transpõe os preconceitos religiosos relativos às mulheres para os ancorar na Natureza, o que explicaria porque a Revolução *«tão pouco melhorou a situação das mulheres e tão pouco modificou a literatura»*. Assimilada à mulher, a literatura seduz, oferece, através do simulacro, um certo prazer; a escrita contamina o leitor de um processo histórico. Dissimulado, velado como uma mulher, o texto de Diderot recusa a obscenidade e constrói-se no fragmentário e no inacabado. *In fine*, Sarah Kofman convoca Freud para propor a hipótese de uma outra mulher, de uma outra literatura *«desembaraçadas do desejo de fascinar e de seduzir»*. Ao extorquir ao texto o seu segredo histórico, Sarah Kofman encaminha-se para este outro percurso, no entanto, **Séductions**, não deixa de seduzir...

(1) Ver a este propósito o artigo de S.K., «Os fins falocráticos de Rousseau», **Revista de Comunicação e Linguagens**, n.º 5, (As Paixões), Novembro de 1987.

(Sarah Kofman, **Séductions — de Sartre à Héraclite**, Galilée, 1990, 181 págs).

Chaké Matossian

HABERMAS HOMENAGEADO



Jürgen Habermas completou no ano transacto 60 anos de vida e mais de 35 de intervenção intelectual na sociedade contemporânea por meio dos seus inúmeros escritos. Longe vão os tempos em que se dedicava à crítica literária e cultural nas páginas do «Frankfurter Allgemeine Zeitung». A extensa obra, de que hoje se pode orgulhar, deixou há muito tempo para trás o estilo incisivo e pertinente do então ainda jovem articulista para se dedicar à edificação penosa de uma complexa teoria da acção social do homem que não lançasse este último nem no entusiasmo acéfalo do radicalismo revolucionário nem na febre letárgica do desencanto e da desilusão face aos insucessos das utopias clássicas, sem abandonar, contudo, o seu cunho de radicalidade crítica.

Na base desta volumosa colectânea de contribuições de cariz diversa encontra-se um consenso fundamental entre os seus diferentes autores. Todos consideram Habermas um representante consequente de posições iluministas num país, e em geral num mundo, ameaçado por vagas, não pouco frequentes, de anti-iluminismo. A obra deste pensador é encarada como a continuação do projecto da Teoria Crítica, sem se revestir de um carácter epigonal (como assegura Leo Loevanthal, um dos fundadores dessa teoria a par de Horkheimer e Adorno), numa orientação que empreende a síntese das diversas parcelas e momentos da razão, hoje dispersos, num conceito alargado de racionalidade concebida no âmbito de uma comunicação livre e emancipadora. Todavia, como não podia deixar de ser, o consenso foi enriquecido com críticas profundas, algumas bastante duras, às análises e ideias de Habermas. Karl-Otto Apel submete a concepção habermasiana do agir comunicacional ao flagelo de um questionamento, formulado na base da sua ideia de pragmática transcendental, com o intuito de, com a demonstração da ausência de uma resposta inequívoca às questões assim formuladas, tornar claras algumas falhas graves na consistência teórica do projecto habermasiano, tentando deste modo corroborar as virtudes do seu tipo de pragmática face à pragmática universal do seu adversário.

Curiosamente, o mesmo estilo de confrontação crítica é escolhido por Herbert Schnaedelbach, cujas ideias têm sido assiduamente chamadas à colação nos textos de Habermas. Na opinião deste autor, o recurso que Habermas faz, na sua análise do **Discurso Filosófico da Modernidade**, a um Hegel invertido de acordo com os cânones materialistas é resultado de um equívoco fundamental. Pois, apesar de Hegel efectuar uma formulação filosófica do espírito da modernidade, não teria sido o responsável pelos seus alicerces normativos. Este mérito caberia antes, na sua opinião, a Kant. Em contrapartida, Albrecht Wellmer, na sua análise do critério habermasiano da compreensão de um acto de fala (*«compreendemos um acto de fala quando sabemos o que o torna aceitável»*), e Thomas McCarthy, na sua crítica severa à «dessublimação radical» das ideias de razão, verdade e espírito, empreendida pelo behaviorismo epistemológico de Richard Rorty, optaram antes pela via da análise minuciosa de aspectos particulares da teoria do mestre. Outros nomes sonantes da plêiade de pensadores contemporâneos prestam homenagem ao sexagenário, entre eles destacam-se Michael Theunissen, Ernst Tugendhat, Cornelius Castoriadis, Axel Honneth, Charles Tayler, Hans-Georg Gadamer.

A implantação e a relevância da obra de Habermas no ideário contemporâneo é largamente reconhecido e o conjunto dos seus discípulos e incondicionais não parece até aqui ter-se limitado a uma continuação meramente epigonal do pensamento do mestre, embora isso possa vir a acontecer. Resta saber se daqui a uns anos o destino da sua escola não vai recordar-nos o da escola hegeliana que, após uma institucionalização inequívoca, se desmoronou em curto espaço de tempo em consequência da inflexibilidade da sua ala direita e dos golpes demolidores dos seus discípulos de esquerda.

Manuel José S. Loureiro

(A. Honneth, Th. McCarthy, C. Offe e A. Wellmer — org., **Zwischenbetrachtungen im Prozess der Aufklärung. Jürgen Habermas Zum 600** Suhrkamp, 1989, 839 págs.)

Vinte anos esteve prometido o mais recente trabalho de Pierre Bourdieu, **La Nobless d'Etat — grandes écoles et esprit de corps.** Natural, pois, a expectativa que rodeou o seu lançamento, numa altura em que muitos já descreditavam da promessa proferida no início da década de 70.

Como primeira apreciação, o reconhecimento de que estamos perante um trabalho de peso, e não apenas pelas quase 600 páginas do texto. A todos os títulos, esta obra testemunha a maturidade de um dos sociólogos mais importantes deste século.

A ideia de que Bourdieu parte é a de que, nos nossos dias, a elite do poder se constitui como uma nova nobreza — a «nobreza de Estado», nas suas palavras — cuja constituição se fica a dever, antes de mais, ao sistema de ensino, em particular às «Grandes Escolas» (rede de ensino superior paralela do ensino universitário, na qual o Estado francês recruta os altos dirigentes da administração pública). Passo a passo, com rigor e minúcia, Bourdieu procura demonstrar como estas escolas são no presente, um operador indispensável do campo do poder, ao contribuírem para a aproximação das estruturas de capital cultural (que elas próprias distribuem) às estruturas de capital económico.

A tese tinha já sido esboçada antes, mas este trabalho tornou-a de facto mais consistente, com a caracterização do campo do poder e da sua estrutura quiasmática. O princípio das homologias estruturais, que em trabalhos anteriores por vezes aparece como um quase-postulado, é aqui submetido a verificação detalhada: estruturas objectivas (Parte I) e

BOLETIM DE ASSINATURA

ASSINE O **Diário de Lisboa**

NÃO PERCA NENHUMA EDIÇÃO!

Pretendo assinar a partir do dia ___/___/___ Pelo período de

☐ 1 ANO — 18 000$00
☐ 6 MESES — 9 000$00
☐ 3 MESES — 4 500$00
☐ 1 MÊS — 1 500$00

Nome __________

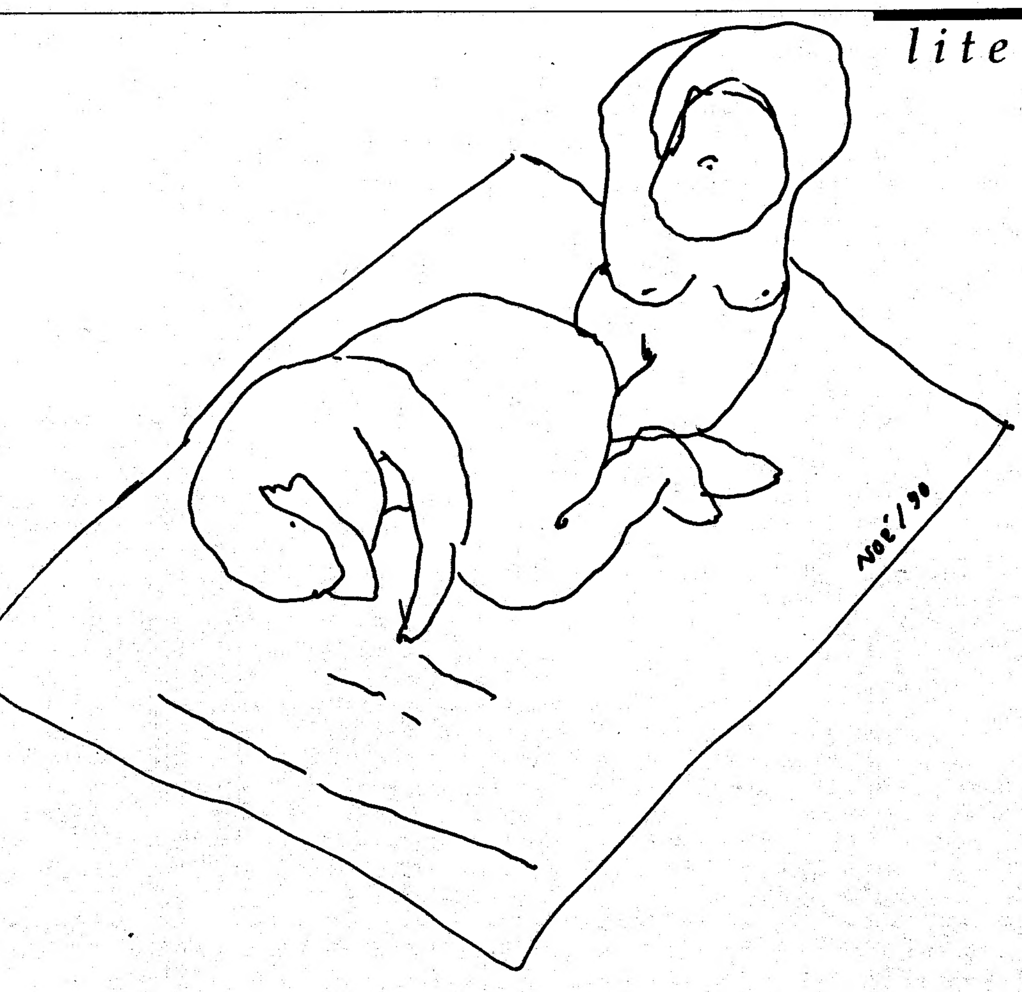
Morada __________

Código Postal __________

Junto envio: ☐ cheque ☐ vale do correio

• Números atrasados: 70$00 cada • Mudança de endereço: 150$00 • Por períodos mínimos de 6 meses poderá também assinar o «Diário de Lisboa» uma vez por semana, embora sempre a edição do mesmo dia da semana, sendo, para esse período, o preço de 1 850$00. • **Informação ao assinante:** os preços acima indicados levam em conta que o jornal beneficia do porte pago postal no território nacinal até 100 gramas, pelo que os encargos postais ali incluídos são apenas os do excesso de peso que todos os dias existe. Se por algum motivo este benefício for retirado, aqueles preços terão de ser imediatamente alterados em conformidade.

Enviar para: **DIÁRIO DE LISBOA — Assinaturas Rua Luz Soriano, 44 — 1200 LISBOA**



ILLUSIO SABER

estruturas cognitivas (Parte III) surgem então numa relação necessária e empiricamente testada. Neste caso particular dos comportamentos culturais — as preferências e os desempenhos escolares — fica demonstrada a função matriz das divisões objectivas do espaço social. Após esta verificação, apresenta-se desde logo plausível a extensão deste mesmo raciocínio a outros domínios da cultura: às formas de disciplina, à opinião política, aos gostos artísticos, etc.

Com toda a crueza, a conclusão é que *«os alunos tendem, na maior parte dos casos, a encaminhar-se para as instituições (e, mais tarde, para posições correspondentes no campo do poder) que exigem e inculcam disposições mais próximas das que são inculcadas pela sua família e das que são exigidas e reforçadas pelas posições no campo do poder às quais essas instituições introduzem» (p.191).* A explicitação surge inequívoca com a apresentação das características sociais dos alunos das «grandes escolas», e a sua diferenciação segundo uma escala de prestígio destas mesmas escolas.

Este facto leva Bourdieu a concluir que as diferenças escolares têm como função prioritária reproduzir as diferenças sociais — aqui reside a razão de fundo do sistema de distinções que estrutura o ensino superior em França: «pequenas escolas/faculdades» e «grandes escolas», por um lado, e, nestas, a distinção entre as «escolas intelectuais» e as «escolas do poder» (entenda-se, poder económico e administrativo). Uma estrutura intelectual que reproduz a estrutura social e que, assim, também a produz e perpetua.

Trata-se de uma reprodução que, à primeira vista, parece comportar uma forma algo rudimentar, pois não evita um certo efeito de deformação da estrutura social: a «escola para todos» é uma ilusão que alguns (poucos) conseguem tornar realidade. Mas trata-se de uma reprodução que, por outro lado, apresenta uma mais-valia fundamental: a sua aparente imparcialidade — garantida pelo sistema de redistribuição estocástica, graças ao qual *«a transmissão escolar compensa o seu menor rendimento reprodutivo com uma eficácia superior na dissimulação do trabalho de reprodução»* (p. 410).

A investigação refere-se à sociedade francesa e ao sistema de ensino deste país, sendo a atenção do autor focalizada nas mais recentes grandes transformações políticas e do sistema de ensino superior: como a Escola Normal Superior (ENS), após o período aureo, na Terceira República, inicia um progressivo declínio que atinge ponto culminante na Quinta República — com o Estado tecnocrático de uma nova elite, maioritariamente burguesa e parisiense, que é formada pela Escola Nacional de Administração (ENA). Esta nova elite do poder não é, como se sabe, fenómeno apenas francês, pelo que é com relativa segurança que nos podemos permitir o exercício de extrapolação de resultados.

O rigor da investigação empírica não esgota toda a riqueza desta obra. É marcante a preocupação de definir um horizonte mais amplo para as suas conclusões, reenquadrando a pesquisa empírica realizada num plano teórico bem delineado. É neste contexto que devem ser enquadrados os pressupostos mais nihilistas subjacentes às conclusões referidas. Para Bourdieu, este trabalho é mais um exercício de desconstrução do discurso épico da modernidade: o Estado moderno, a ideologia republicana, a meritocracia, a escola laica ou a teoria do serviço público assumem, a esta luz, a simples dimensão de mecanismos de adaptação estrutural. A retórica do nosso tempo para criar a *illusio* que transforma o que é intrinsecamente arbitrário em algo reconhecido como «natural».

A leitura que decorre desta obra deve, porém, evitar reducionismos precipitados. Bourdieu reivindica ainda uma certa viabilidade do «Iluminismo». Por um caminho estreito e sinuoso, afirma a ciência social como meio do esclarecimento ainda possível, através da sua forma mais positiva — a de verdadeiro conhecimento: *«a ciência social trabalha espontaneamente contra o fanatismo, enraizado num obscurantismo fetichista, ao obedecer à sua vocação de desnaturalização e de desfatalização, revela os fundamentos históricos e as determinações sociais dos princípios de hierarquização e de avaliação que devem a sua eficácia simbólica ao facto de serem vividos e de se imporem como absolutos, universais e eternos»* (p. 15).

Trata-se, de facto, de uma afirmação muito *sui generis* do princípio crítico, que por isso mesmo merece melhor fundamentação. Sobre isso Bourdieu não formula promessas, mas porque não admitir que um dia nos possa vir a surpreender?

(Pierre Bourdieu, **La Nobless d'Etat — Grandes Ecoles et Esprit de Corps,** Ed. de Minuit, 1989, 569 págs.)

João Pissarra

CIÊNCIA E ILUSTRAÇÃO

Este livro abre com uma breve explicação da sua razão de ser e com o enunciado do projecto ambicioso a que se lança: é que desde o clássico **History of science, technology and philosophy in the eighteenth century,** publicado por Abraham Wolf em 1939 e ainda hoje obra de consulta indispensável, não tinha aparecido nenhuma obra actualizada de síntese geral sobre a ciência no século das Luzes. Foi precisamente esse fosso de mais de quarenta anos que Thomas Hankins pretendeu colmatar.

Bem entendidas as coisas, se é certo que se acumulou entretanto muita informação ao mesmo tempo que se foram revelando novas perspectivas de interpretação da época e da ciência europeia no período em causa, a ideia aqui não é exactamente a de fazer um *up-to-date* dos dois volumes de Wolf. Este pequeno livro pretende insistir numa visão global das disciplinas e das ideias científicas, enquanto Wolf se deteve mais atentamente na história das tecnologias e dos instrumentos científicos (sobre os quais Maurice Daumas escreveu entretanto uma outra visão de síntese), e as diferenças não deixam de ser visíveis.

Por outro lado **Science and the Enlightenment** surge numa colecção de obras similares destinadas em primeiro lugar aos estudantes universitários de história das ciências, o que justifica uma forma de apresentação dos problemas que prima pela inteligibilidade mas sem denotar a mínima concessão ao rigor académico desejável. Nesse sentido, é muito um género de manual que a historiografia anglo-saxónica produz com êxito assinalável.

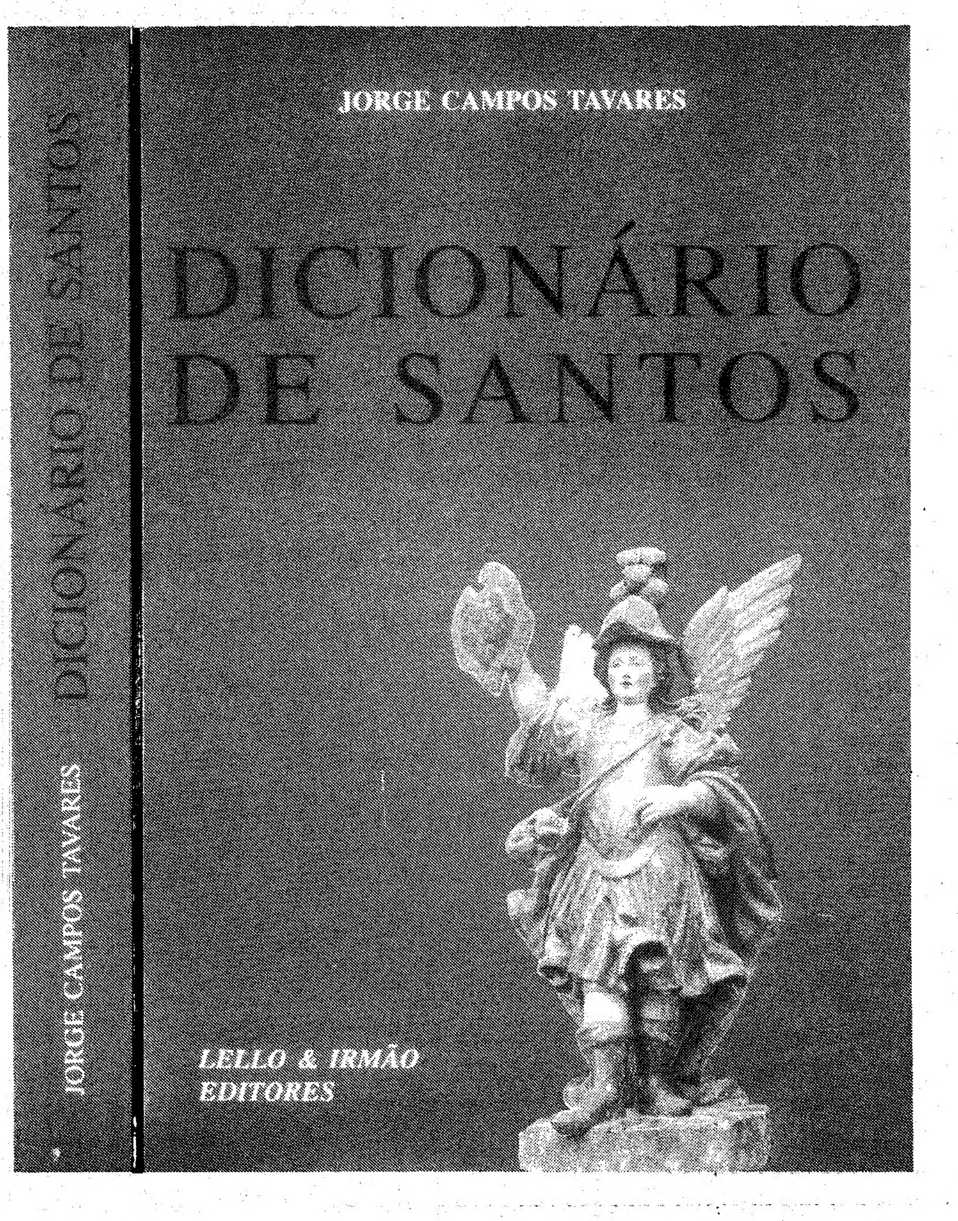
Depois de um capítulo inicial que traça as linhas gerais do quadro científico no século XVIII, e que é porventura o mais conseguido, Hankins seguiu a solução usual de divisão por disciplinas, que acaba se revelar adequada para o tipo de livro e público a que se dirige: matemática e ciências exactas, física experimental, química, história natural e fisiologia sucedem-se numa estrutura narrativa que se desenrola debaixo dos nossos olhos de uma forma perfeitamente lógica, culminando com um capítulo sobre a relação dos ideários científicos e político-sociais.

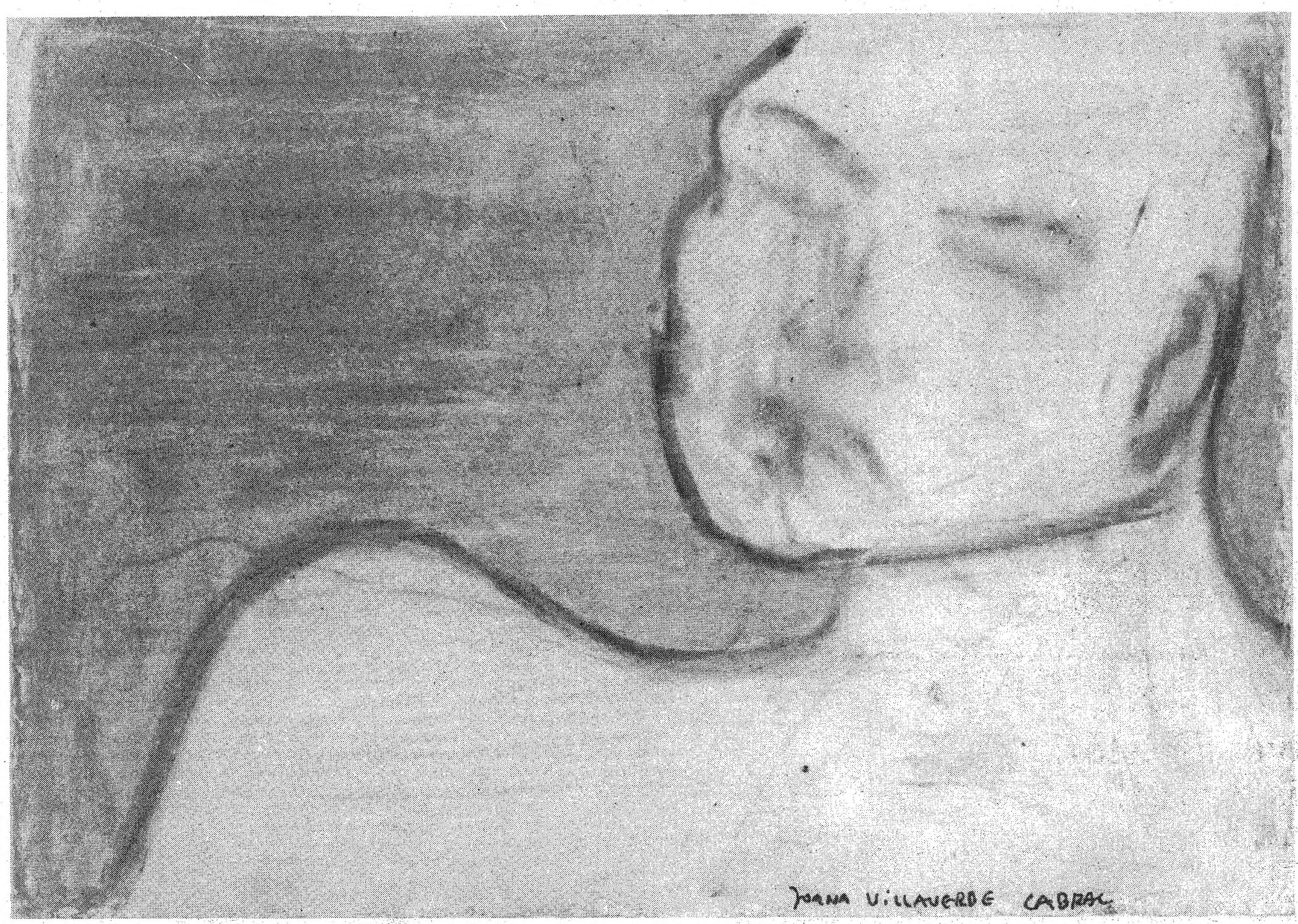
Cumpre notar a particular atenção dada à emergência dos embriões de novas disciplinas científicas, verificável a partir dos grandes troncos comuns, contornando a armadilha tão frequente que reside na procura (tantas vezes subconsciente) do «fio condutor» de uma concepção evolucionista do pensamento e das realizações científicas. Resultado de uma segurança metodológica tão evidente quanto a informativa, embora sem esmagar eruditamente o leitor. Criticável, mas compreensível no quadro de uma opção que privilegia os destinatários imediatos, é o facto de as citações serem raras vezes feitas a partir das fontes primárias, aparecendo sempre vertidas para inglês corrente. Em contrapartida não nos recordamos de ter visto alguma vez um livro tão bem ilustrado, não só pela qualidade das gravuras (do ponto de vista histórico) mas sobretudo pela legendagem que completa excelentemente o texto.

O autor propôs-se um objectivo cujo resultado, notável, acaba por interessar a quem quer que estude a história das ideias da ilustração. É uma tradução que já tarda no nosso panorama editorial.

Thomas L. Hankins, **Science and the Enlightenment,** Cambridge University Press, 1985, 216 pp. — reimp. 1987).

Francisco Contente Domingues





De quando em quando há
um precipício, um desatino nas coisas,
encadeamentos nebulosos a que
nos levam palavras, olhares.

Nada altera a substância do mundo,
nem o acreditado sentimento nem,
em irradiado poder,
a inesperada metáfora.

Tudo está no vazio,
nesse estremecimento. Tu, mesmo
tu, levas o teu nome ao impasse,
à perda das coisas nele contidas.

É então, de quando em quando,
que voa a trave do pensamento,
a pedra da alma, o sangue,
o sangue encordoado e brilhante
e acordas impaciente,
parado, e te afundas
na ideia de morte.

O nome que tomba dentro
da cabeça um estremeção
na boca a solidão a incerteza
do corpo noutro, as tuas mãos
não há tempo para perguntas.

Há-de passar este verão,
e outro, e em vagar de poço
apodrecer a vida, a ilusória
luz do corpo, o destino
de todas as palavras são
só imagens, flexões da tua
terceira pessoa, desmoronamentos
do que dizes, comoção sombria.
E a isso, à mudança das coisas,
dos lugares
e usos do amor,
chama-se, sem o saberes,
morte.

Fernando Luís
in
As Escadas não têm Degraus, 3

OS AROMAS

Todos os aromas se projectam num templo de ervas.
As ninfas atravessam o seu pórtico.

Um molho de aves desfaz-se contra as dunas da pedra.
Moldam-se as imagens,
o chão abre-se no seu voo.

À espera do mundo estão os outros seres do vento.
Os pássaros correm pelas telhas,
sufocam.

A pele rompe-se
virada para o infinito.

Uma mulher de preto tira o leite de uma vaca
e adormece no silêncio.

Jaime Rocha

NOTA: O artigo do número anterior intitulado «O meu problema» é da autoria de **Dimíter Ánguelov** e tinha título original «A questão dos problemas». O título correcto do artigo de José Manuel Jara devia ser «Crítica da loucura na loucura da crítica» e não «Loucura na loucura da crítica».